



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
REGIONAL E LOCAL

ENTRE CORDÕES E BATUCADAS: FESTAS DE MOMO,  
URBANIZAÇÃO E IDÉIAS DE MODERNIDADE EM SANTO ANTÔNIO  
DE JESUS (1930-1950)

MAITÊ DOS SANTOS RANGEL

SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
ABRIL / 2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MAITÊ DOS SANTOS RANGEL

ENTRE CORDÕES E BATUCADAS: FESTAS DE MOMO,  
URBANIZAÇÃO E IDÉIAS DE MODERNIDADE EM SANTO ANTÔNIO  
DE JESUS (1930-1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Raphael Rodrigues Vieira Filho

ABRIL / 2010

---

R163 Rangel, Maitê dos Santos.  
Entre Cordões e Batucadas: festas de Momo, urbanização e idéias  
de modernidade em Santo Antônio de Jesus (1930-1950). / Maitê dos  
Santos Rangel - 2010.  
117 f.: il

Orientador: Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho.  
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa  
de pós-graduação em História Regional e Local, 2010.

1. Carnaval. 2. Festas Folclóricas. I. Vieira Filho, Raphael Rodrigues.  
II. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-graduação em  
História Regional e Local.

CDD: 394.25

---

Elaboração: Biblioteca Campus V/ UNEB  
Bibliotecária: Juliana Braga – CRB-5/1396.

ENTRE CORDÕES E BATUCADAS: FESTAS DE MOMO,  
URBANIZAÇÃO E IDÉIAS DE MODERNIDADE EM SANTO ANTÔNIO  
DE JESUS (1930-1950)

MAITÉ DOS SANTOS RANGEL

Orientador: DR<sup>o</sup>. RAPHAEL RODRIGUES VIEIRA FILHO

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Aprovada por:

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Raphael Rodrigues Vieira Filho (Orientador)

---

Prof. Dr. (a)

---

Prof. Dr. (a)

---

Prof. Dr. (a) Suplente

---

Prof. Dr. (a) Suplente

ABRIL / 2010

*À todos que contribuíram para a realização desse trabalho.*

*[...] a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, 'tudo que é sólido desmancha no ar'.*

*Marshall Berman*

*Olhos novos para o novo! Tudo é outro ou tende para outro!*

*Pedro Kilkerry, Bahia, 1913*

## RESUMO

Esse estudo traz para a discussão historiográfica as festividades carnavalescas – a micareta e o carnaval – de Santo Antonio de Jesus nas décadas de 30 e 40 do século XX. A cidade, nesse período, passava por algumas transformações urbanas impulsionadas pelas idéias de modernidade que adentravam no espaço citadino através das elites locais. Na prática, havia uma incipiente modernização da estrutura urbana, mas o discurso que propagava as idéias de modernidade assumiu colorações intensas e marcou profundamente a cidade e o espaço da festa carnavalesca. Sobre a micareta, com seus cordões, pranchas, carros de crítica, batucadas e Zé-pereiras, incide o anseio de modernização das elites locais que tentavam instituir um modelo supostamente moderno de comemoração no reino da folia. Contudo, os grupos populares se mantêm ativos nas décadas em questão, dividindo o espaço da festa carnavalesca com as elites locais. A partir da justaposição das fontes e uma minuciosa leitura crítica, foi possível vislumbrar as nuances do movimento festivo que são expostos ao longo desse trabalho. Assim, alcançamos nosso objetivo de compreender as relações que se estabelecem entre as festas carnavalescas, a cidade e o ideal de modernidade. Os jornais O Paladio e O Detetive compõem o acervo de pesquisa e possibilitam ao estudo, compreender a dinâmica da festa e o controle que as elites tentavam exercer nesse espaço. A estas, contrapomos as fontes orais que lançam à reflexão outros sentidos de festejar a micareta e o carnaval no período estudado. Soma-se a essas fontes, imagens que fomentam a análise das relações entre as festas e a cidade. Esses indícios nos levam a concluir que as representações da modernidade projetam sobre a cidade real, uma cidade imaginada. Da mesma forma, sobre as festas reais são projetadas festas imaginárias, ideais e condizentes com as imagens de modernização propagadas pelas elites. Esse universo festivo, marcado pelo movimento dos grupos carnavalescos e pelas idéias e representações da modernidade, é o objeto de estudo dessa pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** festa; micareta; carnaval; modernização; Santo Antônio de Jesus, BA.

## ABSTRACT

This paper is a historiographic discussion about the popular festivities – *micareta* and carnival – in Santo Antonio de Jesus in the 30's and 40's of 20<sup>th</sup> century. In this period, the city was passing through urban transformations provoked by the modern ideas introduced in the city space through the local elites. There was a simple modernization of the urban structure, but the discourse which disseminated the ideas of modernity left its mark on the city and the carnival party space. About the *micareta*, with its ropes, *pranchas*, floats, beats and *Zé-pereiras*, arise the longing of modernization of local elites who tried to establish a model allegedly modern of celebration in the revelry kingdom. However, the popular groups stayed alive in the decades in question, separating the carnival party space with the local elites. After the juxtaposition of sources and a meticulous critical reading, it was possible to glimpse the nuances of the festival that are exposed in this paper. So, the aims of understanding the relations established between the carnival parties, the city and the modernity ideal were reached. The news papers *O Paladio* and *O Detetive* compose the search and enable to the study, the comprehension of the party dynamics and the control that the elites tried to exert on the space. We confront these sources to the oral ones which reflect different ways to celebrate the *micareta* and carnival in the period studied. In addition to these sources, pictures that stimulate the analysis of the relation between the festivities and the city were added. These evidences lead to the conclusion that the modernity representations exert a pictured city on the real city. Likewise, over the real parties, pictured parties are projected, ideal and befitted to the pictures of modernization propagated by the elites. This festive universe, marked by the carnival groups' movement and the ideas and representation of modernity, is the object of this research.

**KEYWORDS:** party; micareta; carnival; modernization; Santo Antônio de Jesus, BA.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Chegada do trem em Santo Antônio de Jesus.....	26
Figura 02 – Aspecto de um dia de feira.....	31
Figura 03 – Sede do Clube Palmeirópolis.....	38
Figura 04 – Convite para os bailes do Clube Palmeirópolis.....	39
Figura 05 – Integrantes da Escola de Samba Psicodélicos.....	42
Figura 06 – Anúncio da Loja das Estrelas.....	59
Figura 07 – Anúncio do concurso para Rainha e Princesas da micareta.....	60
Figura 08 – Resultados da apuração do concurso para Rainha e Princesas da micareta.....	60
Figura 09 – Panfleto carnavalesco.....	62

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
2	<b>A CIDADE</b> .....	25
2.1	<b>O palco da festa</b> .....	28
2.1.1	Aspecto de um dia de feira .....	29
2.2	<b>Dos cordões ao trio elétrico</b> .....	34
2.3	<b>Micarêmes, micaretas... carnavais</b> .....	43
3	<b>E AÍ A BRINCADEIRA COMEÇA</b> .....	54
3.1	<b>A fina flor e os máscaras farroupilhas</b> .....	57
3.2	<b>Nas artérias da cidade</b> .....	71
4	<b>O GRITO DO CARNAVAL</b> .....	84
4.1	<b>Uma versalhada supimpa</b> .....	90
4.2	<b>O carnaval... nos braços de Morfeu!</b> .....	95
4.3	<b>Nos recantos da memória</b> .....	101
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
	<b>FONTES</b> .....	112
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114

## 1 INTRODUÇÃO

Reinado de Momo, tempo de riso e fantasias, de música que faz ecoar nas artérias da História a voz silenciosa, eufórica e festiva dos ritos gestados pela emoção. Palco de confronto, mudanças e movimento, no qual desfilam carros de crítica, máscaras, alegorias luxuosas, limões-de-cera e “tambor feito em casa”<sup>1</sup>. Espaço de (re)invenção simbólica do humano em seu meio social de atuação, vivência e sobrevivência.

Discussões historiográficas são intermináveis. A cada tempo emergem angústias, anseios que impelem os historiadores a (re)avaliar as questões do passado, imbuídos de um tempo presente vivo e marcante. Desta relação, ecoam novos sentidos, métodos, idéias que fazem do estudo da história um processo dinâmico em construção permanente. A análise de um único tema suscita inúmeras abordagens sempre condicionadas às demandas do presente que as contem. E afinal, é cada vez mais presente a idéia de que as escolhas historiográficas têm suas implicações sociais e políticas.

No século XX, os historiadores protagonizam uma renovação da escrita da história ao manejar recursos teóricos e metodológicos disponíveis em outras disciplinas acadêmicas. Essa colheita de *insights*, em áreas de conhecimento como a antropologia e a sociologia, desencadeia a expansão e a redefinição da política que envolve a produção de conhecimento em história.

A reorientação das discussões no cerne das ciências humanas, a mudança de ênfase dos estudos históricos, a adoção do uso de fontes como a literatura e os depoimentos orais, denota um momento de renovação intelectual no qual emerge uma preocupação com as análises históricas e um olhar atento e arguto direcionado para as singularidades das trocas culturais.<sup>2</sup>

Dessa forma, conforme afirma Hunt, é importante considerar que:

Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los. Os historiadores

---

<sup>1</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005. Santo Antônio de Jesus.

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. A ficção capciosa e a história traída. In: GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 13-20.

sempre foram críticos com relação a seus documentos – e nisso residem os fundamentos do método histórico.<sup>3</sup>

A metodologia de pesquisa que antes de mais nada envolve o ato de lidar intimamente com as fontes, define a face crítica do saber histórico. A este processo o historiador deve permanecer atento para não tomar “os textos e as imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de seu tempo.”<sup>4</sup>

A partir da assertiva de que todo vestígio produzido pelo homem pode servir de fonte para o conhecimento histórico, cabe ao pesquisador explorar as especificidades de cada testemunho, historicizar a fonte em estudo, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as formas de construção ou representação da sua relação com a realidade social, interrogando sobre os testemunhos intencionais e não intencionais. Em suma, por em prática uma crítica perspicaz da fonte, já que o passado ganha vitalidade e significado a partir do trabalho de captura do presente.

Seguindo nesta trilha, Roger Chartier defende que o historiador da cultura deve ter em vista que os textos, com os quais trabalha, atingem os leitores de formas distintas e individuais.<sup>5</sup>

O domínio de Momo ocupou inúmeras laudas na historiografia e levou pesquisadores a devassar os meandros da folia em busca dos sentidos do riso. Inesgotável como toda pauta da historiografia, vem a ser nessas páginas objeto de estudo confrontado com as angústias e anseios do agora.

Alguns pensadores da festa defendem que o Carnaval possui origem milenar<sup>6</sup>. Para esses, os antigos festejos greco-romanos eram uma forma de carnaval. Essa análise é feita a partir da associação do carnaval aos ritos de inversão que demarcam um afastamento, mesmo que temporário, da vida cotidiana.

Esse pensamento justifica de certa forma, a idéia de que existe uma linha evolutiva do carnaval, mas coloca a festa diretamente relacionada aos rituais de

<sup>3</sup> HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 18.

<sup>4</sup> BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.33.

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. Textos, Impressões, Leituras. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p.211-238.

<sup>6</sup> Na consagrada análise sobre a cultura popular na Idade Média, Bakhtin recorre ao paganismo para explicar a origem do carnaval, acentuando a identificação entre as saturnais romanas e o carnaval. Ver BAKHTIN, Mikhail M. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993. José Carlos Sebe também defende que a origem do carnaval pode estar na antiguidade egípcia. Ver SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.

inversão<sup>7</sup>. Essa linha de análise não é a única forma de estabelecer uma compreensão da festa de Momo.

Entre as festas da Antiguidade, as bacanais descontroladas e a festa burguesa civilizada não se estabelece uma linha evolutiva.

Bacanais, festas de loucos e carnavais são festejos diferentes com lógicas próprias unidas pelo fato de serem, todas elas, festas. Os ritos de exagero, inversão ou deboche presentes em todos esses eventos aproximam-nos, mas não os tornam 'fases' distintas de uma mesma festa.<sup>8</sup>

Outra perspectiva de análise considera que o Carnaval só existe após o estabelecimento pela igreja de uma data fixa para a quaresma. Mary Del Priore argumenta que:

Ainda que haja antepassados do carnaval na longínqua babilônia e na Roma Antiga, é no calendário cristão que brotam suas raízes mais evidentes[...] por volta do ano 1000, a organização definitiva do tempo cristão assinala a ruptura alimentar entre os períodos de abundância e de jejum. Para marcar o período em que era preciso deixar os prazeres da mesa e da carne, os clérigos forjaram a idéia de *carnis privium* ou *carnis tolendas* (abstenção de carne).<sup>9</sup>

Luiz Felipe Ferreira, partidário desta versão, ressalta que o Carnaval é firmado como um período do ano e não como um tipo único de festa. Os dias que antecederiam a quaresma eram dedicados aos excessos e também aos ritos de inversão da ordem que se destacavam, mas conviviam com outras formas como os exageros, as caricaturas e os descontroles.

Na pesquisa, colocamos em foco dois espaços de carnavalização existentes na cidade de Santo Antônio de Jesus: o carnaval e a micareta. As festas são comemoradas em datas diferentes. Logicamente, o carnaval acontece em período estipulado pelo Calendário litúrgico, geralmente no mês de fevereiro. Já a micareta acontece sempre depois da Semana Santa, mas em dias variáveis.

Esses espaços de comemoração serão analisados. Sobre a micareta nos deteremos com mais atenção ao longo desse trabalho. Mas, antes de adentrar no universo festivo santantoniense, vamos analisar algumas interpretações que circundam o carnaval.

Segundo Luiz Felipe Ferreira, no início do século XIX, essa idéia do Carnaval como festa de inversão foi utilizada pela elite francesa. Para o autor, nesse período

---

<sup>7</sup> FERREIRA, Luiz Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

<sup>8</sup> FERREIRA, 2004, p. 67.

<sup>9</sup> DEL PRIORE, Mary. Outros Carnavais. **Nossa História**, Ano 2, n. 16, fevereiro de 2005. p.16.

tentou-se estabelecer uma linha evolutiva para a festa carnavalesca que conduziria para o carnaval das elites francesa. Nessa perspectiva o carnaval das elites francesas era colocado como o legítimo herdeiro da tradição milenar, o verdadeiro carnaval. Toda manifestação que não se enquadrasse nesse conceito de carnaval era o não-carnaval, portanto indigno do panteão das festas ditas civilizadas. Essa compreensão foi manejada na implementação da festa carnavalesca em outros países, inclusive no Brasil.<sup>10</sup>

O texto de Luiz Felipe Ferreira apresenta informações importantes para delinear a história do Carnaval, contudo *O livro de ouro do Carnaval brasileiro* não aprofunda a análise de muitas questões inerentes ao universo festivo brasileiro.<sup>11</sup>

A partir da convenção de que os dias anteriores à quaresma são de comemoração carnavalesca as disputas pelo espaço se estabelecem em investidas de ocupação, imposição de pontos de vista e formas de brincar. “

Se no início do carnaval não havia grandes lutas pela conquista das ruas dos burgos medievais” – ocupadas em abundância pelas festas do povo – à medida que as classes dominantes se envolvem a querela se torna mais e mais importante, a ponto de podermos afirmar atualmente que é exatamente essa batalha que faz com que o Carnaval tenha sentido.<sup>12</sup>

As disputas pelo domínio no universo momesco nem sempre são encenadas em lutas físicas: o embate pode ser travado no campo do simbólico. No campo do risível, muitas vezes configurado também como campo de batalha, a balança tende a pender para o lado que detém o poder. Mas, as contendidas que tiveram como palco o reino de Momo nem sempre foram resolvidas de forma tranqüila.

No Rio de Janeiro, as elites, apesar das tentativas, não obtiveram êxito em seu propósito de expulsar das ruas a festa popular.<sup>13</sup>

Para entender o espaço de comemoração carnavalesca, sobretudo após o século XIX, é preciso:

[...] compreender a disputa travada para se saber quem é seu dono. De um lado, a elite, que inventa o próprio significado da folia e procura impor a festa imaginada por ela como a única verdadeira, de outro lado, as camadas populares, divididas entre a atração pelos

---

<sup>10</sup> Cf. FERREIRA, 2004

<sup>11</sup> Outro autor que descarta a origem pagã da festa carnavalesca é o espanhol Julio Caro Baroja. Ver SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. **Tempo** 7. Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999.

<sup>12</sup> FERREIRA, 2004, p. 69.

<sup>13</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da Folia: uma História Social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

fascinantes eventos que a elite propõe e o saudável impulso de esculhambação.<sup>14</sup>

No tabuleiro, as elites, as autoridades e os adeptos dos limões-de-cheiro posicionavam-se em disputa pelas ruas carnavalescas: às investidas contra os brinquedos populares se interpunha a insistente presença destes nas ruas brasileiras. A frente de combate ao considerado 'bárbaro' festejo fora de um determinado padrão, intentava não só proibir, mas também substituir a festa popular por uma forma elegante e moderna: os bailes à fantasia.

Os bailes carnavalescos à francesa aportam em terras brasileiras com ares de sofisticação. Trazem consigo a regra básica de controle absoluto e ordenação dos salões. O salão era espaço para os mascarados, não se podia fumar e o silêncio era exigência durante a execução das danças.<sup>15</sup>

No itinerário momesco soteropolitano os bailes públicos e os préstitos dos clubes carnavalescos, com seus carros de crítica e de idéia, que chegavam a atingir alguns metros de altura, se posicionaram nas trincheiras da folia para “[...] suplantar a ‘grosseria’ do entrudo, cujo espírito sobrevive, vestigial, nos cordões, nos blocos e nas mascaradas avulsas.”<sup>16</sup>

Esse Carnaval civilizado é apresentado como “[...] um grande acontecimento que envolve a todos, que é congregar, democrático [e envolve] a participação livre e igualitária de toda a população da cidade [...]”<sup>17</sup>. Cabe ressaltar que esse modelo de Carnaval que se coloca como democrático, é pensado e instituído com o fim de extinguir das ruas formas populares de festejar.

Na Bahia já se falava em Carnaval desde a década 1840. Era relacionado pelos leitores dos jornais do período aos bailes realizados em salões fechados e sujeitos a um controle rigoroso, neles só podendo ingressar os convidados.

Os primeiros bailes foram organizados em Salvador mais ou menos na mesma época da sua chegada ao Rio de Janeiro, primeiros anos da década de 1840. Seus freqüentadores formavam a elite da cidade, contudo deveriam informar previamente quantas pessoas

---

<sup>14</sup> FERREIRA, 2004. p. 65-66.

<sup>15</sup> FERREIRA, 2004. p.110.

<sup>16</sup> FRY, Peter; CARRARA, Sérgio; MARTINS-COSTA, Ana Luiza. Negros e brancos no Carnaval da Velha República. In: REIS, João José. **Escravidão e Invenção da Liberdade: estudo sobre o negro no Brasil**. Brasiliense, 1988. p. 251.

<sup>17</sup> FRY; CARRARA; MARTINS-COSTA, 1988, p. 245-246.

acompanhariam o portador do convite intransferível para evitar as confusões das ruas no recinto do baile.<sup>18</sup>

Nos anos de 1860, o Teatro São João em Salvador era palco de sofisticados bailes de máscaras no período carnavalesco. A Traviata, ópera italiana empolgava a quadrilha que iniciava o baile. E noite adentro eram tocadas diversas valsas e polcas. Mascarados, os foliões se divertiam entre quadrilhas, óperas e o Galope Infernal que encerrava o baile.<sup>19</sup>

No despontar do século XX, alguns ritmos são incorporados aos bailes. *Cake-walks*<sup>20</sup> e maxixes empolgaram os salões. “Mas será a chamada marchinha que tomará conta dos salões carnavalescos e, logo depois, das ruas das cidades brasileiras” abrindo alas para o desfile de foliões no reino de Momo<sup>21</sup>.

Em Salvador, o samba foi a música predominante depois da passagem do século XIX. Essa presença marcante influenciou a adoção desse ritmo nas festas momescas santantonienses. Como será exemplificado posteriormente, o samba acompanhou muitos cordões, batucadas e outras manifestações tanto das elites quanto populares.

Os sambas eram comuns nas ruas em dias de festa na Bahia, mas despertavam olhares reprovadores por serem considerados espaços que favoreciam a violência, a desordem moral e a corrupção dos costumes.<sup>22</sup>

Além das disputas há nesse espaço de festa o diálogo. As diversas festas, populares e elitistas, se influenciam mutuamente, gerando outras festas que se colocam novamente em diálogo, num movimento incessante de criação e recriação da folia. A partir dessa concepção vamos analisar os meandros da micareta de Santo Antônio de Jesus.

Os domínios carnavalescos conquistaram muitos pesquisadores que dedicaram seus estudos e uma curiosidade inquietante à análise das artimanhas da folia. O carnaval foi e será pauta de muitas pesquisas: sua polissemia atrai os

---

<sup>18</sup> VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **A africanização do Carnaval de Salvador, BA: a re-criação do espaço carnavalesco (1876-1930)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação, São Paulo, 1995.p.92.

<sup>19</sup> VIANNA, Hildegardes. Do Entrudo ao Carnaval na Bahia. **Revista Brasileira de Folclore**. Ano V, n. 13, set/dez 1965.

<sup>20</sup> Uma forma de dança que tem origem entre os negros americanos. Ver: FERREIRA, 2004.

<sup>21</sup> FERREIRA, 2004. p.123.

<sup>22</sup> ALBUQUERQUE, Wlamira Ribeiro de. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)**. Campinas, SP: editora da UNICAMP/ Centro de Pesquisa em História Social, 1999.

olhares que adentram ávidos em seu espaço, em busca dos múltiplos significados de carnavalizar.

Em Santo Antônio de Jesus, as festas carnavalescas, e principalmente a micareta, comportam diversas manifestações festivas. No carnaval, os populares estavam presentes com o seu Zé-pereira, em grupos fantasiados e mascarados a cantar “[...] o samba [que] às vezes ia até de manhã”<sup>23</sup>.

Nas décadas em que se concentra esse trabalho, os cordões das senhorinhas das elites não compõem as festividades do carnaval, com a mesma intensidade em que estão presentes na micareta. As elites santantonienses comemoram o carnaval em bailes realizados nas sedes dos clubes da cidade. Outra opção que se apresentava para as elites era o deslocamento para o carnaval soteropolitano. As visitas à capital, além da diversão, tinham o sentido de buscar novidades para incrementar a micareta. Veremos no decorrer desse texto que o referencial externo é marcante nessa festa.

Na micareta, os representantes das elites e os populares ocupavam o espaço festivo, levando para as ruas cordões, pranchas, batucadas, Zé-pereiras, marujadas e outras formas menos freqüentes nessa data, como o Bumba-meu-boi. Essa diversidade encontrada nas fontes, será exposta e analisada com mais atenção nas próximas páginas.

No reino do Carnaval impera a heterogeneidade e nesse espaço podem se expressar conflitos, mudanças e movimentos. O carnaval, ao longo da história, aglutinou festejos e brincadeiras do povo e da elite, “significando coisas diferentes para diferentes pessoas”<sup>24</sup>. Festejar a micareta – e o carnaval – significou coisas diferentes para os inúmeros participantes, nos diversos momentos vivenciados pela festa santantoniense.

Tanto a micareta quanto o carnaval, são apreciados em Santo Antônio de Jesus. Nas décadas de 1930 e 1940, período estudado nessa pesquisa, as duas datas são comemoradas. As camadas mais populares estão presentes em ambas, com seus grupos fantasiados, improvisados ou não. Os representantes das elites locais retiram suas apresentações do espaço público, durante o carnaval e concentram seus esforços na micareta, realizada depois da Páscoa. Essa relação será discutida mais profundamente mais a frente nesta dissertação.

---

<sup>23</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005. Santo Antônio de Jesus.

<sup>24</sup> BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.215.

Ao longo do trabalho, quando falamos em festas carnavalescas estamos fazendo referência ao carnaval e à micareta. Essas festas, apesar das diferenças nas datas e nos títulos, apresentam formas de comemoração coincidentes, afora apenas os divertimentos da elite, mais recolhida no carnaval e pública na micareta. Outros elementos aproximam as festas. Nas fontes estudadas, sobretudo nas narrativas dos depoentes, o carnaval e a micareta estão intrinsecamente relacionadas.

A pesquisa surgiu no arquivo empoeirado da cidade de Santo Antônio de Jesus e foi tomando forma entre as notas dos jornais e as falas desgastadas pelo tempo, mas, ainda capazes de entoar as notas que embalavam versos e canções carnavalescas. Entre esses vestígios do passado, emerge uma movimentada micareta, que fez ecoar nas artérias modernizantes de Santo Antônio de Jesus nas décadas de 1930 e 1940 o som inebriante da alegria que rejuvenesce!

O Carnaval sempre foi adorado, mas a Micareta é que foi a grande paixão dos santantonienses. A festa, capaz de atrair grande público em toda região, agitava e coloria as ruas, praças e salões com máscaras e fantasias. Despertava grupos foliões dos mais variados tipos e colocava as senhorinhas em um movimento incansável pela primazia dos folguedos.

Essa é a micareta de Santo Antônio de Jesus, cidade que, na primeira metade do século XX, é marcada por feiras fervilhantes, crescimento das vias urbanas, tentativas de ordenação do espaço citadino e momentos de festa com a chegada do trem que era mais um fator aglutinante, promovendo a reunião de corpos e constituindo espaços de sociabilidade na vida do Recôncavo Sul.

Entre os anos de 1930 e 1950 o espaço da Micareta é visto com especial atenção pelos jornais da cidade, sobretudo O Paládio – representante do olhar e dos anseios das elites santantonienses. Mas, no espaço festivo, as elites tiveram que dividir a cena com grupos miúdos, farroupilhas e maltrapilhos que ano após ano, insistentemente ocupavam as ruas da cidade.

Esclarecer sobre o termo elite é importante para a leitura desse trabalho. O uso do termo elite tem como objetivo fazer referência aos setores abastados da sociedade santantoniense – setores dirigentes ligados à política, à produção agrícola e pecuária e ao comércio – e à elite intelectual envolvida na elaboração do jornal O Paládio. Podemos então falar de elites que direta ou indiretamente se envolviam nas festividades carnavalescas.

Outro elemento importante que é preciso iluminar antes de prosseguir com a análise da micareta é a questão da modernidade. É possível falar de modernidade em Santo Antônio de Jesus nas décadas de 30 e 40 do século XX?

A cidade experimenta algumas transformações: projetos de urbanização são colocados em prática. O que existe na cidade, na prática, é uma modernização. Mas, podemos falar em idéias de modernidade que levam a projetos de modernização de muitas cidades como Salvador, Jacobina, Feira de Santana e Santo Antônio de Jesus.

No cerne dessas idéias, a micareta de Santo Antônio de Jesus foi articulada como símbolo de modernização da cidade. Entretanto, não estamos tratando de uma festa homogênea. Há uma diversidade de manifestações sob o título de micareta.

As festas carnavalescas constituem o objeto de estudo desse trabalho. Esses espaços de comemoração são observados a partir da leitura, da análise e crítica das fontes, com o objetivo de apreender os sentidos de festejar e os elos entre o espaço da festa, a cidade e as idéias de modernidade.

Na pesquisa sobre a micareta santantoniense de meados do século passado figura em destaque entre as fontes disponíveis, os periódicos que circulavam na cidade. O Paladio e O Detetive são peças necessárias para a compreensão dos sentidos da festa nas ruas da cidade, mas experimentar no campo de realização e análise de entrevistas nos coloca diante de outros olhares e interpretações sobre a festa. Essas fontes formam a base a partir da qual foi possível desenvolver a pesquisa.

O jornal O Paladio, editado semanalmente<sup>25</sup>, teve grande circulação na cidade na primeira metade do século XX. A coleção analisada na pesquisa reúne exemplares esparsos desde 1901 a 1949, sendo que a maior porcentagem concentra-se nas décadas de trinta e quarenta. Ao longo de sua história o título do referido jornal foi grafado de várias formas. Nesse texto optamos por adotar a última grafia encontrada nos exemplares do início de 1950 – O Paladio.

Os números do jornal O Paladio, que compõem o acervo de pesquisa foram encontrados nos Arquivos Públicos das cidades de Santo Antônio de Jesus e Nazaré e em arquivos pessoais de alguns moradores da cidade.

---

<sup>25</sup> O jornal O Paladio, fundado em 1901, é editado semanalmente até 1952. A partir desse ano o jornal declina, mas ainda se encontram exemplares esparsos.

Outro periódico analisado foi O Detetive, editado semanalmente em Santo Antônio de Jesus e descrito em sua primeira página como “Jornalzinho Humorístico, Literário e Noticioso”. Era publicado semanalmente. Os exemplares analisados nesse estudo compõem uma coleção que reúne as publicações de 1950 e 1951. As citações dos jornais – O Paladio e O Detetive – presentes nesse texto seguem a grafia da época da publicação.

Ao longo da pesquisa diversas entrevistas foram realizadas. Nesse trabalho, essas narrativas entremeiam o texto, desde sua gestação até a redação final da dissertação. Optamos por não fazer correções gramaticais nos depoimentos, pois entendemos que cada indivíduo fala de um lugar e sua forma de falar pode revelar sobre suas vivências e emoções. Alguns depoimentos estão identificados com os nomes completos dos entrevistados; outros têm sua identidade protegida – a pedido dos próprios entrevistados. Abreviamos os primeiros nomes e mantemos o último nome por extenso.

Realizar uma leitura da sociedade implica em considerar forças convergentes e divergentes. Estudar a história é tatear a fonte, seus contornos, vazios, sulcos, ranhuras e possibilidades de interpretação e manipulação. Assim como o historiador é condicionado ao seu tempo e a historiografia atende aos anseios do seu tempo social – ou à moda –, o discurso produzido em determinado período atende a interesses de grupos engajados em projetos igualmente condicionados.

Os jornalistas do Paladio também partilhavam das idéias correntes em seu tempo, e entre elas os eflúvios modernistas marcaram decisivamente a leitura do jornal sobre a Micareta. Dessa forma, uma leitura histórica deve considerar que:

O ‘lugar’ onde o relato é produzido é de evidente relevância, e como não há lugar no mundo que não esteja mergulhado na linguagem e na cultura, de qualquer lugar que se fale – e qualquer que seja a intenção do escrevente –, não há como erradicar o ponto de vista, a incerteza, a contradição e a parcialidade da narrativa. Toda palavra reflete uma perspectiva particular esculpida por fatores sócio-culturais, políticos e pessoais.<sup>26</sup>

Na introdução de Literatura como Missão, Nicolau Sevcenko define com estas palavras a relação entre a literatura e seu tempo:

Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade

---

<sup>26</sup> MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 34.

dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?<sup>27</sup>

A alegoria traçada é significativa para pensar não apenas a fonte literária, mas toda e qualquer fonte que envolve manifestações artísticas como a Micareta ou o Carnaval, que no percurso de investigação possa servir no alcance dos objetivos delineados pelo historiador.

À medida que os vestígios humanos são produzidos no tempo e no espaço, a leitura e a crítica das fontes devem considerar os fatores históricos que modelaram, impulsionaram e limitaram os indícios da marcha do tempo, as obras literárias, os documentos oficiais, as fontes orais, a arquitetura, enfim, os vestígios que servem de escopo para a escrita da história.

A historicidade condiciona a experiência, e estas, por sua vez, imprimem uma feição própria na produção do homem. Dessa forma, o que é narrado, o que é escrito terá as marcas de seu autor. A narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.<sup>28</sup>

É o que define Michel de Certeau como a marca indelével da história: a particularidade do lugar de onde se fala e do domínio em que a investigação foi realizada. A historiografia, tanto quanto a pesquisa, se articula com um lugar de produção em termos sociais, econômicos, políticos e culturais. É em função deste lugar que se instauram métodos, interesses e se organizam documentos e questões.<sup>29</sup>

O jornal O Paládio possui uma historicidade que, à medida que é investigada, encaminha a apreensão dos sentidos de suas narrativas sobre a festa e a cidade. O universo festivo é palco de confrontos, apropriações e recriações; é lugar de aquilatação social no qual os grupos envolvidos expõem suas aptidões, aspirações e interesses, elementos próprios da existência humana em sociedade.

O espaço festivo consciente ou inconscientemente subversivo é parte do universo de confrontos e tensões da cultura, no qual o homem cria e (re)significa seu mundo. Nesse sentido, tanto quem atua nos cordões quanto o público que assiste as

---

<sup>27</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 29.

<sup>28</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 205.

<sup>29</sup> CERTEAU, Michel De. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

ditas festas capta, reelabora e apropria-se do festejo de maneira singular. Os membros da comunidade estabelecem relações diferenciadas com os sistemas simbólicos.<sup>30</sup>

Nas décadas de 30 e 40 do século XX o ideal de modernização passa a influenciar as elites locais. Falar em modernização nesse período, em Santo Antônio de Jesus, significa fazer referência a uma série de reformas e melhoramentos urbanos introduzidos na cidade.

Mesmo que essa urbanização não fosse concretizada na prática – as reformas só se intensificam depois da década de 1950 – ela estava presente nos projetos, nos anseios, no discurso das elites. Essas idéias não influenciaram tão somente modificações do espaço urbano; elas circundam o universo da folia e imprimem a marca do ideal modernizador na micareta de Santo Antônio de Jesus.

Os ritos da micareta não estão inclusos em uma cadeia inalterável de transmissão; antes, percorrem a vida social pelo filtro da interpretação/reelaboração/apropriação tendo como norteador a identificação entre sujeito e prática festiva. Mesmo que houvesse a tentativa de controlar formal e legalmente a participação popular na Micareta, há a possibilidade da existência de uma relação entre o público e a apresentação que só poderia existir se houvesse um elo entre as partes.

Toda a vida santantoniense, inserida nos vagões da história, desliza sobre os trilhos da modernização e adquire um novo sentido ao longo do século XX. Assim como a ordenação da festa busca atender uma “necessidade” civilizatória, o espaço da cidade deveria seguir um ritmo progressista. O modelo de civilização que se tentava imprimir na Micareta era almejado para a sociedade por uma elite que alimentava as aspirações da modernidade.

A sociedade se inscreve de diversas formas em seus autores/leitores dos ritos cotidianos. A ação de interpretar, reelaborar encontra-se em uma dinâmica constante com as expectativas e aptidões dos indivíduos que, a partir desta relação se apropriam de forma diferenciada dos rituais que compõem a vida social.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Sobre as relações entre os indivíduos e os sistemas simbólicos ver DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn (org.). **A Nova História Cultural**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>31</sup> Ver BAKHTIN, Mikhail M. O espaço e o Tempo. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

O avanço dos elementos representantes da modernidade não influi apenas nas festividades populares ou elitistas rearticulando ou desarticulando suas práticas; infiltra-se nos meandros imaginários (re)configurando as formas de ser, viver e ver a sociedade santantoniense.

O ideário moderno concebeu representações das cidades, de festas e de tantos outros espaços de sociabilidade, nos quais o homem constituiu e (re)significou seu mundo. São essas marcas de historicidade rasgadas no tempo, delineadas no espaço que o historiador incessantemente deseja devassar com os olhos do pensamento.

A ativa desarticulação experimentada por diversas práticas festivas tem motivos fincados além da superfície visível dos processos de modernização; é nas entrelinhas da representação, no espaço em que se instauram modelos preferenciais de urbanizar e festejar que a festa construída sob laços de solidariedade encontra o desafio de viver no tempo em que os homens comercializam a diversão.

Após essa introdução seguirá uma parte intitulada **A Cidade**, na qual realizamos uma leitura das vivências dos moradores de Santo Antônio de Jesus, explorando os espaços de sociabilidade – imersos no processo de reelaboração das formas de pensar e viver a cidade – como os dias de feira, a estação ferroviária e os dias de micareta.

A análise apresenta os primeiros elementos para pensar a construção da urbanidade e a influência marcante das idéias de modernização na reconfiguração do espaço urbano e festivo em Santo Antônio de Jesus.

São apresentados na discussão alguns símbolos que em momentos diferentes, representaram a modernização da cidade.

Os processos de troca entre o mundo urbano e rural, emergem no texto a partir da sua relação com o universo festivo. Trazemos à tona as interações entre o campo e a cidade, mas também as relações que se estabelecem entre as cidades da região.

A partir dos relatos dos jornais, dos depoimentos e das imagens, reconstruímos a urbanidade para analisar as dinâmicas engendradas no espaço citadino, entre as vivências dos moradores da urbe.

Traçar o movimento da festa ao longo do século XX, a partir da leitura dos jornais e dos depoimentos, é imprescindível para compreender os sentidos da folia

momesca em Santo Antônio de Jesus. Esse movimento é apresentado, a fim de contextualizar e aclimatar a discussão em torno da micareta das décadas de 1930 e 1940.

A avaliação dos espaços da festa aponta as diversas manifestações que a compõe em momentos diferentes: o desfile de cordões, batucadas, Zé-pereiras, bailes, escolas de samba e jegue trio abrem alas para a discussão do capítulo seguinte.

**E aí a brincadeira começa**, entre o repicar dos tambores de lata e o canto das senhorinhas, trazendo a discussão desenvolvida no período sobre a festa. Nesse ponto, apresentamos as festividades da micareta e o sua repercussão na sociedade santantoniense.

Nessa parte ressaltamos o papel da imprensa na divulgação das festas nas cidades da região, o que, como veremos, colaborou nos processos de troca diversas desencadeados nesse período. A afluência dos visitantes nos dias de micareta era um dos caminhos de troca de informações que enriqueciam o espaço da festa.

Outro meio apresentado no trecho, é o freqüente deslocamento dos grupos foliões santantonienses em direção a outras cidades da região e também para a capital do estado. Veremos que nesse deslocamento estão presentes as filarmônicas, que animavam a festa aqui e em outras cidades.

Para realizar essa leitura manejamos os jornais ao lado dos depoimentos orais, o que nos permite compor um panorama das representações criadas em torno da cidade e da festa e analisar as idéias de modernidade que circundam esses espaços no período estudado.

O olhar modernizador lançado pelas elites é colocado em discussão à medida que é exposto o movimento dos cordões das senhorinhas e dos grupos farroupilhas nas ruas da cidade.

Ressaltamos as colorações modernizantes que as elites tentam imprimir sobre a cidade e a festa, a partir da leitura do Paládio. A cidade e a festa são vistas a partir das representações produzidas pelas elites, neste periódico. A estas, contrapomos outras visões, para analisar os possíveis significados que a micareta assumiu para seus diferentes participantes.

Veremos que, para além dos anseios das elites colocando os cordões das senhorinhas como símbolos de modernização e condenando os farroupilhas, o espaço festivo possui uma dinâmica que envolve infinitas vivências dos foliões.

O último capítulo, **O Grito do Carnaval**, apresenta as dificuldades que a festa enfrenta para a sua realização. O título parece destoar do assunto tratado nessa parte do texto, mas faz referência a algumas manifestações que surgem em oposição ao desânimo das ruas no período carnavalesco, no início da década de 1950.

A composição do cenário da festa é mais uma vez analisada, a partir da leitura dos artigos e outros escritos presentes nos jornais e da memória dos depoentes. O referencial externo, presente na festa, é ratificado.

Nesse capítulo exploramos o arrefecimento da festa e os protestos gerados em torno desse processo, para compreender as mudanças operadas no espaço da micareta. Veremos que o retraimento atinge o carnaval e depois a micareta em Santo Antônio de Jesus.

Apresentamos indícios de que a festa não desaparece. Ela reside na memória, que nesse capítulo é analisada com mais profundidade. A nostalgia e o contentamento que envolvem os depoimentos sobre a festa, colaboram para o entendimento dos diferentes significados que a festa assume.

Norteia a discussão a noção de que a memória age seletivamente ao mergulhar nas lembranças, escolhendo o que lhe apraz para narrar as festas do passado.

Colombinas, Pierrôs e Arlequins, ricos ou pobres, saltitaram entre nuvens de confete. Nosso estudo propõe acompanhar os foliões dominados pela alegria das micaretas em busca dos significados construídos no espaço da festa e para a festa, a fim de desvendar as tensões e conflitos desenvolvidos no domínio do riso.

As linhas que se seguem estão dispostas a analisar o som inebriante da micareta de Santo Antônio de Jesus; o canto renitente nos recantos da memória, em papéis envelhecidos, em fotografias desbotadas pelo tempo.

## 2 A CIDADE

[...] as cidades são como transformadores elétricos: aumentam as tensões, precipitam as trocas, caldeiam constantemente a vida dos homens. (BRAUDEL, F., 1967, p.439)

A cidade é lugar de sociabilidade, em que os processos de troca são catalisados em espaços de encontros e desencontros, como as feiras, as estações ferroviárias, os dias de festa, as tardes na praça e o dia-a-dia entre o lazer e o trabalho marcando a vivência e a sobrevivência dos cidadãos. Santo Antônio de Jesus pode ser assim definida.

A cidade de Santo Antônio de Jesus cresce atrelada à produção agrícola e aos trilhos que remodelam o cenário urbano. Seu desenvolvimento é acelerado principalmente a partir de 1950 com a consolidação das estradas de rodagem.

Nas décadas de trinta e quarenta do século XX, período em que se concentra esse estudo, esses elementos estão presentes na expansão e no movimento da cidade. Nesse contexto, a construção da urbanidade é influenciada pelo ideal de modernização. Cultivado entre as elites, esse ideal interfere nas imagens e representações elaboradas sobre a cidade, imprimindo a necessidade de alcançar a ordem, a limpeza e o progresso – imprescindíveis para atingir o patamar de modernização pretendida.

Não podem ficar os cidadãos da nossa amada cidade inertes diante dos novos tempos. Uma nova era de progresso se anuncia!! O facho de luz emanado pelos novos ares deve inebriar a todos e lançá-los ao exercício primoroso de construção da ordem pública. [...] se a administração pública faz a sua parte, custeando reformas não é outro o motivo: dar uma feição moderna a esta gleba – já elogiada por seus visitantes. [...] nós também temos que fazer o que nos cabe para que a limpeza, a ordem e o progresso sejam máximas da nossa terra.<sup>32</sup>

Enquanto as idéias de modernidade conquistam adeptos, símbolos são eleitos para ratificar a modernização em Santo Antônio de Jesus – um deles é a micareta, exaltada como sinônimo de elegância e progresso: “A micareta é, sem dúvida, a nota elegante que invade nossas ruas, dando sinceras provas do gosto pelas coisas modernas”.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Vida Urbana. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, p.02, 25 de maio 1939.

<sup>33</sup> As Festas Pagãs. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 26 de mar. 1934.

Nas páginas do jornal *O Paládio* outros elementos são exaltados: o calçamento das ruas, o Projeto Luz e Força, os trilhos e a chegada do asfalto. A “[...] nova era de progresso [...]” é anunciada em narrativas elaboradas, mostrando uma cidade “[...] que sempre esteve iluminada pelos clarões da modernidade [...] num êxtase de contentamento [...]” pela modernização de Santo Antônio de Jesus.<sup>34</sup>

O calçamento das “[...] novas artérias [,] o despontar feliz [da] nova era de eletricidade [...]” são acontecimentos que marcam presença nas notas que exaltam a cidade: eles são responsáveis pela “[...] elevação do nome” da cidade na região; pela atribuição à cidade, a condição de “[...] moderna, civilizada e progressista”.<sup>35</sup>

A imagem a seguir, captada no período, traz a convivência de dois símbolos que em momentos distintos representaram modernização para Santo Antônio de Jesus: o carro e o trem.



Figura 01 – Chegada do trem em Santo Antônio de Jesus

A chegada do trem transformava a estação em lugar de encontro, de troca de notícias e mercadorias, de afluência de pessoas. Até a década de 1940, a chegada do trem era espaço reservado de uma das formas de sociabilidade santantoniense. Mas, os carros de praça já estavam presentes na cidade – e no espaço da festa.

A partir de 1945 os transportes sobre trilhos entram em declínio e a chegada do asfalto favorece a presença dos carros na cidade: os automóveis entram para o cenário como o principal meio de transporte.

<sup>34</sup> A modernização da nossa cidade. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, 29 de mar. 1949, nº 2.306, ano 48.

<sup>35</sup> A Luz – Nova era de progresso. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, 21 de mar. 1949, nº 2.305, ano 48.

Sobre as intenções do fotógrafo que registrou a cena no movimento citadino, não podemos lançar um juízo preciso. Entretanto, o olhar captou uma imagem interessante e através dela podemos fazer uma leitura do período marcado pela emergência e decadência de símbolos da modernização.

A imagem representa a disputa entre o antigo símbolo de modernização – os trilhos – e a novidade – o asfalto representado pelo automóvel. Os veículos, lado a lado, parecem disputar uma corrida, essa porfia vai decidir o novo caminho do desenvolvimento urbano, determinando quem vai assumir a evidência no cenário modernizante.

Nos trilhos deslizam a máquina adentrando 1940 na tentativa de se manter no apogeu; no calçamento em expansão e na chegada do asfalto os automóveis sobrepujam a ferrovia, assumindo destaque no transporte de mercadorias, pessoas, notícias e no cortejo da folia.

Antigamente os trilhos eram o meio de transporte utilizado para a condução de muitos foliões e grupos organizados em outras cidades até a micareta de Santo Antônio de Jesus. Os visitantes buscavam os famosos cordões das senhorinhas, as pranchas, os carros de crítica e de realce. Os automóveis têm uma interferência maior na micareta: estavam presentes na festa desde a década de 1930 e ensaiam sua proeminência, utilizando as teias urbanas asfaltadas cada vez tomando maiores proporções.

A cidade estava se transformando e aderindo a um modelo de urbanidade considerado moderno. As mudanças que se vêem no período estudado são incipientes, mas, as idéias se fortalecem nas representações da modernização veiculadas pelo Paládio.

Se por um lado não era possível ser moderno, era necessário parecer moderno ou mesmo instituir através do discurso, uma imagem de uma cidade em modernização.

Ao longo desse trabalho veremos que no interior desse ideal de modernização, a realização da micareta vai ser colocada como essencial para a cidade: a micareta é representada como símbolo de modernização. As relações que se estabelecem entre as idéias de modernização, a festa e a cidade, assinaladas nessas linhas, serão esmiuçadas nas páginas seguintes.

## 2.1 O palco da festa

Nos primeiros 60 anos da República brasileira as cidades proliferavam, mas o cotidiano de grande parte da população se mantém agrário. Nesse contexto, se estabelece uma inter-relação entre o campo e a cidade<sup>36</sup> em espaços de sociabilidade como os barracões de fumo e café; as romarias; os dias de feira que levavam à cidade de Santo Antônio de Jesus os lavradores da região.

A chegada do trem constituía mais um espaço de sociabilidades na vida do Recôncavo Sul, desde tempos remotos, conforme destaca Charles Santana. Assim:

[...] os trabalhadores do campo e das cidades, os escravos, negros livres, caixeiros, sitianteiros, meeiros, rendeiros e vaqueiros corriam para as estações ao anúncio da proximidade do trem, instigados por todo tipo de novidades e curiosidades possíveis de serem por eles transportadas [...] As cidades fervilhavam à chegada dos trens.<sup>37</sup>

A chegada dos trilhos remodela o quadro urbano. “As estações emergem, de algum modo, enquanto síntese qualitativa de poderosos processos culturais ao transformar a frieza dos trilhos em ricos momentos urbanos”<sup>38</sup>. Nos trilhos congregavam significados históricos, elaborados e reelaborados no interior de vivências urbanas e rurais.

Na festa carnavalesca pode ser notada a presença dos trilhos, “[...] Desde segunda-feira descem, tanto no matutino como no trem de Jequié, famílias e mais famílias destinadas à cidade de Salvador, para ver o Carnaval.”<sup>39</sup>

No ano seguinte, continuam as informações em relação à folia sobre os trilhos:

Folgamos em noticiar que na próxima quadra micaremica darão um brilho especial nas ruas da nossa cidade o Batalhão da folia da vizinha cidade de Nazaré. Foi-nos entregue o comunicado ontem [...] as senhorinhas estão ensaiando belas canções em homenagem ao rei Momo e prometem muita animação [...] no próximo dia 14 de abril tomam o primeiro trem em direção a esta cidade.<sup>40</sup>

<sup>36</sup> Através da análise da literatura e do pensamento social inglês, o crítico marxista Raymond Williams estuda as relações entre o campo e a cidade, refletindo sobre os modos de vida urbano e rural, bem como as mudanças pertinentes à sociedade inglesa. Ver WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

<sup>37</sup> SANTANA, Charles d’Almeida. **Dimensão Histórico Cultural: “Cidades do recôncavo”**. Programa de Desenvolvimento regional Sustentável – Recôncavo Sul – CAR – Consultor: Charles d’Almeida Santana. Salvador: Abril de 1999, p. 23.

<sup>38</sup> SANTANA, 1999, p. 28.

<sup>39</sup> O Rei Momo e sua época. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 13 de fev. 1942, nº 2.037, ano 41.

<sup>40</sup> A micareta se aproxima. **O Paládio**, mar. de 1942, nº 2.040, ano 41.

Os trilhos têm um papel importante nos encontros e trocas no espaço da festa. Famílias se deslocavam para a capital do Estado para participar dos festejos carnavalescos e ao retornar traziam consigo impressões e leituras das formas de carnavalizar encontradas em Salvador. Essas impressões poderiam influenciar e servir de modelo para a organização dos cordões da micareta que estariam nas ruas no mês seguinte. Por sua vez, a micareta também recebia visitantes, foliões das cidades vizinhas que encontravam nos trilhos o transporte para os dias de festa.

As ferrovias podem ser vistas nesse contexto, além do econômico, nas dinâmicas urbanas e na criação da paisagem citadina. No Recôncavo, após 1945 a Tream Road<sup>41</sup> declina e, pouco a pouco, é substituída pela BR 101. A mudança alavanca o comércio de algumas cidades, dentre elas, está Santo Antônio de Jesus beneficiada por sua localização as margens da BR.

Essa transformação do cenário implica na reelaboração de modos de pensar e viver a cidade; há um processo instituidor da cidade enquanto um espaço que possuía a capacidade de amainar as dificuldades vivenciadas por homens e mulheres, que frente às novas linhas históricas “[...] criaram e recriaram o viver citadino no jogo das relações sociais urbanas [...]”<sup>42</sup>, alinhando a vida social dita moderna às suas existências e aspirações.

O universo urbano santantoniense se constitui assim em vivências dinâmicas: nos processos de troca entre o mundo rural e a cidade; nos trilhos que em determinado momento representavam a modernização, mas declinam ao passo que o asfalto vai tomando o seu posto de principal via de transporte de mercadorias e pessoas; na feira que aglutinava produtos, pessoas e vivências; e na festa da micareta que, nos anos 1930 e 1940, vai ser aclamada como símbolo da modernização da cidade – como veremos nas linhas que se seguem.

### 2.1.1 Aspecto de um dia de feira

Santo Antônio de Jesus cresceu associada à ferrovia – responsável pelo transporte de mercadorias, de pessoas e idéias – além de se destacar politicamente.

---

<sup>41</sup> Empresa responsável pela administração da linha ferroviária que interligava cidades do Recôncavo e do Vale do Jequiçá, transportando mercadorias, informações e pessoas. Sobre esse assunto ver: SANTANA, 1999.

<sup>42</sup> SANTANA, 1999, p. 100.

A estação da Tream Road instalada na cidade e a chegada do trem aglutinavam pessoas:

A ESTAÇÃO ferroviária de Santo Antônio de Jesus estava localizada bem no centro da cidade – na Praça Félix Gaspar. Era agradável o movimento ali apresentado pela presença de casais de namorados, de jovens e velhos; de homens e mulheres; todos no vai e vem digno de nota. Uns embarcando ou recebendo amigos ou mercadorias; às vezes, encomendas. O fato é que a bela visão a todos encantava. A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA tornava-se, por assim dizer, ponto de encontro para a boa parte da comunidade.<sup>43</sup> [grifo do autor]

Ponto de encontro, a estação pode ser considerada como um lugar de festa, de sociabilidade. Os trilhos levavam e traziam notícias, novidades e mercadorias – relacionadas ao universo carnavalesco também – favorecendo o comércio que naquele momento se desenvolvia e que seria a marca da cidade.

A urbanidade no Recôncavo emerge com a marca dos trilhos e dos trabalhadores da farinha e suas feiras em cidades como Conceição do Almeida e Santo Antônio de Jesus.<sup>44</sup>

A Cidade das Flores – Santo Antônio de Jesus era chamada assim devido à enorme quantidade de flores nas proximidades – posteriormente conhecida como Cidade das Palmeiras, a partir da década de 1950 experimenta um desenvolvimento de suas atividades comerciais. A feira, que nessa época já concentrava as produções das cidades circunvizinhas, marcava também o cenário citadino.

A feira, um lugar de possíveis encontros entre o mundo rural e urbano, pode ser entendida como lugar de criação de modos de viver e resistir às dificuldades do cotidiano; um lugar de sociabilidade, de comprar e vender, de contato social. Até hoje, a feira é um dos destaques de Santo Antônio (re)criando em seus espaços, vivências diversas ao congregar indivíduos de toda a região.

Assim, “[...] a cidade fervilhava nos dias de feira, para onde convergiam todas as estradas da região, caminhos de escoamento dos produtos em direção a variados municípios do recôncavo.”<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> SALES, Geraldo Pessoa. Santo Antônio de Jesus -1965 - A cidade que encontrei. Santo Antônio de Jesus, p. 43.

<sup>44</sup> SANTANA, 1999, p. 51.

<sup>45</sup> SANTANA, 1999, p. 51-52.



Figura 02 – Aspecto de um dia de feira

A imagem comunica o burburinho entre comprar e vender a infinidade de produtos extraídos da terra, do trabalho manual. O olhar do fotógrafo registrou a amálgama de pessoas em movimento, em busca dos melhores preços, – ou do que era possível comprar com os poucos recursos disponíveis – dos melhores produtos para levar à mesa de suas famílias.

Nessa agitação da feira, as lentes capturam a imagem de determinado ângulo tornando possível ver barracas, animais, cestos e centenas de pessoas atraídas pelo comércio nas ruas santantonienses. Mas, antes das lentes, estava o fotógrafo registrando seu olhar sobre um dia de feira.

É muito provável que este, compartilhasse dos ideais de modernização então vigentes e talvez seja do seu punho a inscrição que se encontra na parte superior da imagem: “Aspecto de um dia de feira”. Qual o sentido dessa frase, em um momento em que as elites locais aspiravam por uma estética citadina organizada e limpa? Qual aspecto o fotógrafo desejava ressaltar?

A partir dos dados da pesquisa podemos aventar a possibilidade do registro ter como objetivo ratificar a necessidade de encaixar a feira no projeto de modernização e urbanização que se pretendia para Santo Antônio de Jesus. Segundo essa interpretação, a frase que aparece na imagem não teria a função apenas de título ou legenda indicando o espaço e o movimento que ali existia. Mas, seria uma referência ao “[...] pardieiro já condenado [...] pelo modernismo”.<sup>46</sup>

A feira atraía vendedores e compradores, assim como a festa atraía visitantes e foliões de outras cidades. Nesse lugar de convivência, batucadas foram organizadas e sambas foram compostos. A renda de feirantes, como o Sr. Augusto, custeou fantasias incrementadas e improvisadas com

[...] o que tinha no momento... o que podia comprar... e também o que tinha na casa. A gente usava de tudo. Lata virava tambor, pano velho virava fantasia... isso tudo era pra [sic] sai madrugada, rua abaixo, rua acima. A gente fazia todo ano... e aí a brincadeira começava.<sup>47</sup>

Em sua fala o Sr. Augusto faz referência a sua participação no animado Zé Pereira que anunciava o início da festa em Santo Antônio de Jesus. De participação livre, essa manifestação reuniu foliões de fantasias improvisadas ou compradas.

Diferente das batucadas e marujadas, apresentadas durante as festividades da micareta por grupos uniformizados, no Zé Pereira se encontravam “[...] tudo que era tipo de fantasia”.<sup>48</sup>

Para além das diferenças entre uma e outra, é imprescindível vislumbrar que o espaço da feira não se constitui apenas em comprar e vender, em busca de recursos para a sobrevivência: na feira reside também o lúdico. Carnavalizar a vida e rir do outro e de si mesmo era possível, ao menos duas vezes no ano – no carnaval e na micareta.

A sociedade que vivencia os dias custosos e suados de trabalho, entre o fervilhar da chegada do trem e o burburinho da feira, aspira e legitima o seu desejo através da tentativa de adoção de uma estética urbana que seria apropriada para a cidade que se queria modernizante.

<sup>46</sup> Mercado Municipal. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 03 de fev. 1949, nº 2.301, ano 48.

<sup>47</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005.

<sup>48</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005.

O vestuário, os enfeites, os lugares de comemoração, o modo de dançar ao som de determinada música eram sinais exteriores para dar visibilidade ao desejo de superioridade econômica, social e cultural.<sup>49</sup>

Mas, a percepção da vida citadina de Santo Antônio de Jesus nas décadas em questão não deve desprezar a inter-relação fundamental com o campo. Na feira, nos momentos de festa, sejam elas profanas ou religiosas, esses mundos se encontravam. O espaço do recôncavo baiano desenvolveu-se num processo histórico-social eminentemente rural.

Do campo chegavam os trabalhadores com os produtos que eram vendidos na feira, que por sua vez era um lugar de formação dos grupos e batucadas da micareta. Os trabalhadores das fazendas das famílias abastadas, também participavam da festa.

Naquela época se “trabalhava no fumo” e os trabalhadores viviam entre “a roça e a cidade”, visitando a urbe em crescimento durante as festas da igreja e “a micareta, a batucada, os cordão [...] era uma folia bonita que a gente assistia na cidade”.<sup>50</sup>

A partir dos anos 30 do século XX as idéias de modernidade começam a marcar o cenário santantoniense cada vez mais intensamente. Essas idéias levam a projetos de modernização dos espaços urbanos, pois tudo deveria assumir um “aspecto de coisa moderna”. Há uma transformação nos costumes e hábitos da sociedade; novos valores configurando novos modos de viver expressos no cotidiano e nos momentos da festa carnavalesca.<sup>51</sup>

Tais idéias ocuparam os espaços do carnaval e da micareta. As elites locais, inebriadas pelo ideal de progresso e modernidade, estipulam como preferencial os cordões “[...] bem organizados e bem vestidos”, entretanto, outros grupos menos abastados também ocupam o espaço da festa.

---

<sup>49</sup> SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no Sertão da Bahia. **Projeto História**: Festas, ritos e celebrações. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, nº 28, Jan/Jun. 2004, p. 255.

<sup>50</sup> Rafael Galvão Santos, 80 anos. Lavrador. Entrevista realizada em 26/07/2008. Muniz Ferreira.

<sup>51</sup> Mercado Municipal. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 03 de fev. 1949, nº 2.301, ano 48.

## 2.2 Dos cordões ao trio elétrico

Teve foi festa aqui [...] eu vi de tudo. Batucada, marujada, chegada, escola de samba, cordão [...] jogue com som nas costa [...] tudo na micareta, no carnaval também tinha, mas animada era a micareta, que vinha depois da páscoa. Eu vi muito grupo desfila aqui pela rua, de fantasia, máscara, nos carro cheio de flor [...] tinha roupa de pirata, de índio, princesa [...] e Momo que vinha no Zé-pereira [...] ficava brincano [sic] na praça e pelas rua [sic] o dia todo [...] de criança até moço, eu vi festa aqui. Tinha folia nas casa [sic] também [...] e nos clube [sic] do tenente. [...] teve muito trio, muita versalhada, muita dona bonita na rua [risos] ai a gente gostava. (SOARES, E.F., 2008)

É sempre com um tom descontraído que o Sr. E. F. Soares nos relata as diversas formas de festejar que desfilaram e conviveram nas ruas santantonienses. Ao longo da entrevista, mergulhava em minutos de silêncio – talvez para tatear a memória – e em seguida voltava à narrativa entrecortada por um riso de contentamento.

Enquanto as lembranças eram extraídas da memória, a festa parecia ganhar vida diante dos seus olhos. De alguma forma, as perguntas de uma pesquisadora curiosa, catalisaram o processo. Dos recantos da memória ecoavam os risos e mais uma vez o Sr. E. F. Soares estava no cortejo da folia – a festa que não estava mais nas ruas, desfilava nas avenidas da memória.

No espaço da micareta – e do carnaval – encontramos expressões distintas, aproximadas pela sonoridade dominante no depoimento e marcante nas festas momescas: o riso.

O panorama composto pelos fragmentos do jornal e pelos depoimentos orais permite entrever as diferentes feições que a micareta santantoniense assumiu até sua desarticulação na década de 90.

A avaliação dos espaços da festa entre as décadas de 1920 e 1990 apresenta tanto a realização dos festejos nas ruas da cidade quanto nos espaços privados dos grandes clubes da época. Os desfiles de cordões, Zé-pereiras e carros de crítica foram soberanos por mais de três décadas.

Entre 1920 e 1950, alguns obstáculos se interpõem na realização da festa, mas as ruas da cidade são coloridas pelas fantasias farfalhantes das senhorinhas, Zé-pereiras e batucadas. Das varandas, “[...] nos passeios das casas, famílias eram

vistas reclinadas em cadeiras, deleitando-se com as mutações contínuas de cores, de vozes, de caras e de roupagens.”<sup>52</sup>

A micareta, em ascensão nas décadas de 1930 e 1940, é marcada pelo anseio de modernização acalentado pelas elites.

Nos centros mais avançados tem-se belas apresentações em louvor ao deus do ‘pecado’ [...] Santo Antonio de Jesus não pode ficar no marasmo que vem dominando as ruas nos dias de carnaval. Nossa terra, exemplo para toda região pelo seu destino de progresso e modernização, não pode deixar de ter a sua festa carnavalesca com o brilho e a elegância que merece.<sup>53</sup>

O modelo dos “centros mais avançados” é colocado nas linhas do *Paladio* como referência para a sociedade santantonienense. A cidade é representada, nas páginas do jornal, como exemplo a ser seguido devido ao progresso e modernização aqui encontrados.

As capitais e outras cidades eram modelos almejados pelas elites santantonieneses, que por sua vez colocam a Cidade das Flores em uma posição de destaque: Santo Antônio de Jesus era modelo para as cidades circunvizinhas. Era o centro para o qual convergiam mercadorias de toda a região; o lugar de comemoração carnavalesca, com desfiles, cordões e batucadas que atraíam elogios dos visitantes.

Há nesta terra manifestações claras de progresso e de ordem que só se vislumbram nos centros mais avançados. [...] não podem nossas ruas ficarem no marasmo nos três dias de festa carnavalesca [...] precisamos espantar o sono que parece inebriar a nossa mocidade [...] em nossa terra reside a luz do progresso elogiado por quantos a visitam.<sup>54</sup>

Nas décadas de trinta e quarenta do século XX as representações construídas para a cidade e para a festa carnavalesca em Santo Antônio de Jesus possuem a marca das idéias de modernidade.

No espaço da micareta convivem diversas manifestações festivas, encenadas tanto pelas elites como pelos populares. Os cordões acompanhados pelos carros de crítica e de realce, pelas pranchas alegóricas enfeitadas com “[...] artigos da mais fina elegância [vindos diretamente] das lojas mais exuberantes da capital [...]”, eram portados e encenados nas ruas pelas senhorinhas da elite<sup>55</sup>.

<sup>52</sup> A Mi-carême. *O Paladio*, Santo Antônio de Jesus, p. 02, 1 de abr. 1932, n° 1.567, ano 31.

<sup>53</sup> *O Paladio*, Santo Antônio de Jesus, p.01, 12 de fev. 1946.

<sup>54</sup> O Carnaval. *O Paladio*, Santo Antônio de Jesus, p. 03, 03 de mar. 1944.

<sup>55</sup> A festa em Santo Antônio. *O Paladio*, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 08 de abr. 1936.

Muitos grupos envolviam integrantes tanto das elites, como populares. Um exemplo é o Zé-pereira, presente na festa desde 1920 com forte composição popular. Na década de 1940, essa manifestação tem a adesão de membros das elites:

[...] saia de madrugada, com o dia já clareando [...] no começo era só a gente, depois foi chegano [sic] mais [...] tinha gente que trabalhava nas loja [sic]. Tinha dono de loja também [...] e os moço fazendeiro daqui, da fazenda de fumo e de farinha. Eles não morava [sic] por aqui. Vinha [sic] só pra micareta. Pra [sic] vê [sic] as festa e brinca [sic] também. Era uns moço [sic] boa gente.<sup>56</sup>

O Zé-pereira contou, em alguns anos, com a participação da elite em seu cortejo anunciador da festa. Também outras manifestações envolviam elite e populares, como por exemplo, as batucadas uniformizadas. Apesar dos componentes desses grupos pertencerem sobretudo aos setores mais populares – feirantes, barbeiros, pedreiros – setores mais abastados participaram de alguns desfiles:

[...] batucada a gente fazia todo ano. Juntava na feira [...] enquanto tava [sic] na lida, tava pensano [sic] na festa. [...] trabalhava pra compra o pano da roupa. Guardava um pouquinho de dinheiro aqui, outro ali, pra [sic] pode arruma tudo, pra fica bonito. [...] quando os dono do comércio brincava também era mais fácil porque conseguia mais coisa. Eles lá se entendia e o preço ficava melhor pra gente.<sup>57</sup>

Por mais que as elites aparecessem em uma ou outra festa, as manifestações populares presentes no espaço do carnaval e da micareta, não se enquadravam no projeto modernizador formatado pelas elites. Muito embora não haja uma repressão violenta a suas expressões e presença nas ruas da cidade, há uma condenação propagada sobretudo nas páginas do jornal O Paládio:

Não se pode ver em dia de festa tão brilhante e ordenada grupos farroupilhas saltitando pelas ruas. Que todos querem tomar parte na festa entendemos: ela é fonte de contentamento. Mas que se faça com graça e beleza, ordem e alegria[...] Esses grupos devem tomar como exemplo as galantes senhorinhas e seus cordões limpos, ricos e luxuosos [...] a festa deve ser digna dos ares progressistas que invadem nossa amada terra.<sup>58</sup>

Além dos desfiles dos cordões, bailes de máscaras eram realizados nesse período. Os clubes, as sedes das filarmônicas Carlos Gomes e Amantes da Lyra e o

<sup>56</sup> A. S. Almeida, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 27/01/ 2008. Santo Antônio de Jesus.

<sup>57</sup> João Sousa, 83 anos. Feirante. Entrevista realizada em 19/04/2007. Santo Antônio de Jesus.

<sup>58</sup> Mais uma vez os farroupilhas... **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 22 de abr. 1944, ano 43.

salão da Sociedade Beneficente dos Artistas eram ocupados pelas fantasias, foliões e músicas nos dois períodos em que Momo reinava na vida da cidade.

As 16 horas, um bloco procedente da Bela Vista foi o primeiro a quebrar o silêncio tumular da cidade com os repiques estridentes dos seus tambores [...]

A noite vários bailes: na Sociedade dos Artistas, Mercado Municipal, Soc. Amantes da Lira, Sindicato Fumagero e Predio Escolar. Todos eles, como sabemos deram animados, e se prolongaram até à alta madrugada. E assim se passou mais um episódio da Micareta em Santo Antonio de Jesus.<sup>59</sup>

Na micareta e no carnaval, os desfiles dos grupos pelas ruas muitas vezes era encerrado com a realização de bailes em locais fechados ou nas praças da cidade.

O largo da 2 de julho e da Felix Gaspar, como arco-íris noturno, apresentava extensa e magnífica rede de lâmpadas multicores, como incentivo aos bailes que ali se prolongaram até a madrugada.<sup>60</sup>

Tocava do começo até o fim. Ia passando pelas rua [sic], sempre encontrava outro grupo também. [...] tinha festa de madrugada a madrugada. Batucada, marujada, cordão [...] passava a tarde de uma rua a outra. Tinha sempre gente pelos passei das casa [sic]. Depois ia pro salão da filarmônica e brincava até o galo canta.<sup>61</sup>

A realização dos bailes era freqüente. Mas nem todos os salões estavam abertos para todos os foliões. As elites possuíam seus clubes, reservados para as suas festas. Os populares também realizavam bailes, mas ocupavam outros espaços como o salão da Sociedade Beneficente dos Artistas, a sede do Sindicato Fumagero e até mesmo as praças.

Depois do desfile é que a festa começava. Tinha baile em todo canto da cidade. A gente ouvia falar dos bailes do sindicato [...] quem não ia pro salão ficava na rua mesmo e ai dançava até tarde [...] tinha na beneficente também, mas eu só ia pro salão da filarmônica. Ia do cordão pro baile. [...] era sempre a Carlos Gomes que acompanhava a gente. Enquanto tinha desfile os músicos estavam lá.<sup>62</sup>

Um dos espaços destinados às elites mais destacados nesse cenário era o Palmeirópolis.

<sup>59</sup> A Micareta. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 8 de abr. 1951, n 188, ano 4.

<sup>60</sup> A Mi-careta se apresentou como poude. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 23 de abr. 1950, n 141, ano 3.

<sup>61</sup> Lourenço Santana, integrante da filarmônica Carlos Gomes. Pedreiro. Entrevista realizada em 02/08/2007. Santo Antônio de Jesus.

<sup>62</sup> R. F. Santos, 85 anos. Professora. Entrevista realizada em 23/03/2008. Santo Antônio de Jesus.



Figura 03 – Sede do Clube Palmeirópolis.

Localizado na Rua Sete de Setembro, o Palmeirópolis abria seus salões para a realização de animados bailes no carnaval e na micareta:

Houve bailes nas duas noites, tanto no edifício da Sociedade 'Carlos Gomes' como no chalet onde funcionava a Prefeitura e na Radio-Palmeirópolis. As danças estiveram animadas. As diversões concluíram sob o amparo feliz da ordem e da paz.<sup>63</sup>

Nesse espaço reservado para as comemorações carnavalescas, a diretoria do clube estava sempre atenta para garantir a paz e a ordem, condizentes com o modelo elegante – almejado pelas elites locais – de festejar a micareta e o carnaval. O convite para os bailes da micareta de 1942 era acompanhado por uma advertência:

---

<sup>63</sup> Micarêta. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, p. 04, 22 de abr. 1942, nº 2.045, ano 41.

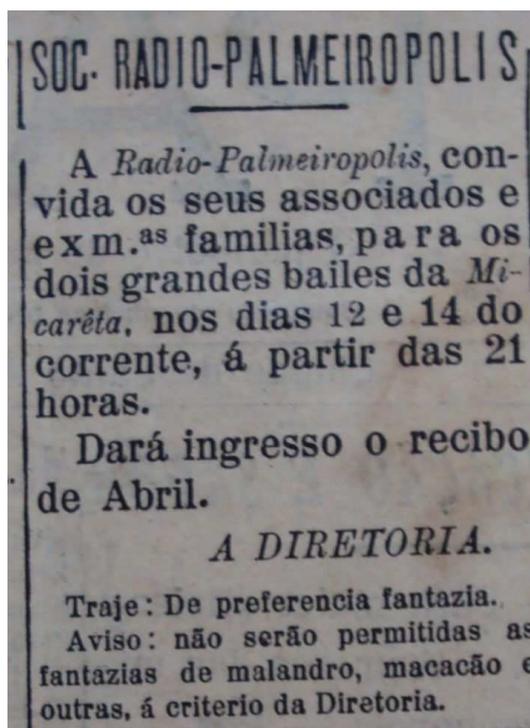


Figura 04 – Convite para os bailes do Clube Palmeirópolis.

As tentativas de ordenação da festa carnavalesca eram direcionadas para as ruas e para os espaços privados. Em 1942, a diretoria do clube Palmeirópolis estabelece para seus associados o traje preferencial a ser exibido durante os seus bailes. Foi estabelecida a censura às fantasias consideradas impróprias para o ambiente de elegância e ordem que as elites tentavam construir nos espaços de sociabilidade de Santo Antônio de Jesus.

Os mascarados e fantasiados – aprovados pela direção do clube – coloriam as dependências do Palmeirópolis, ao som da “vibrante charanga” das filarmônicas Carlos Gomes e Amantes da Lyra. Era um dos espaços destinados à diversão das elites santantonienses. Mas, a música da festa dependia das filarmônicas, formadas sobretudo por representantes de setores mais populares.

Morava em Conceição do Almeida, aqui perto. Mudei pra cá em 1918. Em 1928 comecei a ensaiar pra filarmônica [...] tocava no coreto na tarde do domingo [...] nas festas do padroeiro, na micareta [...] tocava pra o desfile dos cordão [...] tinha festa na sede da filarmônica também [...] e no Palmeirópolis era festa animada, fantasia bonita, tudo muito ordenado. Sempre tocava [...] ou a Carlos Gomes ou a Lyra, a gente se revezava na micareta pra anima a festa [...] muitos companheiro também tocava, companheiro da lida. Trabalhava de pedreiro. Tinha trabalhador da feira, barbeiro, tinha moço que trabalhava ali na Rui Barbosa. Por ali também passava na

micareta com os cordão[...] Essa mão calejada [mostra as mãos] levantou muita casa e animo muita festa.<sup>64</sup>

A partir da década de 60 do século XX entram para o calendário das micaretas, as festas no “Clube dos 100”, voltadas para as elites da cidade. E o Clube dos 1000 destinado ao entretenimento dos trabalhadores. O Clube dos 100 e o Clube dos 1000 foram fundados pelo Tenente Geraldo Pessoa Sales. O primeiro foi construído no bairro São Cristóvão e inaugurado em 15 de junho de 1967. O Clube dos 1000, destinado à classe operária, foi construído no bairro Santa Terezinha, mais distante do centro da cidade e inaugurado em 1º de maio de 1975.<sup>65</sup>

Na década de 70 já encontramos indícios da presença energizante do trio elétrico no período da micareta:

Tinha muita coisa na festa, muito grupo animado que saia pela rua. No meu tempo de moço, eu participava [...] sai na batucada [...] a gente ensaiava ali na Juraci. Depois foi acabano [sic] [...] Em 70 a alegria da rua era o trio, todo mundo brincava. Tinha ainda cordão, batucada que saia uma vez ou outra, mas a folia era mesmo o trio. [...] teve também o Jegue... e tudo era pra [sic] brincar a micareta.<sup>66</sup>

O depoimento nos traz uma festa em que manifestações diversas convivem. Os cordões, apesar de não estarem presentes com a mesma frequência das décadas de 1930 e 1940, se exibem em alguns anos ao lado de novidades como o trio elétrico. A referência ao jegue, que aparece no final, diz respeito a uma curiosa idéia: o Jegue Trio.

O Sr. Augusto Soares, em uma passagem do seu depoimento, relata a presença do Jegue Trio nas ruas: “Teve um vereador que botou, o Bomfim Mercês... era um jegue com som nas costas... rua abaixo, rua acima as pessoas seguiam esse jegue... Já brinquei muito assim.”<sup>67</sup>

Esta figura que se tornou popular, foi uma idéia gestada por Bomfim Mercês. O autor da idéia ao saber que a prefeitura não iria patrocinar um trio elétrico para animar a festa nas ruas da cidade, pensou em um “quebra-galho” que acabou fazendo sucesso. Assim foi associado ao jegue uma bateria de 12 volts, dois projetores de som, um guitarrista e um baterista. Em 1975 o jegue trio é inaugurado

<sup>64</sup> Lourenço Santana, integrante da filarmônica Carlos Gomes. Pedreiro. Entrevista realizada em 02/08/2007.

<sup>65</sup> Ver VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens**. Santo Antônio de Jesus, 2005.

<sup>66</sup> E. F. Soares, 82 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 25/03/2008. Santo Antônio de Jesus.

<sup>67</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005. Santo Antônio de Jesus.

nas ruas da cidade. Não só o jegue fez sucesso, um ano depois Bomfim Mercês foi eleito vereador e o mais votado do município.

Quando o trio do jegue passava a coisa fervia, as ruas se apinhavam de gente para pular, sorrir, ou simplesmente para ver o jegue trio. Hoje, passado algum tempo, o Jegue Trio é presença obrigatória na Micareta da cidade. Mudou muito, possuindo toda uma parafernália de sons multiplicados por grandes caixas muitos músicos e caminhão maior.<sup>68</sup>

Assim como a Micareta dos cordões, a inusitada idéia desperta o interesse da cidade e da região.

Na festa a atração era o jegue. O dia amanhecia e ficava todo mundo esperando. Todo mundo queria ver o jegue passar, cheio de enfeite, de colorido, com aquele alto falante nas costa [...] vinha gente de todo lugar pra ver o famoso Jegue Trio [...] era uma disputa, porque todo mundo queria puxar o jegue, pelo menos um pouquinho, pelas ruas. Era diversão que não acabava.<sup>69</sup>

Ainda na década de 70 a festa assume uma forma semelhante ao Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, com grupos organizados apresentando baianas, porta-estandartes e outros elementos, sempre acompanhados pelas baterias formadas pelos músicos das filarmônicas. Como podemos notar na imagem abaixo, no estandarte segurado pela baiana, o grupo se denominava Escola de Samba Psicodélicos.

---

<sup>68</sup> Sobre o Jegue Trio ver BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.. **Santo Antônio de Jesus**. Ministério do interior. Super DEPAD: Divisão de Mecanografia. Março de 1981.

<sup>69</sup> A. P. Moraes, comerciante. 76 anos. Entrevista realizada em 02/03/2009.



Figura 05 – Integrantes da Escola de Samba Psicodélicos.

Nessa fase os Psicodélicos e os Energéticos fizeram a festa da cidade até meados da década de 80, promovendo os famosos e animados bailes no Clube dos 100.

Seguindo a tradição dos cordões, esses grupos realizavam desfiles pelas ruas da cidade. Todos os componentes usavam fantasias com as cores das respectivas agremiações – vermelho e branco para os Psicodélicos, e preto e branco para os Energéticos.

Neste vai e vem de cordões, blocos, grupos miúdos, zé-pereiras, expectadores, bailes, trios e jegues, a festa alcança a década de 90 e então é relegada à memória.

Nosso intuito, ao traçar essa periodização, é situar o leitor no movimento de transformação da micareta na cidade de Santo Antônio de Jesus, apresentando as feições que a festa assume ao longo do século XX.

Dos cordões ao trio elétrico, a festa carnavalesca envolveu grupos populares e membros das elites. No decorrer do século a comemoração da micareta assume formas diversas abrangendo múltiplas manifestações.

Para além das permanências, há, no espaço da micareta santantoniense, ao longo do século XX, a mudança. Estudar a micareta nas décadas de 1930 e 1940 é olhar para uma festa muito diferente da que está nas ruas em 1970 ou 1990. Nesse

espaço de tempo muitas formas foram adotadas, enquanto outras eram deixadas de lado em função das novidades que apareciam – ou da mudança do gosto dos participantes.

As senhorinhas dos cordões e “os máscaras farroupilhas” envelhecem. Na memória desses participantes seguem as diversas práticas que coloriam e animavam a vida cidadina em 1930 e 1940.

Ao debruçar sobre as fontes, tateando os sons e silêncios que delas emanam, à procura dos sentidos de festejar o reino de momo, adentrei pela história e por abordagens elaboradas sobre o carnaval e a micareta. Nesse ponto, a diversidade das análises é marcante.

Um panorama foi traçado nas linhas anteriores a fim de aclimatar o universo festivo a ser delineado nos próximos capítulos. Essas linhas propõem abrir um espaço de reflexão dos sentidos da folia carnavalesca no momento em que emerge um debate caloroso e circundante das idéias de modernização e progresso, em uma cidade do Recôncavo baiano. Antes de adentrar nos meandros da micareta e do carnaval de Santo Antonio de Jesus, vamos deter nosso olhar nos espaços carnavalescos soteropolitano e carioca, a fim de apreender as dinâmicas próprias desses espaços de comemoração que, nas décadas de 1930 e 1940, são referências para a configuração da festa santantoniense.

### **2.3 Micarêmes, Micaretas... Carnavais**

Aquilo que se conhece atualmente como ‘carnaval brasileiro’ é na verdade o produto de diversos discursos que, ao longo dos últimos 150 anos, vem sendo lentamente elaborado através de variadas disputas de poder. Elite, povo, governo, folcloristas, jornais, rádios, gravadora, televisão, capitais, periferias, Rio de Janeiro, Salvador, escolas de samba, trios elétricos, Recife, São Paulo e frevos são alguns dos muitos atores envolvidos na construção de um significado para a grande festa nacional. A disputa de poder envolvida na determinação do que é esse ‘nosso’ Carnaval é, desse modo, determinante para sua compreensão.

(FERREIRA, 2004, p. 11-12)

O movimento não é distinto na capital baiana. As rodas de samba, o entrudo, os batuques improvisados nas festas religiosas não eram vistos com bons olhos e contradiziam os hábitos proclamados para uma urbanidade ideal.

Entre as elites e os intelectuais circulava o anseio de

[...] livrar as ruas de práticas como as batucadas e sambas de roda, claras lembranças dos tempos da Colônia e do Império, quando aquelas eram um espaço destinado aos negros de ganho, mendigos, moleques de recado.<sup>70</sup>

Na nova ordem republicana busca-se imprimir um novo sentido à ocupação da rua de Salvador, mas também vigente nas cidades interioranas, mas “[...] a capital baiana parecia pouco afeita à idéia de metrópole moderna, onde a rua deveria ser um local de passagem, de circulação dos cidadãos”.<sup>71</sup>

O sentido de ocupação do espaço público é modificado. A rua deveria

[...] se preparar em termos estéticos, higiênicos e disciplinares, para a emergência de uma elite urbana republicana e abolicionista que necessita de um cenário condizente com as novas prerrogativas políticas que se arroga.<sup>72</sup>

Nessa fórmula não estava contabilizada a presença de divertimentos populares, considerados como ‘bárbaros’ e ‘selvagens’, que fariam destoar do resultado ‘civilizado’ pretendido pelas elites.

Vislumbrar a rua como um lugar de destaque na vida cidadina é de suma importância para essa pesquisa, que focaliza uma festa cujo principal cenário são as ruas da cidade – Santo Antônio de Jesus. Pensar a cidade é pensar suas ruas como espaços de sociabilidades, de convivências e (sobre)vivências. Nela é que são encenados os encontros e desencontros cotidianos e festivos, e sua análise pode ser

[...] um elemento revelador a partir do qual se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias, bem como desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência, pois marca a simultaneidade do cheio e do vazio, dos sons e ruídos: das temporalidades diferenciadas.<sup>73</sup>

<sup>70</sup> ALBUQUERQUE, 1999. P. 24-25.

<sup>71</sup> ALBUQUERQUE, 1999. P. 24-25.

<sup>72</sup> FRY; CARRARA; MARTINS-COSTA, 1988, p.244.

<sup>73</sup> CARLOS, Ana Fani A. o lugar e as práticas cotidianas. In: GONÇALVES, Neyde Maria S.; SILVA, Maria Auxiliadora da.; LAGE, Creuza Santos (orgs). **Os lugares do mundo: a globalização dos lugares**. Salvador: UFBA, 2000. p. 245.

Assim como nas procissões e nos cortejos do Dois de Julho, no período do entrudo as ruas da cidade “[...] eram palco de disputas, irreverências, assimilações e recriações das formas de apropriação do espaço urbano.”<sup>74</sup>

Analisar outros espaços e outras festas carnavalescas torna possível a visualização das dinâmicas que envolvem o nosso objeto de estudo, contribuindo para esclarecer as especificidades das relações entre a micareta e a cidade de Santo Antônio de Jesus.

A capital baiana estava acostumada à folia do entrudo desde os tempos da colônia. O Entrudo era um dos alvos para o qual convergiam as críticas dos idealizadores do Carnaval. Introduzido no Brasil pelos portugueses, o entrudo conquistou o gosto e as ruas brasileiras, agitando por muitos anos os dias que antecediam a quarta-feira de cinzas.<sup>75</sup>

O entrudo era ‘uma verdadeira batalha’ e a munição era: pós brancos e coloridos; folhas e objetos como ovos e frutas, mas sobretudo jatos de água despejados das janelas ou lançados por seringas enormes, e é certo que havia um prazer incontido em molhar as pessoas.<sup>76</sup>

Os bailes a fantasia surgem para fazer frente a esse costume de festejar o carnaval arremessando pós e líquidos diversos.

Condenações ao entrudo eram comuns. Mas a prática mal vista era o entrudo das ruas, o popular, com suas molhaçadas. Entre as famílias de posse, a brincadeira era aceita.<sup>77</sup>

Ao contrário do que acredita José Carlos Sebe, o entrudo não estava restrito às ruas.<sup>78</sup>

A distinção entre o entrudo familiar e o popular não era oficial, nem tampouco rígida. Haviam pontos de contato entre as duas formas. O espírito moleque dos jogos era semelhante, entretanto, o entrudo desenvolvido nas ruas por negros e

<sup>74</sup> ALBUQUERQUE, 1999, p. 25.

<sup>75</sup> VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. Folgedos negros no carnaval de Salvador (1880-1930). In: SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles (orgs). **Ritmos em Trânsito: sócio-antropologia da música baiana**. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, BA: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.B.A., 1997.

<sup>76</sup> SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986. p. 58-59.

<sup>77</sup> Fry, Carrara e Martins-Costa também estabelecem uma diferenciação entre a casa e a rua na realização do entrudo. Para eles, existe “um entrudo doméstico” desenvolvido em um espaço em que homens e mais velhos têm a precedência no resto do ano, mas na festa as mulheres tem um papel preponderante, “invertendo as hierarquias”, e o entrudo das ruas no qual se destaca a participação dos negros. Ver FRY, Peter; CARRARA, Sérgio; MARTINS-COSTA, Ana Luiza. Negros e brancos co Carnaval da Velha República. In: REIS, João José. **Escravidão e Invenção da Liberdade: estudo sobre o negro no Brasil**. Brasiliense, 1988.p. 241.

<sup>78</sup> “O entrudo era uma prática de rua, a céu aberto. Os participantes, sempre em grupos, entravam em confrontos, algumas vezes por simples vontade de brincar [...]”. Ver SEBE, 1986, p. 59.

pobres, e o realizado pelas famílias em suas casas, eram vistos de formas bem diferentes pela sociedade.<sup>79</sup>

Apesar da condenação os espaços não estavam isolados: membros de famílias que criticavam a brincadeira das ruas eram flagrados participando das molhaçadas. O que de fato incomodava não eram os líquidos e pós atirados: a festa abria espaço para a possibilidade, para o descontrole, enfim era “[...] tudo igual em três dias” e essa sensação tornou-se desconfortável.<sup>80</sup>

Não se tratava apenas [...] de exterminar limões-de-cheiro e bisnagas. Queriam levar junto para o passado [...] todo um rol de práticas que julgavam indignas de freqüentar as ruas, mesmo em dias em que alegria e permissividade pareciam andar juntas.<sup>81</sup>

No contexto carioca, esse debate alcançou o ápice na década de 1880.

Na capital baiana a prática do entrudo foi proibida em 1859 e a partir desse momento “[...] as autoridades passam a investir também nos folguedos carnavalescos, nomeando comissões para enfeitar as ruas, promover bailes públicos e organizar as ‘músicas’ nos coretos.” Contudo, é possível encontrar posturas municipais proibindo o jogo do entrudo nas ruas de Salvador até a segunda década do século XX.<sup>82</sup>

A tentativa de controle existia, não obstante, nem mesmo a elite abria mão da folia entrudescas. Enquanto isso, nos jornais era travado um intenso debate que condenava as molhaçadas e agressões do entrudo e colocava a urgência de “civilizar” o “bárbaro” costume. “As autoridades tentavam prender, advertir e punir os brincalhões. Mas como fazer ceder uma estripulia que envolvia quase todas as cidades brasileiras?”<sup>83</sup>

A burguesia em ascensão viria propor a solução buscando inspirações nos ares europeus. Os bailes de máscaras parisienses se apresentariam como a solução no combate ao “bárbaro entrudo”. Os ideais franceses representavam para as elites brasileiras o caminho de luz para guiar em direção à modernidade redentora dos

---

<sup>79</sup> FERREIRA, 2004.

<sup>80</sup> FERREIRA, 2004.

<sup>81</sup> CUNHA, 2001, p. 25.

<sup>82</sup> VIEIRA FILHO, 1997, p. 40.

<sup>83</sup> FERREIRA, 2004, p. 101.

bárbaros costumes tropicais e do espaço festivo dominado pela devassidão entrudescas.<sup>84</sup>

No Rio de Janeiro, as grandes sociedades, nascidas sob o signo da exclusão, se tornam uma importante forma de brincar e marcam as décadas finais do século XIX, mas não reinauguram o Carnaval. O sentido mais amplo nas primeiras manifestações das Sociedades era ostentar uma condição elevada, estabelecendo uma diferenciação em relação à plebe que se divertia grosseiramente.<sup>85</sup>

Entretanto, a presença da multidão “desclassificada” e suas formas de brincar, tanto quanto a mistura social constatada nos bailes públicos incomodava os idealizadores do carnaval veneziano nas ruas cariocas. Logo, no programa das Sociedades é incluída a idéia de substituir as formas de brincar do povo por um modelo organizado de carnaval, intelectualizado no qual seriam extirpadas as impurezas do populacho – interessante é que formas de festejar o Reinado de Momo adotadas pela população dos arrabaldes são frequentemente encontradas nos salões das grandes sociedades carnavalescas.<sup>86</sup>

Em nome da civilização e do progresso as grandes sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro, criadas entre 1850 e 1860, congregando foliões abastados ou ao menos de status, proporcionaram ao público desfiles organizados, com carros alegóricos, luxuosas fantasias, crítica política e de costumes, delineando o movimento que propôs a substituição das formas de brincar do povo. O ideal difuso entre intelectuais, jornalistas e talvez parte dos foliões, era “[...] civilizar as práticas carnavalescas”.<sup>87</sup>

As diversões populares e o cortejo das grandes sociedades conviviam no espaço carnavalesco do Rio de Janeiro. Mas ao longo da década de 1890 cresce uma nova ameaça à proposta de civilização do carnaval elaborada pelas elites. Muitos grupos, pequenas sociedades e grêmios recreativos eram fundados todos os dias, registrados em cartórios e buscavam autorizações nos distritos policiais para fazer parte do Carnaval, figurando entre as novas e antigas formas de festejar.<sup>88</sup>

Entre as diferentes práticas que constituíam a folia no início do século XX, estão os

---

<sup>84</sup> CUNHA, 2001.

<sup>85</sup> CUNHA, 2001.

<sup>86</sup> CUNHA, 2001.

<sup>87</sup> CUNHA, 2001.

<sup>88</sup> FERREIRA, 2004.

[...] antiqüíssimos cucumbis e Zé-pereiras, pobres sociedades suburbanas, alguns vassourinhas de animados frevos nordestinos, cordões [...] e ranchos que surgiram nos redutos baianos próximos ao cais do porto e ganhavam expressão no Carnaval carioca. Entre tais práticas, os ranchos e cordões assumiram uma importância destacada, sendo apontados de forma unânime na bibliografia como matrizes dos atuais blocos e escolas de samba.<sup>89</sup>

Maria Clementina Cunha, em *Ecos da Folia*, aponta que ranchos e cordões tinham em comum a origem social das pessoas que faziam parte dos grupos além da notável influência baiana em sua formação.

Eram moradores dos morros, subúrbios e arrabaldes, ou arregimentados nas profissões braçais. Mas existiam diferenças: os ranchos utilizavam alegorias sobre carroças, enquanto os cordões seguiam a pé com variadas fantasias; cordões eram marcados pela percussão e cantoria na qual um ou dois dançarinos fantasiados de índio, entoavam a copla, o coro e o estribilho – apresentavam uma cantiga única, composta especialmente para a ocasião; por outro lado, os ranchos levavam instrumentos diversos, como violões, castanholas, pandeiros, instrumentos de corda e sopro.<sup>90</sup>

Esses pequenos grupos almejavam o reconhecimento e a legitimidade. Os cordões, por exemplo, que surgem em torno de velhos dançarinos de cabeça grande e princeses saltitantes em manifestações espontâneas, pouco a pouco adotaram para si o título de clubes, sociedades ou grêmios. É notável que

[...] sua maneira, todos esses grupos tinham como referência o molde forjado pelas Grandes Sociedades. Em parte, faziam-no devido às imposições do próprio aparato policial republicano, cujas exigências se multiplicavam na concessão de autorização para sair às ruas. Mas não se deve deixar de lado a astúcia dos foliões no esforço de garantir um lugar autônomo na brincadeira, usando a seu favor os instrumentos criados para controlá-los [...]<sup>91</sup>

Se o estruendo e os máscaras avulsos despertavam incômodo, a multidão organizada nos cordões e legalizada pelas autoridades representava um perigo ainda mais assustador. Para além do modelo de carnaval apregoado, esses grupos

---

<sup>89</sup> CUNHA, 2001, p. 152.

<sup>90</sup> CUNHA, 2001.

<sup>91</sup> CUNHA, 2001, p. 158.

levavam para a folia antigas tradições que ameaçavam o ideal civilizador dos pedagogos de Momo.<sup>92</sup>

O que importa nesse período não é necessariamente a forma de festejar, mas quem está presente nela. O lugar da festa determinava a tolerância ou o seu inverso, no espaço que pode ser definido nessas palavras:

[...] *pedagógico* é um termo adequado para exprimir a visão de uma parcela intelectualizada da sociedade, próxima ou dependente das elites tradicionais, mas empenhada em projetos de transformação e atualização do país sob uma ótica liberal e progressista.<sup>93</sup> [grifos do autor]

Na folia soteropolitana os bailes públicos no Politeama e no Teatro São João, para onde convergiam as famílias de destaque da cidade, ganharam prestígio no século XIX. Além dos bailes, os préstitos das Grandes Sociedades e outros grupos figuravam na festa momesca. Segundo Hildegardes Vianna, no carnaval de 1886,

Alem do Fantoche, do Cruz Vermelha e do Sacarrolhas, vieram trazer a sua contribuição de alegria e bom gosto, desfilando a partir das 16 horas, os Cavalheiros de Malta (da Luzo Guarani), Clube dos Cacetes, Grupo dos nenês, Cavalheiros de Veneza, Conselheiros de Cupido, Companheiros do Silêncio(a todos ensurdecendo com tambores e bombo), Clube das Pêtas, Clubes das Fitas, Clube da Pobreza, Críticos Carnavalescos, Diário das Pêtas e Comissão do Pilar.<sup>94</sup>

Os Fantoche, o Cruz Vermelha e o Sacarrolhas são apontados como os principais, mas outros grupos participavam dos desfiles nos carnavais baianos, inclusive grupos negros que surgem em meados de 1890. Críticas eram dirigidas contra os ‘africanismos’, mas estas recaíam sobretudo nos candomblés, batuques e rodas-de-samba.

Com a inadequação do entrudo ao modelo civilizado pretendido pelas elites, os Pândegos da África e a Embaixada Africana, clubes uniformizados negros, eram poupados das críticas ainda mais quando a forma de desfile adotada por eles era a utilizada pelos clubes brancos.<sup>95</sup>

Destacam-se elementos como

---

<sup>92</sup> CUNHA, 2001.

<sup>93</sup> CUNHA, 2001, p.88.

<sup>94</sup> VIANNA, 1965, p.294.

<sup>95</sup> VIEIRA FILHO, 1997.

[...] os trajes de gala, charanga com instrumentos europeus tocando dobrados e marchas, programas escritos (fugindo da tradição da oralidade), fogos de bengala, cavalaria, carros de idéias [...] a incorporação aos desfiles de vários elementos da África, dobrados com os nomes "Menelik" e "Makonem" eram tocados. Os grandes personagens africanos eram sempre homenageados, a pomposa cavalaria era composta de zebras, etc.<sup>96</sup>

Talvez a adoção desses elementos ditos civilizados representasse uma estratégia no contexto em que “[...] no espaço carnavalesco oficial já estava instituída como norma a exclusão dos afro-baianos, pois representavam para as autoridades o ‘pernicioso’, o ‘nocivo’, enfim, o que estava contra o progresso e a civilização.”<sup>97</sup>

Os batuques com expressiva participação negra aconteciam nas ruas de Salvador desde o século XVIII. Essas reuniões incomodavam as elites que sempre renovavam a legislação na tentativa de controlarem ou mesmo extinguir tais práticas. Sambas, batuques, lundus, vozerias, danças de pretos foram alvos dessas legislações por todo o século XIX.<sup>98</sup>

No fim do século os Pândegos da África e a Embaixada Africana manejavam a forma elitista dos desfiles carnavalescos, no entanto, levavam para as ruas elementos da sua história e da sua cultura alcançando prestígio entre aqueles que condenavam as manifestações negras nas ruas soteropolitanas.

Hildegardes Vianna destaca aquele que seria a maior e mais famosa festa patrocinada na Bahia: o carnaval de 1888. Nesse ano o desfile do Clube Fantoche e do Cruz Vermelha teriam levado o público a um estado de euforia, pelo grande luxo, organização e beleza das fantasias e carros. A autora narra os detalhes do desfile:

A magnífica decoração dos carros, o brilho, o apuro, a correção dos carros históricos, a graça e o mimo das alegorias, o luxo e o gosto artístico, justificavam o delírio que se apossou de todos. Fantoche e Cruz Vermelha desfilando sob chuva de rosas rivalizavam-se nas preferências de todos. Não se podia dizer qual o mais belo nem o mais empolgante.  
[...]

<sup>96</sup> VIEIRA FILHO, 1995, p. 126.

<sup>97</sup> VIEIRA FILHO, 1997, p.42.

<sup>98</sup> SANTOS, Jocélio Teles. Divertimentos Estrondosos: batuques e sambas no século XIX. In: SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles (orgs). **Ritmos em Trânsito: sócio-antropologia da música baiana**. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, BA: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.BA., 1997.

O Carnaval já era uma verdadeira atração. Uma realidade conseguida com muita luta e anos de esperança. Mas já se podia enfim afirmar que o carnaval vencera definitivamente o Entrudo.<sup>99</sup>

A autora parece ter sido contagiada pelas notas dos jornais do período e aponta, em seu texto, o entrudo como uma “infeliz herança de outros tempos”, um “censurável costume” que o modelo civilizado de festejar, representado em seu ápice pelo Carnaval dos clubes uniformizados de 1888, iria banir das ruas. Vianna assume a causa do discurso elitista da época, que desejava enterrar a prática do entrudo e ver triunfar o seu modelo dito civilizado de brincar o Carnaval.<sup>100</sup>

A Micarême aporta no Brasil como parte do projeto de civilização da festa. Sua origem no Ocidente estaria ligada a uma tradição popular francesa do período da quaresma. Momento em que populares realizavam a Queima de Judas e a Serração da Velha com o fim de espantar a morte.<sup>101</sup>

Nos primeiros anos do século XIX buscou-se uma inspiração européia para introduzir no lugar da festa praticada por populares no sábado de Aleluia e assim substituir uma festa ‘incivilizada’ por uma prática supostamente elegante, sofisticada e adequada ao processo de ‘civilização’ experimentado pelo Brasil. Através da elite brasileira seria introduzida a Micarême que seguia os preceitos dos carnavais de Nice e Veneza. Nesse período buscava-se a matriz de identidade na Europa – uma identidade supostamente avalizada pelo conceito abstrato de “civilização”. Essa forma de festejar vigorou principalmente na capital baiana até a década de 1930.<sup>102</sup>

As tensões e conflitos estão presentes nos domínios do carnaval há muito tempo, talvez desde sempre. Como foi demonstrado nas linhas anteriores, existiram alguns espaços em que a disputa se mostrou mais acirrada. Os conflitos são desencadeados a partir da adesão do setor dominante a uma estética moderna colocada como preferencial para o carnaval. O projeto de civilização da festa tentava conter as manifestações populares, como o entrudo. Mas, as investidas das elites enfrentavam resistências dos populares.

---

<sup>99</sup> VIANNA, 1965, p.297.

<sup>100</sup> VIANNA, 1965, p.285.

<sup>101</sup> A serração da Velha é definida como uma “celebração grotesca que consiste (ainda hoje) em espantar a morte. A inspiração da micareta está ligada à dramatização de uma velha (símbolo de morte, doença e desgraças) que seria serrada entre gritos e uivos do público em geral.” SEBE, José C.. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo:Ática, 1986. p. 85.

<sup>102</sup> SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no Sertão da Bahia. **Projeto História: Festas, ritos e celebrações**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, nº 28, Jan/Jun. 2004.

Em Santo Antônio de Jesus, as elites também adotam um modelo preferencial de festejar composto pelas manifestações produzidas pelos seus representantes. Apesar das constantes críticas às formas populares de festejar, não se configura uma repressão violenta. As elites e os populares convivem no espaço da micareta.

Diversas manifestações compõem essa festa. Os sentidos de fazer parte desse universo também são diferenciados. Para as elites a micareta possuía as colorações da modernidade. Exibir os cordões bem organizados, bem vestidos e repletos de novidades significava dar provas da modernização santantoniense – tanto para a população da cidade quanto para os visitantes.

Se a micareta era considerada a rainha das festas em Santo Antônio, para os setores dominantes era preciso ir além elevando a micareta ao posto de rainha das festas em toda a região. Como foi exemplificado em outros momentos nesse texto, pairava nesse período a necessidade de atrair visitantes e despertar a admiração deles em relação à cidade e às festas – ambas, segundo a perspectiva das elites, possuíam o aspecto de coisa moderna.

Foram incorporadas informações e imagens à festa a partir dos referenciais dispostos no campo da cultura. Assim como a Europa fora a referência no processo de “civilização da festa” brasileira, para cidades como Santo Antônio de Jesus o referencial do Rio de Janeiro e, principalmente, Salvador constituíam-se em aportes essenciais na configuração do festejo que ao seguir os modelos das capitais e conseqüentemente o europeu, estariam elevando a urbe à categoria de polis moderna, “civilizada” e progressista.

Entretanto, as festividades da micareta abrangem outras formas de ocupação do reino de Momo e outros sentidos. Lugar de diversão, a festa era um momento de expressar a criatividade levando para a folia os assuntos do cotidiano e da própria vida dos participantes. Nesse espaço contava mais a alegria que a ordenação segundo os moldes supostamente modernos, trazidos pelos cordões das elites.

Desde a gestação das idéias que – conduziram às formas, notas e cores dos cordões, pranchas, batucadas e Zé-pereiras, a micareta abria espaço na vida cidadina para estar presente nas expectativas, aptidões e aspirações dos participantes da festa. A micareta adentrava na cidade e a cidade voltava suas atenções para a realização da festa nos espaços públicos e privados.

As ruas, praças, clubes e os salões do sindicato fumagero, da Sociedade Beneficente dos Artistas, do Clube Palmeirópolis e das filarmônicas, eram

preenchidos pelos grupos de foliões ocupados em exibir a criatividade, vivacidade e as novidades que ornavam suas fantasias, máscaras e versos.

Na vida da cidade, a micareta possuía um lugar reservado. Suspensos o trabalho, a rotina e os pensamentos relacionados à vivência e sobrevivência na polis, a festa abria um espaço de exceção, desvinculado e ao mesmo tempo integrado ao cotidiano citadino.

Dos passeios e varandas das casas situadas no centro e nas artérias em crescimento, a população da cidade esperava ansiosa pelos desfiles dos cordões, batucadas e pranchas. Acompanhavam as canções e também os grupos integrando o cortejo que percorria as principais vias citadinas em direção aos bailes que encerravam as comemorações.

A festa carnavalesca “[...] abre a porta do riso”<sup>103</sup>. O tempo festivo é o tempo da diversão, que prolonga o tempo anterior, de espera, e acelera os dias de festa.

Ficava na espera[...] de semana a semana ia ouvino [sic] a música no alto-falante, ia cantano [sic] os verso [pausa] até que a festa chegava. Quem ia desfila e quem não ia, tava [sic] todo mundo na rua. Era dança, cantoria o dia todo, nos três dia. A gente até queria que ela ficasse, mas acabava. Teve ano de ser mais de uma vez. A festa saia toda de novo. Era a segunda micareta. Era uma alegria[...]. Cabava [sic] a folia e aí só no outro ano.<sup>104</sup>

A expectativa e o contentamento provocados pelos dias festivos levaram a micareta a se rerepresentar em alguns anos. Os laços entre a festa momesca e seus diversos participantes foram aprofundados ao longo das décadas de 30 e 40 do século passado. Entre os versos, fantasias e máscaras a festa alcança 1950 marcada por um processo de desarticulação. Nos capítulos seguintes, vamos aprofundar a nossa análise sobre a dinâmica da festa e de sua desarticulação.

---

<sup>103</sup> **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, jan. de 1951, nº 2.364, ano 50.

<sup>104</sup> Cristina Ferreira, 84 anos, feirante. Entrevista realizada em 26/10/2007. Santo Antônio de Jesus.

### 3 E AÍ A BRINCADEIRA COMEÇA

Em abril de 1941 cordões de mascarados saem às ruas da Cidade das Flores compondo o que se convencionou chamar de Micareta a partir de então. Entretanto, esta prática festiva possui uma história anterior. Não se pode precisar deveras o ponto inicial da festa – este enevoa-se nas décadas iniciais do século XX. Mas é possível afirmar que por volta de 1915 o carnaval era uma festa consolidada, com exposições de clubes pelas ruas da cidade. Pode datar desse mesmo período o gosto dos santantonienses pela micareta.

Sob o título Micareme e depois seguindo a mudança para Micareta, já em vigor em outras cidades e na capital baiana, a festa incendiava de alegria as ruas da cidade. Sem negligenciar a dinâmica de mudança e permanência, a alteração dos títulos ostentados pela festa nas ruas não influi radicalmente nos conteúdos da mesma: sob uma perspectiva morfológica os cordões compostos pelos carros de crítica ou de idéia – que levavam às ruas, críticas a acontecimentos e/ou a políticos da cidade e região – fantasias e charangas seguem o mesmo ritmo em ambas, desfilando na década de 20; aclamados em 30; experimentando o apogeu em 40 e o esmorecer no início da década de 50.

Mas é isso mesmo, umas em cheio outras em vão ninguém é culpado de não ter havido mais animação em nossa Micareta este ano, o mal vem de longe: no Rio, a capital do carnaval brasileiro, não houve animação este ano; na Bahia pela mesma forma, logo se vê que não é somente entre nós. É o custo de vida e a falta de trabalhos as únicas causas de tudo isso pois ninguém se sente alegre com o bolso puro e desempregado.<sup>105</sup>

A partir dos anos 1930 a realização da festa adquire notável destaque na vida social da cidade, alcançando seu apogeu em 1945. A imprensa escrita ocupava-se de preparar os foliões. Semanas antes da micareta notificava a chegada de Momo com serpentinas e confetes literários a anunciar o riso, as piruetas e cantos de Arlequins, Pierrôs e Colombinas. Batucadas de rapazes uniformizados, cordões de senhorinhas ornadas por fantasias e máscaras e carros de crítica – que podiam ostentar no espaço festivo os acontecimentos da política local –, alegravam a cidade e constituíam a micareta do mês de abril.

---

<sup>105</sup> A Micareta. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 8 de abr. de 1951, nº. 188, ano 4..

Quando em 1921 as Vivandeiras em Folia deixam sua cidade para exibir seu cordão pelas ruas santantonienses, vem na eufórica expectativa de compor uma folia consagrada pela alegria e vivacidade dos préstitos.

Está anunciado na vizinha cidade de Nazaré, para domingo de Páscoa um passeio de recreio, destinado a esta cidade, promovido pelo Batalhão das 'Vivandeiras em Folia'. As Vivandeiras em Folia trarão em sua companhia uma filarmônica. As festas da Mi-Carême, como se vê, estão tomando incremento animador [...] <sup>106</sup>

Este trecho retirado do jornal não sugere apenas o aspecto temporal da festa: os ritos da mi-carême aproximavam em tempo de festa, as cidades circunvizinhas. As Vivandeiras em Folia que em 1921 se deslocam da terra nazarena compondo o rito de carnavalizar as ruas nos desperta para o aspecto interativo da festa que não estava restrita à urbe santantoniense.

O Batalhão de moças organizado nas ruas de Nazaré tomam a estrada enlevadas pelo som empolgante do festejo, adornadas por belas fantasias confeccionadas especialmente para a ocasião e por máscaras que ocultavam seus rostos joviais. A aproximação do espaço festivo despertava um encanto colorido e num alarido febril seus versos eram recitados pelo caminho, fazendo exalar a paixão pelo momento: a cada passo era possível sentir o gosto mais forte da festa que se anunciava. Num misto de ansiedade, os corações palpitavam pela exibição momesca que iriam realizar.

A micareta santantoniense suscitou muitas idas e vindas entre as cidades da região. Muitos vieram trazendo seus trajes coloridos, com suas faces pintadas ou encobertas por máscaras, agremiados ou não, em Batalhões, Cordões ou Batucadas, com versos críticos ou rimas de amor.

Vinha gente de tudo que era cidade por aqui. Nazaré, Rio Fundo, do Almeida, São Roque. Era gente que vinha ver a festa. A festa era bonita demais. Micareta aqui era um luxo só.[...] as vezes vinha bloco de fora pra [sic] participar da festa. Vinha organizado, cantano [sic] as música de carnaval. [...]chegava o trem e descia aquele povo de fantasia: era pirata, colombina, índio [...], mas bonito mesmo era as moça [sic] nos cordão daqui.<sup>107</sup>

<sup>106</sup> Mi-Carême. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 25 de fev. 1921, nº 937, ano 20.

<sup>107</sup> Manoel dos Santos, 79 anos. Feirante. Entrevista realizada em 23/ 05/ 2006. Santo Antônio de Jesus.

Desfilavam grupos de Índios, Marujos, princesas e piratas, entoando versos, agitando as ruas, colorindo as artérias, de calçamento asfáltico recente, com a alegria da micareta.

Muitos retornaram ano após ano, inebriados pelo fervilhar da festa em cordões de senhorinhas organizados e bem vestidos. Deixavam impressões, mas também levavam consigo impressões de uma festa que a cada ano excedia em luxo e recursos, conforme se pode constatar das diversas informações presentes nos periódicos da época.

É possível conjecturar que este processo de contato, relacionamento e troca no espaço da folia tenha se intensificado à medida que a festa alcançava uma ressonância por toda a região. O Paladio, seu principal porta voz, pode ter colaborado para essa difusão e interação, ao circular pelo centro da Bahia.<sup>108</sup>

Certamente o contato enriqueceu o espaço festivo santantoniense. Vários passeios de grupos em direção à micareta são noticiados nos jornais da cidade. Por outro lado as agremiações da cidade também se deslocam para outras localidades; por vezes quase toda a festa é reencenada em alguma cidade vizinha e isso inclui os músicos e as Filarmônicas Carlos Gomes e Amantes da Lyra.

Um grupo de senhorinhas em visita a nossa redação na última quarta feira anunciou que no domingo próximo o blóco Jujú, que fez uma apresentação ruidosa na última mi-careme, fará novamente uma apresentação brilhante nas ruas de Nazaré. Acompanhando o distinto grupo irá a Carlos Gomes.<sup>109</sup>

As filarmônicas da cidade têm grande participação nas festividades da micareta. Seus músicos sempre estavam dispostos a acompanhar os cordões: “A ‘Carlos Gomes’ já está disposta a dividir as suas figuras[...] em três charangas, somente para servir aos cordões que se preparam”<sup>110</sup>. Nos salões dessas sociedades aconteciam animados bailes carnavalescos

A sociedade “Carlos Gomes” abriu os seus salões nas noites de domingo e terça-feira, efetuando bailes em que reinou acentuado prazer.

O comparecimento de senhorinhas e de cavalheiros foi lisonjeiro, e nem podia deixar de assim ser, porquanto a banda santantoniense tem raízes na estima da nossa mocidade vivaz.

<sup>108</sup> Cf. VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens**. Santo Antônio de Jesus, 2005.

<sup>109</sup> **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, p. 02, 16 de abr. 1936.

<sup>110</sup> Micareta. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 27 de fev. de 1942, nº 2.039, ano 41.

Brincou-se muito na “Carlos Gomes” nas referidas duas noites consagradas às festas carnavalescas.<sup>111</sup>

A Micareta no arraial de São Roque em abril de 1936, por exemplo, contou com a participação da Carlos Gomes e do Jazz Tupy, ambos de Santo Antônio de Jesus. O último não era uma filarmônica, mas aparece nas festas de Momo animando os grupos foliões com sua charanga.<sup>112</sup>

Em alguns anos a euforia era tamanha que os préstitos saiam pelas ruas alguns dias após a realização da micareta, como em despedida do reinado de Momo que se recolhia em saudosas memórias para retornar às ruas apenas no ano seguinte.

Todos os cordões da mi-carême, formando um só préstito, farão uma passeata triunfal no próximo domingo, depois de amanhã. Fraternalizados todos os grupos, num longo e bonito préstito aviventado pelo som das charangas, vão dar ao público o seu adeus, para só reaparecerem no ano vindouro.<sup>113</sup>

Desde o passeio das moças nazarenas até a grande micareta de 1945, a festa atravessa momentos diversos e adversidades que se interpõem à sua realização de acordo com o desejo da elite santantoniense, sequiosa pelo luxo, pelo brilho e pela organização dos seus préstitos.

### 3.1 A fina flor e “os máscaras farroupilhas”

As senhorinhas santantonienses que levavam a efeito os festejos carnavalescos conduziam a festa quase todos os anos: alguns nomes são caros na direção da micareta. O que é raro são títulos de cordões se repetirem ano após ano. Aparentemente as moças seguiam o gosto do momento para nomear seus cordões e pranchas, recorrendo a diversos temas entre eles o amor e o progresso.

O referencial externo também se manifesta nos títulos escolhidos para os cordões. Diversos anos as senhorinhas buscaram nos clubes carnavalescos soteropolitanos a inspiração para nomear os seus cordões.

<sup>111</sup> Os Bailes na Carlos Gomes. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 20 de fev. 1942, nº 2.038, ano 41.

<sup>112</sup> Micarêta em S. Roque. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 10 de abr. de 1936, nº 1.762, ano 35.

<sup>113</sup> Uma boa nova. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 01 de abr. de 1932. p. 2, , nº 1.567, ano 31.

Os desfiles da capital baiana motivavam as senhorinhas fornecendo idéias de fantasias, músicas e títulos para compor a micareta que se destacava na cidade e na região pela pompa e animação dos dias festivos.

Inocentes em Progresso e Fantoches são títulos que aparecem nessas décadas, nos cordões e pranchas santantonienses. “O blóco Fantoches deu uma nota galante para a nossa Micarêta. Constituído de belas senhorinhas, o grupo animou as ruas com cantares e charangas.[...] Tudo foi de muito bom gosto.”<sup>114</sup>

Adotar títulos que faziam referência à capital baiana era parte da representação da micareta como reduto do moderno. A fina flor santantoniense, se empenhava todos os anos para levar ao público da cidade o brilho dos seus cordões.

E quando as senhorinhas se empenham numa coisa, o efeito é certo, o resultado é bom. Sereias do Atlântico – é um cordão já em perspectiva. As moças que o estão organizando têm sangue na gueira e farão coisa digna de ser vista. [...] A Micareta conseguiu foros de rainha em Santo Antonio. Agora já não lhe é dado retroceder, porque é esperada e desejada pelo povo.<sup>115</sup>

O bom resultado pretendido pelas elites encontrava aporte nos cordões bem organizados e bem vestidos, dignos de serem vistos nas ruas de Santo Antônio de Jesus. Sob a perspectiva dos grupos dominantes, os cordões organizados pelas senhorinhas constituíam a representação da ordem moderna que se tentava imprimir à cidade. Essas manifestações são descritas como a legítima micareta, a “rainha em Santo Antônio”.

O comércio tem uma marca forte na configuração dos cordões. Muitas lojas, localizadas principalmente na Ruy Barbosa, colaboravam com a micareta doando recursos, materiais, enfim, artigos para a organização da festa.

Pra enfeitar o cordão a gente vendia bilhete, [...] as vezes o prefeito ajudava [...] arrecadava dinheiro na família mesmo [...] algumas lojas ofereciam os enfeites. Lojas ali da Rui Barbosa [...] quando o cordão desfilava sempre passava em frente as lojas.<sup>116</sup>

Essas lojas também ofereciam prêmios aos grupos que participavam da festa:

As 19 horas, todos os cordões reuniram-se diante á barbearia *Cristal* para receber os seus premios, em brindes e dinheiro, oferecidos pela

<sup>114</sup> A Micarêta esteve brilhante. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 19 de abr. 1940, nº1. 999, ano 39.

<sup>115</sup> A Micareta. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 20 de fev. 1942, nº2,038, ano 41.

<sup>116</sup> N. Santos, 78 anos. Professora. Entrevista realizada em 03/08/05. Santo Antônio de Jesus.

*Loja Brasil* e outras casas comerciais desta praça. Houve muitos gritos, ovações, palmas.<sup>117</sup>

Entre os cordões, era alimentado o desejo de ser a “[...] nota primorosa da tarde carnavalesca”<sup>118</sup>. Não só pelos prêmios, mas pela aura de modernização que cercava a festa.

Mas as ruas não estiveram entregues às trevas. As senhorinhas que são a fina flor da nossa sociedade, deram uma nota galante e civilizadora, demonstrando para a massa desordenada uma festa digna dos ares modernos que dominam nossa terra.<sup>119</sup>

Ao cortejo carnavalesco das senhorinhas é atribuída a função de civilizar as práticas, servindo de exemplo para a “massa desordenada” que festejava sem a ordem e a elegância, tão caros ao olhar das elites.

No apoio da festa momesca, tem destaque as lojas Santo Antônio, Bahia e Brasil. O comércio patrocinava muitos cordões, mas também era impulsionado com a chegada dos dias de Momo. Nos jornais são anunciadas as novidades disponíveis nas lojas da cidade para as festas da micareta.

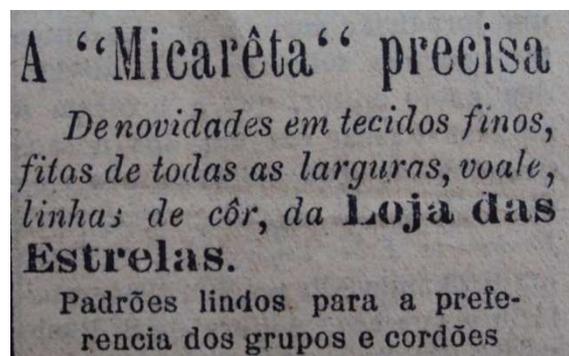


Figura 06 – Anúncio da Loja das Estrelas.

Apesar da vontade, nem sempre os grupos adquiriam os artefatos para compor os carros e fantasias nas lojas da capital. Muitos produtos eram comprados no comércio local. As lojas buscavam as novidades em terras soteropolitanas, para oferecer aos foliões santantonienses: “Chegou hoje na popular Loja Brasil completo sortimento de fitas, máscaras, fantasias, confetes, lança-perfumes [...] vindos dos centros mais avançados [para] lançar beleza e elegância”<sup>120</sup> nas festas da micareta.

<sup>117</sup> A Micareta. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 8 de abr. de 1951, n 188, ano 4.

<sup>118</sup> **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 28 de mar. de 1949.

<sup>119</sup> Cordões primorosos!. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 25 de fev. de 1937.

<sup>120</sup> Novidades. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 02 mar. 1945.

As lojas têm um papel importante no concurso que animava a micareta, Oferecendo prêmios destinados não apenas ao desfile dos cordões. O concurso agitando a vida das senhorinhas da cidade não ocorreu no Carnaval, mas na micareta de 1950 tomando “[...] muito terreno [para ser] coroada de êxito”<sup>121</sup>. E mais uma vez o patrocínio das lojas Santo Antônio, Bahia e Brasil parece ter predominado no período, figurando com freqüência nos assuntos de Momo.

**Formidável Concurso**  
**Qual a rainha e princesas da "Micareta" de 1950 ?**  
**ESCOLHA E ELEJA A SUA CANDIDATA**  
**Lindos e valiosos brindes**

NOTA: — Este concurso tem o patrocínio das lojas **SANTO ANTONIO, BAHIA, BRASIL** e das **ESTRELAS**, as quais oferecerão aos seus estimados freguezes 5% (cinco por cento) em *coupons* nas suas compras, a partir desta data.

A apuração dos votos realizar-se-á às quartas-feiras e aos domingos, às 21 horas.

Os *coupons* acham-se à venda nas lojas acima referidas.

Santo Antonio de Jesus, 12 de Março de 1950.

**MICARÊTA**

**QUAL A RAINHA DA MICARETA DE 1950 ?**

*Resultado da sexta apuração:*

Rita Murici.....	1.087	votos
Terezinha Laurine..	795	«
Luiza Lemos.....	575	«
Madalena Navarro..	410	«
Francisca Costa ...	305	«
Ivani Gomes.....	270	«
Rita Gouveia.....	152	«
Rita Cajaiba.....	130	«
Neide Gomes.....	124	«
Izaulina Mota.....	115	«
Eufrasia Vieira....	89	«
Madalena Navarro..	40	«

e outras menos votadas

— NOTA: A penultima apuração será hoje às 19 horas e a ultima na proxima quarta-feira às 20 horas.

Em homenagem às Rainha e Princesas realizar-se-ão nos dias 16 e 18, dois grandes bailes.

Figura 07 – Anúncio do concurso para Rainha e Princesas da micareta.

Figura 08 – Resultados da apuração do concurso para Rainha e Princesas da micareta.

As senhorinhas responsáveis pelos cordões e pranchas, também protagonizavam um concurso que acirrava a disputa pela primazia no folgado momesco. Todos os anos eram escolhidas uma rainha e princesas para compor uma corte feminina no reinado da micareta. As cerimônias de premiação das eleitas

<sup>121</sup> Micareta. *O Detetive*, Santo Antônio de Jesus, 12 de mar. de 1950, nº 135, ano 3.

contavam com bailes de máscaras nos salões da cidade, homenagens ao som do momento e prêmios oferecidos pelas lojas.

À noite coroação das rainhas e princesas da Micareta, discursando alguns oradores, sendo as homenageadas, respectivamente senhorinhas – Neide Gomes, Teresinha Laurine e Rita Murici. A cerimônia da coroação, colocação de faixas, como da entrega dos brindes, sob muitas palmas, foi realizada pelo Sr. Prefeito Municipal. Orquestra deliciosa. Ótimo serviço de doces e gelados. Já se vê que a Micareta não passou assim, também, de búzio, como se esperava [...] <sup>122</sup>

Cercadas de pompas e circunstâncias, a eleição e premiação das escolhidas para compor, durante a festa, a corte carnavalesca sobrevive até o início da década de cinquenta do século XX – período em que a realização da micareta nas ruas já não apresenta o brilho e o dispêndio dos anos anteriores.

Não é apenas um acontecimento festivo que integra o calendário da micareta: essas eleições possuem um teor político. Nos bailes de premiação as autoridades compareciam com discursos e prêmios para as vencedoras. Apoiar as comemorações da micareta era garantir bons elogios nas páginas do Paladio.

Foram apresentadas ontem, num primoroso e elegante baile, as belas senhorinhas, candidatas a Rainha e princesas da Micareta de 1945. A audiência primorosamente trajada, era seleta [...] o Sr. Prefeito esteve presente e num discurso bellissimo, contagiou a todos com o êxtase micaremico que se aproxima. <sup>123</sup>

O rei Momo também está presente na micareta e no carnaval, até mesmo em momentos de resistência ao desaparecimento da festa carnavalesca nas ruas, como podemos ver nesse panfleto distribuído semanas antes da festa e publicado na edição de 5 de fevereiro de 1950 do jornal O Detetive.

---

<sup>122</sup> A Mi-careta se apresentou como pode. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 23 de abr. 1950, nº 141, ano 3.

<sup>123</sup> A Micareta se aproxima. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 25 de mar. de 1945, nº [ilegível], ano 44.

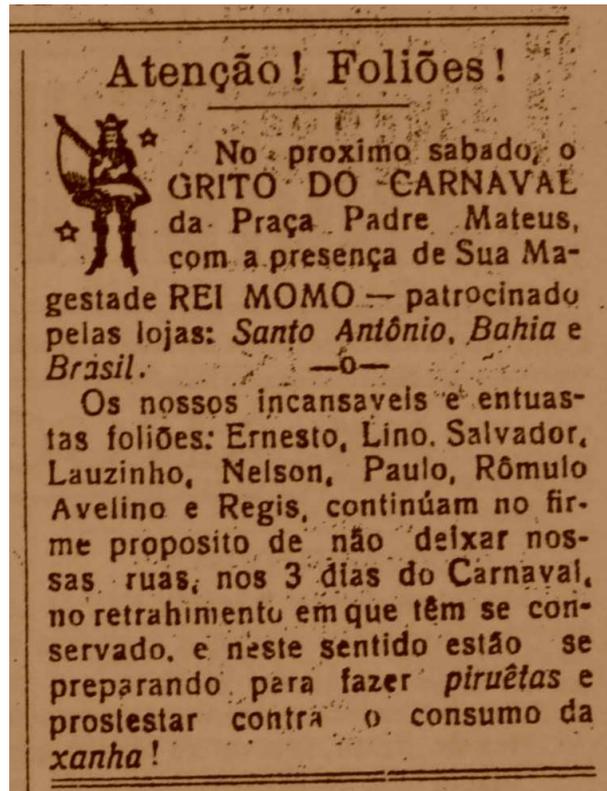


Figura 09 – Panfleto carnavalesco.

Os redatores do jornal elaboraram e imprimiram o panfleto para a distribuição na cidade. Em protesto contra o retraimento das ruas nos três dias carnavalescos, se empenham no movimento de agitar as ruas, conclamando os foliões para participar do Grito do Carnaval.

Nesse momento de resistência ao decréscimo da festa, notamos a presença do Rei Momo. Em alguns depoimentos sua participação é mencionada nas manifestações encenadas no período da micareta.

[...] gostava do Zé-pereira. Ali a gente brincava. Não tinha confusão, não tinha briga [...] Saia com o que tinha. Fantasia a gente usava qualquer pano pra fazer [...] e tinha o Rei Momo. Era um posto de respeito. Ia na frente do bando, fazendo pirueta e lavano [sic] a folia.<sup>124</sup>

Sai de Momo um ano. No bloco pela rua [...] o povo todo foi seguino [sic] de rua em rua [...] era moço quando sai de Momo. E tinha que sê [sic] moço pra fazer tanta pirueta. Pulava aqui, pulava ali e o povo rino [sic]. [...] tinha que ter jeito pra se [sic] Momo, não era só fantasia.<sup>125</sup>

<sup>124</sup> José Almerindo dos Santos, 78 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 06/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

<sup>125</sup> E. F. Soares, 82 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 25/03/2008.

O Rei Momo parece ter uma presença marcante nos blocos populares. Entre eles, o Zé-pereira, citado em outros depoimentos, tem na figura carnavalesca uma liderança que abria a sua passagem pelas ruas da cidade. As manifestações do Zé-pereira, compunham o espaço festivo santantonense desfilando sobretudo durante a madrugada. Grupos fantasiados, instrumentos diversos – até mesmo instrumentos improvisados – faziam parte desse grupo.

Apesar da marcante presença momesca, as páginas do Paládio destacam com mais ênfase a corte feminina composta pela fina flor da sociedade santantonense.

Rainhas e princesas eleitas entre as senhorinhas da elite pareciam representar melhor os anseios de modernização das elites locais.

Não se podiam ver moças mais belas e bem trajadas que a Rainha e princesas da Micareta. Delas emanava todo o **requinte**, toda a **elegancia**, todo o **brilho alvo** de que necessitam as nossas ruas nesses dias de festa.<sup>126</sup>[Grifo nosso]

Na memória de alguns entrevistados também encontramos imagens dessas eleições:

A gente se divertia muito naquela época. Tinha já um grupo que saia todo ano. Hoje eu não vou mais pra essas festas de rua, mas naquela época a gente participava de todas. Tinha até eleição pra escolher a rainha da micareta. Escolhia princesas também [...] minhas irmãs e eu já participamos [...] Rita, Neide, era tanta gente. Era uma turma boa [...] vendia bilhete no concurso também, não era só beleza não [...] Neidinha foi até eleita um ano. Não lembro quando foi [...] a gente ensaiava a música, a dança, encomendava fantasia. [...] nos anos que a rainha escolhida era da nossa turma era uma festa. A gente comemorava fazendo bonito no desfile. [...] todo mundo queria exibir a rainha no cordão, mas primeiro ela desfilava com a gente. [...] era bom. No baile a rainha era sempre o centro: todo mundo olhava, queria ver a roupa, a coroa. Tinha que se apresentar como mandava a ocasião. Não era de qualquer jeito não. Tinha muita gente lá só pra ver a rainha.<sup>127</sup>

Uma corte feminina para as elites; um Rei Momo saltitante para os populares. Parece haver uma separação que, todavia, não impede trocas entre os grupos. A eleição de Rainhas e princesas pode não ser exclusividade das elites, assim como o Rei Momo não era para os populares: “No baile do último dia de Carnaval esteve

<sup>126</sup> Uma grande micareta. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, p. 02, 20 de mar. de 1940.

<sup>127</sup> R. Muricy Santos, 82 anos, aposentada. Entrevista realizada em 10/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

presente vossa majestade, o Rei Momo, acompanhado pelas Rainha e princesas de 1937.”<sup>128</sup>

Diversos grupos estavam presentes e atuavam nesse espaço da micareta e do carnaval. Para além dos anseios de modernização, organizavam seus desfiles e brinquedos, dividindo as ruas da cidade: entre os cordões e pranchas das elites, estavam as batucadas, os Zé-pereiras, os blocos e bandos populares.

Apesar de surgirem denominações diferentes para as manifestações carnavalescas santantonienses, na prática elas se aproximam. Tanto nos depoimentos quanto no jornal *O Paládio*, as Batucadas são associadas a desfiles de grupos uniformizados. Os Blocos, por sua vez, eram compostos com fantasias diversas, às vezes levavam pequenas alegorias ao som das charangas. Os bandos são descritos como grupos de foliões que saíam pelas ruas da cidade compondo desfiles próprios ou acompanhando outros cordões ou batucadas. Os Bandos estão muito próximos do Zé-pereira, aparecendo em algumas fontes, como uma prolongação da folia da madrugada.

Esses grupos se mantêm ativos participantes durante as micaretas apesar dos setores elitistas não verem a presença dos “farroupilhas” com bons olhos.

Infelizmente no último dia consagrado ao Rei Momo, máscaras farroupilhas arrastaram pelas ruas fantasias desasseiadas e sons destoantes da nossa elegante e amada terra [...] Desde o romper da madrugada as ruas estiveram dominadas pelos máscaras, fazendo esgares, saracoteando em um entrudo sem controle.<sup>129</sup>

Essas palavras, citadas acima, dão mostras do tom que assumia o discurso modernizador na voz das elites. O “brilho alvo” dos cordões das senhorinhas se apresentava como a redenção das ruas nos dias de festa momesca:

Mas as ruas não estiveram entregues às trevas. A fina flor da nossa sociedade deu uma nota galante e civilizadora, demonstrando para a massa desordenada uma festa digna dos ares modernos que dominam nossa terra.<sup>130</sup>

Nas páginas do *Paládio* os jornalistas construíram uma imagem da micareta que atendia aos interesses das elites locais. Ao construir essa imagem da micareta associada ao discurso modernizador, os jornalistas formataram uma memória: um ponto de observação a partir do qual a festa pode ser lida segundo o olhar das

<sup>128</sup> *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 28 de fev. 1937.

<sup>129</sup> Uma grande micareta. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, p. 02, 20 de mar. de 1940.

<sup>130</sup> Uma grande micareta. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, p. 02, 20 de mar. de 1940.

elites. Ou seja, a micareta pode ser lida como símbolo de modernidade. Mas, esta não é a única leitura possível desse espaço dinâmico de comemoração. A festa também era lugar de diversão, encontro, expressão de idéias e desejos, momento de expressar a criatividade e de distensão das dificuldades do cotidiano.

Para os grupos populares, compostos por setores menos abastados, parecia importar pouco as críticas e condenações veiculadas pelo Jornal.

A gente brincava, dançava. Saia de fantasia pela rua e levava o que tinha pra fazer barulho, pra fazer o samba. E era assim que brincava a micareta. Num tinha briga, num tinha confusão. Todo mundo ia pra rua. Era batucada, marujada, samba [...] tinha as moça do cordão. Era bonito de se vê. Quando a gente sabia que ia ter carro, ficava todo mundo na espera. Avistava de longe, no comecinho da rua. Vinha todo colorido, cheio de flor e de moça. Tudo de fantasia. [...] era riso, era samba, era festa.<sup>131</sup>

Para as elites santantonienses o espaço da festa assume outras colorações. Os cordões seriam, dentro desse discurso, o exemplo a ser seguido, a representação do progresso na festa e a única manifestação legítima da modernização da cidade: “Em algumas horas as nossas ruas estarão repletas de cordões elegante e pranchas luxuosas. [...] teremos uma Micareta digna de nota [...] enfim uma festa que expressa o gosto pelas coisas modernas.”<sup>132</sup>

Para o ideal de modernização, alcançar o luxo, a elegância é sempre primordial:

Folgamos em noticiar que os preparativos para a próxima micareta superam em muito os anos anteriores. As senhorinhas querem abalar o publico que todos os anos vem assistir as ditas festas e estão se empenhando na organização de cordões e pranchas luxuosas, que prometem incendiar as ruas com o riso franco e aberto, visto apenas na elegante Micareta de Santo Antonio.<sup>133</sup>

Os cordões elitistas eram sinônimo de “civilização”, entretanto as camadas populares que também ocupavam o espaço da folia carnavalesca utilizam os mesmos conteúdos – cordões, fantasias e máscaras – nos dias de micareta. Talvez a utilização de formas semelhantes tivesse como objetivo legitimar sua presença nas ruas, já que os cordões eram sempre exaltados como símbolo de progresso. Mas, é pouco provável que isso representasse uma estratégia consciente para todos os

<sup>131</sup> E. F. Soares, 82 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 25/ 03/ 2008. Santo Antônio de Jesus.

<sup>132</sup> Chegou a hora. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus 16 de abr. de 1944.

<sup>133</sup> Os preparativos são animadores. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 02 de abr. de 1945, p. 01, ano 44.

participantes dos grupos. O sentido da diversão é muito mais latente nas falas que rememoram os dias de festa.

Tinha muita gente na festa, vinha gente de fora e gente daqui. Era uma folia só. E a gente brincava até a madrugada, às vezes começava mesmo era de madrugada [...] começava na rua, juntava todo mundo, de fantasia, máscara, mas nem sempre tinha máscara... de lata, de tudo que fazia barulho. A gente gostava de levar flor, as mulheres... levava o cesto cheio de flor, eu levei um, a gente dava na rua pra [sic] quem tava esperano [sic] a gente passar [...] ia até a praça e cantava e brincava, jogava flor pra [sic] cima, era uma chuva que enchia a rua de cor [pausa] era uma alegria só. Festa como aquela não tem mais não.<sup>134</sup>

Além de cordões, batucadas e máscaras avulsos, os grupos que dispunham de poucos recursos levavam para as ruas da cidade o famoso Zé-pereira que ficaria conhecido como Club do Silêncio. Nos anos 30 do século XX, esse grupo muito popular saía pelas ruas com instrumentos, fantasias e máscaras improvisadas, acordando a cidade para o domínio que se iniciava, com sua batucada estridente.

Em finais de 30 e início de 40, período em que a fama, o dispêndio e o luxo das micaretas crescem em apoteóticas apresentações, será fundado o Club do Silêncio contando nas apresentações, com a adesão de representantes das elites locais.<sup>135</sup>

Os indícios que apontam para a participação popular são encontrados nas páginas que exaltam as manifestações da elite como únicas responsáveis pelos ares modernizantes em dia de festa. Aparece em 1941 o seguinte relato:

[...] há várias combinações que se organizam para o belo folguedo. Cordões talvez apareçam seis. Pranchas três ao certo. Afora os grupos miúdos que, quando decentes e espirituosos, concorrem muito para a alegria das ruas.<sup>136</sup>

Quaisquer que tenham sido os corpos a carregar fantasias, as vozes a entoar o canto, cordões ricos ou pobres e grupos miúdos dividiram a cena nas micaretas santantonienses.

Essas expressões lúdicas também são portadoras dos seus protestos e reivindicações, indicando sua resistência frente às

<sup>134</sup> Cristina Ferreira, 84 anos, feirante. Entrevista realizada em 26/10/2007. Santo Antônio de Jesus.

<sup>135</sup> Segundo o depoimento do senhor E. F. Soares as apresentações do Zé-pereira, conhecido a partir da década de 1940 como Club do Silêncio, contava com a participação de alguns comerciantes da cidade. E. F. Soares, 82 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 25/03/2008.

<sup>136</sup> A Folia vem ahi. **O Paládio**. Santo Antônio de Jesus, 20 de mar. 1941, . n.º. 1.995, ano 40.

condições impostas, tais como as normatizações e proibições às manifestações lúdicas. Porém, não devemos esquecer as contradições presentes nas manifestações populares, como a adoção de elementos brancos nos préstitos organizados por afro-brasileiros, verificados nos desfiles dos clubes uniformizados.<sup>137</sup>

Nas décadas de 30 e 40 é predominante a participação feminina na micareta – essa é uma questão de proporção e não exclusão, os homens participam, no entanto a presença feminina é superior. Nas páginas do jornal são sempre as “senhoritas da elite [que] preparam cordões primorosos e estão interessadas vivamente pelo brilho desse festejo da páscoa. Carros de crítica e de realce organizam as suas exibições alegres e gritantes.”<sup>138</sup>

No mês de abril, quando a micareta ocupava as ruas da cidade, os cordões de senhorinhas fantasiadas acompanhados pela percussão das charangas, dividiam o espaço das Quatro Esquinas – e outras ruas – com os “caretas farroupilhas”, “máscaras desasseiados”<sup>139</sup> e tambores feitos em casa, como nos aponta a memória de Augusto Soares<sup>140</sup> morador da cidade de Santo Antônio de Jesus.

A narrativa jornalística nos remete a uma experiência festiva nas ruas da cidade, que não está centrada apenas nas elites locais:

A não ser nos grupos e barulhos do Zé Pereira, nas duas madrugadas de 27 e 29, poucos caretas farroupilhas se encontravam nas ruas nas duas tardes da mi-carême.

Os **máscaras desasseiados** se retraíram nessas tardes para dar campo aberto e franco aos **cordões limpos**, bem organizados e bem vestidos, com as suas charangas estridentes.<sup>141</sup>[Grifos nossos]

As narrativas da micareta no jornal O Paládio expõem com frequência essa oposição: “máscaras desasseiados” *versus* “cordões limpos”. Os indivíduos que envergavam tais máscaras não correspondiam às senhorinhas da elite; em oposição à imagem de “caretas farroupilhas” é apresentada – e insistentemente ressaltada em outros números do jornal – a imagem de “[...] cordões limpos, bem organizados e bem vestidos”, em suma, cordões que se enquadravam à imagem que o próprio Paládio tentava instituir: a imagem de uma cidade moderna, urbana e progressista que não assistia satisfeita ao desfile dos caretas farroupilhas. Esse afã

<sup>137</sup> VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. Diversidade no carnaval de Salvador – as manifestações afro-brasileiras (1876-1930). In: **Projeto História**, São Paulo, (14), fevereiro de 1997. p. 218.

<sup>138</sup> A Micarême está prestes. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, p.01, 17 de mar. de 1939. nº 1.908, ano 38.

<sup>139</sup> A Mi-carême. **O Paládio**. Santo Antônio de Jesus, p. 03, 1º de abr. de 1932, nº. 1.567, ano 31.

<sup>140</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005

<sup>141</sup> A Mi-carême. **O Paládio**. Santo Antônio de Jesus, p. 03, 1º de abr. de 1932, nº. 1.567, ano 31.

modernizador profetizado nas décadas de 1930 e 1940 enfrentará o arrefecimento da Micareta dos cordões de senhorinhas e patrícias na década seguinte.

Em 1951 identificamos um movimento das senhorinhas e cavalheiros, angariando donativos para levar a efeito os festejos da micareta, incomparável com a “[...] luxuosa e dispendiosa micareta de 1945”<sup>142</sup>. A presença masculina nos preparativos da micareta parece ser mais freqüente a partir de então.

Senhorinhas, meninas e rapazes se empenharam para levar às ruas a alegria carnavalesca. Assim, neste ano foi organizado “um grupo carnavalesco infantil”, as “Princesas Infantis, que ao som de esplendida charanga, percorrerá a cidade [...] o traje, apesar de não ser rico, é original e está irradiante de elegância e arte, e estamos certos, muito agradecerá ao público.”<sup>143</sup>

A micareta em 1950 não esteve dotada com a pompa e os atrativos dos anos anteriores, mas esteve nas ruas:

Não tivemos batucadas, nem cordões ricos nem pobres, nem pranchas alegóricas, pois que tudo isto é luxo, entretanto os nossos moços mesmo assim não deixaram de vibrar dando lugares ao bom humor, soprando nos instrumentos, ou entoando em plena rua canções carnavalescas[...] Lança-perfumes, ventarolas e confetes não faltaram nos três dias coloridos e o local das quatro esquinas, que é sempre o ponto central nas festas desse gênero, exhibia seleta e numerosa assistência, com extraordinário serviço de alto-falante, dando banhos de trovoadas nos ouvidos de todo mundo, talvez para que o povo acordasse do sono em que vive mergulhado com referência às festas pagãs.<sup>144</sup>

A passagem confronta o luxo das pranchas alegóricas, dos cordões com o arrefecimento dos festejos momescos que são levados às ruas, no entanto sem o brilho da grande micareta de 1945. Outra questão evidente é a menção feita ao povo nas últimas linhas. De forma menos incisiva que nos relatos d’O Paládio, o papel do povo é afirmado mais uma vez; o sono, ou os braços de Morfeu estariam distanciando o povo dos festejos de Momo. Entretanto, há ainda uma questão que poderia escapar do leitor desatento.

Na primeira linha da citação encontra-se mais um indício importante e imprescindível para a análise da festa. Numa leitura superficial das narrativas jornalísticas tem-se a falsa noção de que a elite e tão somente ela era responsável

<sup>142</sup> Micareta. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 18 de fev. 1951, nº 181. ano 4.

<sup>143</sup> Micareta. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 02 de abr. 1950, nº. 138. ano 3.

<sup>144</sup> A Mi-careta se apresentou como poude. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 23 de abr. 1950, nº. 141. ano 3.

pelas festas da micareta nas décadas de 1930 e 1940, mas o mesmo texto que ressalta a elite fornece indícios da atuação de outros setores da sociedade.

A festa que encanta e alucina a população santantoniense em fins de 40 e início da década de 50 do século passado, começa a arrefecer provocando reações contra o retraimento do reinado de momo nas ruas da cidade.

Cordões e pranchas alegóricas retraem suas apresentações na Quatro Esquinas, mas não desaparecem por completo de uma hora para outra. Aparecem em destaque nesse período a realização de bailes e matinees nos clubes, sedes das filarmônicas, sindicato fumagero e na Sociedade dos Artistas. Espaços restritos que limitavam também os participantes.

Em 1950 O Detetive anuncia o “Grito do Carnaval” a ser realizado na Praça Padre Mateus com o patrocínio de três importantes lojas da cidade. A nota congratula os “incansáveis e entusiastas foliões” pela iniciativa de não legar às ruas, nos três dias de carnaval, o marasmo dos anos anteriores.

Em 25 de fevereiro do mesmo ano O Detetive traz em sua primeira página uma nota intitulada “O carnaval... nos braços de Morfeu!”, com uma descrição de um carnaval que certamente não aconteceu naquele ano, mas é ressonância dos carnavais áureos da cidade. Analisemos o trecho a seguir:

Movimento desusado nas quatro esquinas. As serpentinas formavam momentaneamente uma espécie de arcos de triunfo e redes policrômicas. Os confetes infestavam o ar como pequeninas hóstias multicores, atapetando o solo, lembrando extravagantemente o maná dos desertos bíblicos...[sic] O jato de éter dos lança-perfumes, as pranchas imponentes, as críticas espirituosas, os grupos, os cordões, a orquestra, as canções carnavalescas palmilhando as nossas ruas, em passo cadenciado e rítmico, em saltitantes requebrados ou descrevendo caracóis artísticos, em bailados encantadores [...]<sup>145</sup>

A ironia das primeiras linhas serve de contraponto à situação dos festejos de momo no início da década de 50. Nas Quatro Esquinas, local da festa, havia ocorrido alguma vibração, mas em relação às festas anteriores, a realização seria um “[...] apagadíssimo arremedo, um pequenino ensaio”<sup>146</sup>. Questiona-se onde estariam os cordões, as críticas, as batucadas... e os promotores da festa, Avelino, Regis, Lino, Madeira e as patricias com o concurso e os números inteligentes. Onde estaria Momo? E conclui: nos braços de Morfeu!

<sup>145</sup> O Carnaval...nos braços de Morfeu!. **O detetive**. Santo Antônio de Jesus, 25 fev. 1950, nº. 133. Ano 3.

<sup>146</sup> O Carnaval...nos braços de Morfeu!. **O Detetive**. Santo Antônio de Jesus, 25 fev. 1950, nº. 133. Ano 3.

Na compreensão da festa é preciso considerar que os centros espaciais da festa nem sempre coincidem com os espaços de poder. Muitos momentos ao longo da história comprovam a veracidade de tal assertiva. A festa carnavalesca em Santo Antônio de Jesus assim é configurada: a elite que se apresenta como a fina flor representante dos ares progressistas através da realização da micareta, espacialmente não reside no centro, fazendo uso desse espaço nos desfiles. Seus préstitos são arquitetados nas regiões periféricas da cidade, nas fazendas das famílias abastadas para acontecerem no centro, lugar de maior afluência de público para suas apresentações.

O centro nesse período, ainda marcado pela presença do Mercado Municipal na Praça Luiz Vianna, era lugar de comércio e sociabilidades: lugar em que cidades da região se encontravam em prosas, amizades e parcerias econômicas e festivas.<sup>147</sup>

Entre o fazer da barba – o jornal *O Detetive* destaca o nome de Avelino Santos, barbeiro, como importante articulador da festa nos últimos anos da década de 40 e início da década de cinquenta – e a venda de produtos, muitas batucadas foram pensadas para o período que se abria em oportunidades de cantar, saltitar, rir e provocar, no público que acompanhava o cortejo da folia, muitas risadas.<sup>148</sup>

Trabalho a muito tempo aqui na feira, mas ela não ficava aqui onde ta hoje. Era lá na praça, na frente da igreja [...] trabalho desde o tempo das batucada, da marujada que a gente gostava muito de brincar [...] saia tudo na micareta. Teve um ano que junto o povo que trabalhava na vendagem da feira pra fazer uma folia, uma batucada [...] e organizava como podia, porque todo mundo precisava trabalhar. Ali no meio do povo a gente cantava que era pra não perder a melodia.<sup>149</sup>

Segundo o depoimento de Augusto Soares, ativo participante das batucadas e feirante desde a década de 50 do século passado, vários participantes das batucadas eram feirantes ou desempenhavam outras profissões em ruas próximas ao mercado municipal, sendo que este se convertia também em local de encontro para acertar detalhes das batucadas.

Na festa estava presente a vida cidadina e era espaço aberto para os foliões aliviarem as tensões cotidianas através da diversão. Mas, um espaço também de

<sup>147</sup> SANTANA, Charles d'Almeida. **Dimensão Histórico Cultural “ Cidades do recôncavo ”**. Programa de Desenvolvimento regional Sustentável. Recôncavo Sul. CAR. Salvador Abril de 1999.

<sup>148</sup> Micareta. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 18 de fev. 1951, nº 181, ano 4.

<sup>149</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005. Santo Antonio de Jesus.

potencial subversivo, aberto para as críticas sempre marcantes na micareta. E nas entrelinhas desse espaço, a tensão entre cordões de luxo, que se apresentavam como legítimos representantes da modernização, e cordões “farroupilhas”, que a voz da elite queria banir com seu grito de progresso, mas que não retrocediam o seu desfile exibindo seus trajes e sua alegria na cidade, fazendo das ruas seu espaço.

### 3.2 NAS ARTÉRIAS DA CIDADE

Mas onde e quando repousar, refletir, na ‘polis’ moderna, que até a nossa está sendo, inferno da atividade humana, que se eletriza, cinemiza, automobiliza e mal pode ter um aí!, para o que for esmagado, fulminado à pressão assassina ou inocente das rodas, dos pneumáticos e das concorrências econômicas? Dentro do tempo; nas vagas do tempo, com a bússola da experiência, teremos norteio quotidiano.

[...] os cronômetros não contam senão segundos de ambição, de sensações novíssimas, de interesses e refinamentos.

[...]

Ao tempo em que escrevo estas linhas, já aí está a urgência suarenta do tipógrafo a espia-las e ouço a trepidação do maquinismo impressor, a que estou associando a ânsia dos leitores no nosso órgão, que é o do seu momento social, da hora que soa.

(KILKERRY, Pedro, 1913, p. 147-148)

Selecionadas e repetidas essas são as notas ressonantes do discurso em voga desde as últimas décadas do século XIX na sociedade brasileira: urbanização, modernidade, civilização, progresso. O discurso adentra o século XX difuso por todos os meios, instrumentos e imagens. Eis a alegoria captada na leitura dos jornais: Santo Antônio de Jesus aspirante à categoria de “civilizada” ansiava uma atmosfera em que as idéias de progresso demarcassem o caminho a percorrer na construção de uma cidade moderna e logo uma vida moderna.

A cidade vibrava, fervilhava em suas artérias modernizantes e a realização da micareta era vista como um meio de legitimar sua modernização ao aderir às formas de festejar da capital do país e da Bahia.

Esse lugar de comemoração agregava os cidadãos: os corpos se encontravam com fantasias e máscaras, comunicando alegria, idéias, exibindo o poder em preparar desfiles repletos de luxo e novidades trazidas da capital para despertar os elogios do público e dos visitantes.

No ritmo das músicas, cantando os versos compostos especialmente para a ocasião, ou importados do Rio de Janeiro ou Salvador, os participantes integravam o movimento da festa. Nesse espaço de comemoração estão refletidas as vivências dos participantes e da sociedade santantoniense.

Ostentando as novidades, a festa se inseria na cidade em processo de urbanização. Ao lado dos projetos idealizados para a estrutura da cidade, estava a festa, colocada como símbolo da modernização em desenvolvimento.

Foram incorporadas informações e imagens à festa santantoniense a partir dos referenciais dispostos no campo da cultura nacional. Assim como a Europa fora a referência no processo de “civilização da festa” brasileira, para cidades como Santo Antônio de Jesus o referencial do Carnaval do Rio de Janeiro e Salvador constituíam-se em aportes essenciais na configuração dos festejos de carnaval e micareta que, ao seguir os modelos das capitais e conseqüentemente o europeu, estariam elevando a urbe à categoria de polis moderna, “civilizada” e progressista.

Há muito tempo que esta terra dá provas do seu progresso [...] nossas ruas e construções assumem uma bonita feição. [...] os desfiles farfalhantes levados a efeito pelas senhorinhas da elite são um adorno de ordem e modernidade [...] não é em outro lugar, se não nos centros mais avançados que a nossa fina flor vai colher as luzes de inspiração para compor a festa que é a rainha em toda a região.<sup>150</sup>

As elites observam outros espaços festivos para formatar uma festa que, segundo o seu ponto de vista, assumia o papel de referência entre as cidades que circundavam Santo Antônio de Jesus. A intenção não era apenas assimilar elementos externos que pudessem representar a modernidade, mas se colocar como paradigma moderno em sua região.

A associação da festa carnavalesca à nação é amplamente manipulada nesse contexto de 30 e 40:

Do senso comum à produção acadêmica, passando pela literatura, relatos de época e de viajantes estrangeiros, é forte a tendência de se considerar a festa, no Brasil, mais costumeiramente a festa carnavalesca, como o local de encontro, mistura e comunhão entre todas as etnias e classes sociais, base importante do que seria a marca singular e positiva de uma pretensa nacionalidade brasileira.<sup>151</sup>

<sup>150</sup> **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 20 de abr. 1943.

<sup>151</sup> ABREU, Martha. Festas e cultura popular na formação do “povo brasileiro”. In: **Projeto Historia**, São Paulo, n.16, fevereiro de 1998. p. 143.

Segundo Maria Clementina Cunha historicamente foi atribuída à festa a capacidade de expressão de uma originalidade e de esboço do perfil “daquilo que faz os brasileiros diferentes”. Esta idéia proclamada e reiterada antes e depois da virada para o século XX tem como argumento a idéia de que o carnaval incorpora a essência do nosso sangue.<sup>152</sup>

A partir da década de 1920, este pensamento será sistematicamente elaborado e revestido de colorações políticas. Dessa forma, a constante presença do termo “povo” nos jornais publicados em Santo Antônio de Jesus, nos faz pensar não apenas na existência de um projeto político voltado a cooptar o apoio popular; instituíam-se a tendência de interpretar a expressão festiva do “povo” como a essência fundadora da identidade do país. E esta servia àquele.<sup>153</sup>

À medida que o Estado Novo instituiu um discurso de aproximação entre governo e “povo”, este termo passa a figurar com frequência nos meios de comunicação. No que tange à festa santantoniense, nos meios de comunicação locais, principalmente no jornal O Paládio, constrói-se uma imagem das festas Momescas associada a uma forte presença popular.

“Carnaval é a festa do povo. Onde não há povo não pode haver carnaval”<sup>154</sup>. Atribuiu-se deveras um valor quase inestimável ao povo na configuração das festas de abril, entretanto esse povo cantado nas linhas de diversos exemplares do Paládio não aparenta referir-se às camadas populares – ou menos abastadas da sociedade. A pompa e o brilhantismo do festejo são sempre atribuídos às senhorinhas da elite.

As elites queriam o povo apenas como público do espetáculo protagonizado pelas senhorinhas. Elas utilizavam a Micareta como meio pedagógico para tentar transformar o gosto do povo para coisas mais refinadas e ao gosto dos padrões que as próprias elites estabeleciam como aceitáveis para uma cidade moderna.

Uma outra relação emerge nesse processo. As semanas dedicadas à preparação das fantasias, coreografias e carros, eram compensadas quando o sucesso se manifestava nos aplausos, na admiração e na adesão dos expectadores, “da massa popular” como costuma acentuar o jornal O Paládio. Tudo era pensado,

---

<sup>152</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da Folia: uma História Social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 13.

<sup>153</sup> CUNHA, 2001.

<sup>154</sup> O Carnaval. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 21 de fev.1943, ano 42.

composto e organizado, “[...] pra abalar o público. A gente gostava de fazer o povo rir [...] as danças e os versos eram o encanto da festa.”<sup>155</sup>

Para as elites, enquanto os seus cordões desfilavam farfalhantes, exibindo fantasias luxuosas e canções animadas, ao povo cabia assistir “atento e prazeroso” ao cortejo das senhorinhas que eram a fina flor da sociedade santantoniense.<sup>156</sup>

Representante dos anseios da elite, o jornal *O Paladio*, nos exemplares publicados quinzenalmente entre os anos de 1930 e 1949, cria a imagem de uma Micareta como símbolo da modernidade santantoniense. Neste discurso de construção da Micareta como elemento legitimador do progresso e da modernização haveria espaço apenas para as “senhorinhas da elite”. Isso, é claro, não torna extinta a construção festiva nos arredores da cidade.

Na cultura protagonizada pelas transformações o homem legitima e oferece os padrões para a ação no meio social. Para tanto retira dos costumes no seio da sociedade o substrato essencial que legitima sua atuação. Desse modo, rito, festa, canto e dança, trabalho e riso, encontram-se entrelaçados na esfera de instituição social, na qual o homem efetiva a criação do seu mundo, enredando a si na mesma construção.<sup>157</sup>

Nessa linha, segundo Vanicléia S. Santos:

[...] o Carnaval, institucionalizado nos anos 30, representava uma idéia de nacionalidade que se criava através da união e da homogeneidade das raças. No entanto, organizado e obedecendo às normas para que fosse realizado. A festa não era mais realizada pelo povo, mas para o povo.<sup>158</sup>

Os elementos que apontam a uma transição para o espetáculo, da festa distanciada das vias de produção populares ligadas a sua origem entrudescas no Brasil, confrontam-se nas ruas de atuação social com a resistência ao “modelo importado de Micareta, enquanto festa urbana, ‘civilizada’ [...]”<sup>159</sup>.

A cidade das Flores exalava a memória do fervilhar com a chegada dos trens, respirava os ares da modernidade com o Projeto Luz e Força que proporcionou a

<sup>155</sup> Neide Santos, 87 anos, professora. Entrevista realizada em 03/04/2008. Santo Antônio de Jesus.

<sup>156</sup> A Micareta. *O Paladio*, Santo Antônio de Jesus, 22 de abr.1942, nº2.045, ano 41.

<sup>157</sup> Sobre ‘instituição social’ ver CASTORIADIS, Cornelius. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: \_\_\_\_\_ **Encruzilhadas do Labirinto II: Domínios do Homem**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

<sup>158</sup> SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no Sertão da Bahia. **Projeto História: Festas, ritos e celebrações**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: EDUC, nº 28, Jan/Jun. 2004, p. 252.

<sup>159</sup> SANTOS, V., 2004, p. 252.

eletricidade. A reconfiguração do espaço citadino, a urbanização e higienização chegados ao recôncavo baiano de um Brasil espartilhado à francesa, concorrem no processo de reconfiguração do festejo que tomava as ruas da cidade no mês de abril:

A aproximação dos dias de Momo jamais deixou de trazer ao povo a alacridade que exalta e rejuvenesce... porquanto a alegria é um dos agentes mais firmes e efficientes da vida [...] Sem ela – a festa –, teria um grande desenvolvimento a escola sombria dos misantropos, dos scepticos, dos descrentes, e em vez da sociedade vivaz, confortadora e vibrátil dos dias que passam, teríamos o infortúnio de ver um conjunto indesejável de tíbios, sonolentos, taciturnos, povoando terras fadadas para crear verdejante a árvore do bello e dos prazeres.<sup>160</sup>

Mais que palavras rebuscadas exaltando o papel dos festejos de Momo na sociedade enquanto “um lenitivo às durezas constantes da [...] vida”<sup>161</sup>, o trecho é parte de um quadro; uma tela pintada ao longo das décadas de trinta e quarenta da Micareta entusiasta, da alegria eufórica dos cordões das “senhorinhas”, da Micarême dos carros de crítica e dos “grupos miúdos”.

Como afirma Bakhtin, criava-se um segundo mundo baseado no princípio do riso no qual “[...] a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância.”<sup>162</sup>

Era assim uma espécie de liberação mesmo que temporária da verdade dominante, de abolição das relações hierárquicas, privilégios e regras: espaço no qual a própria vida e as dificuldades do trabalho e do cotidiano se tornavam risíveis.

A vida também não era fácil não. Trabalhava de sol a sol, levava o cesto pra feira dia de sábado, e vinha gente de todo lugar [...] mas tinha mais sossego, hoje em dia é só bandalera[...] a gente trabalhava mais feliz quando tava chegano a festa, a micareta. Se reunia de noitinha pra cantar as música que era pra fica bonito na rua. E ai se ria de tudo, do trabalho, da vida, das noite de farra que a gente ficava tomano a branquinha. O Lino é que gostava [...] e era no improvisado que saia as canção.<sup>163</sup>

<sup>160</sup> O Reino de Momo. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 21 fev. 1936., nº 1.756, ano 35.

<sup>161</sup> Micareta. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 20 de Mar. 1941, , nº 1.995, ano 40.

<sup>162</sup> BAKHTIN, Mikhail M. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993. p. 8.

<sup>163</sup> Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005. Santo Antônio de Jesus.

Os assuntos do dia a dia eram temas para a composição de canções que animavam os dias anteriores e a própria micareta. O trabalho na feira, as dificuldades e alegrias da vida adentravam no reino de Momo.

É nesse campo de decoração e ensaio de modelos urbanos e modernos, de apropriação e reelaboração de formas de festejar, que o corpo cidadão retempera sua alma. Ainda que o sentido de válvula de escape seja limitado, o espaço no qual a vida e a dor se tornam risíveis, nos minutos fugazes de piruetas, confetes e críticas permitem ao homem arrefecer sua pobre existência na polis que se moderniza.

A narrativa jornalística do período estudado prima em reclamar uma transformação da estética cidadina:

Entre as coisas que o momento reclama como necessárias aqui na cidade, está sem contestação alguma um mercado publico. O antigo, da Praça Luiz Viana é um pardieiro já condenado pela época, pelo **modernismo**, pela **marcha progressiva** das coisas de serventia publica. Não só é de dimensões acanhadas, não permitindo todo o serviço ali dentro nos dias de feira, como é, ainda um prédio que afeia a praça em questão, desfigurando-a de modo incontestável.

[...]

Um mercado com **aspecto de coisa moderna** é o que visamos ao escrever estas linhas sobre assuntos urbanos. Um mercado que, por sua construção, dimensões, divisões, ventilação e higiene, desperte apreciação lisonjeira dos que nos visitam, dos que procuram aos sábados o ponto em que se faz entre nós a vendagem de todas as especiarias, cereaes e gêneros de primeira necessidade. <sup>164</sup>[Grifo nosso]

A nota evidencia não apenas a presença do elemento moderno; marcada pelo ideal de modernidade enquanto progresso, aponta para um dos significados do ser moderno em Santo Antônio de Jesus: a organização do espaço cidadão. E nada melhor para transmitir as idéias de modernidade a uma cidade comercial que seu mercado. A modernidade é assim estabelecida na dicotomia entre “[...] um pardieiro [...] que afeia a praça [e um] aspecto de coisa moderna [...]” – implicitamente associado a organização e limpeza.

A ordenação do espaço urbano, o desejo de imprimir na cidade um “[...] aspecto de coisa moderna [...]” são colocados como necessários, não apenas para os olhares santantonienses; era preciso impressionar o visitante com a modernização, despertar a “apreciação lisonjeira” daqueles que procuravam a cidade, seja em dia de feira ou nos dias de festa.

---

<sup>164</sup> Mercado Municipal. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 3 de fev. de 1949, nº 2.301, ano 48.

Consignamos pois esta auspiciosa noticia, levando ao povo os nossos parabéns pela era de eletricidade, no despontar feliz de seus raios brilhantes, trazendo aos santantonienses um complexo de grandezas para maior conforto dos nossos labores, elegância das nossas ruas e maiores possibilidades à industria, ao comercio desta gleba tão justamente elogiada por quantos a visitam.<sup>165</sup>

Ordenação, elegância, grandeza são palavras caras no discurso elaborado pelos jornalistas d'O Paládio. Nas páginas envelhecidas do jornal ainda se pode notar “os raios brilhantes” iluminando a “marcha progressiva” tão desejada e pouco alcançada.

Essas idéias são transpostas ao universo festivo:

[...] a gente ia comprar tecido, fita, tudo pra enfeitar. Quando alguém ia na capital, a gente aproveitava pra comprar os enfeites, adereços [...] sempre tinha novidade, tecidos coloridos, confetes, máscaras [...] aí quando o cordão saia, desfilava cheio de brilho, garboso[...] todo mundo gostava e elogiava a nossa elegância. A gente sempre queria que tudo seguisse na ordem e ensaiava muito pra não errar nem uma vez.<sup>166</sup>

No contexto da festa, de acordo com o olhar das elites, cabia sempre aos cordões produzidos pelas senhorinhas da elite a associação à limpeza, organização e conseqüentemente modernidade. Enquanto o “pardieiro já condenado [...] pelo modernismo” tem paralelo nos “máscaras desasseiados” e indesejados pelo discurso modernista propagado através da voz do jornal O Paládio. A análise da festa é, aqui, indissociável da análise da cidade.

As preocupações com as questões econômicas e o modo de vida do cidadão, com a forma urbana e sua organização social, com a representação e o imaginário, as relações entre o público e o privado, emergem na primeira metade do século XX. Os estudos sobre a cidade para muito além da análise das bases institucionais, tenta, a partir desse momento, apreender a riqueza e a especificidade do viver urbano.<sup>167</sup>

O fim do século põe em pauta a perspectiva de pensar o social através de suas representações e isso marca definitivamente as análises da nova história cultural. Mas assumir essa postura implica levar em consideração que a

<sup>165</sup> A luz – Nova era de progresso. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 21 de mar. de 1949, nº 2.305, ano 48.

<sup>166</sup> Neide Santos, 87 anos, professora. Entrevista realizada em 03/04/2008. Santo Antônio de Jesus.

<sup>167</sup> BARROS, José D'Ássunção. **Cidade e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

representação pressupõe uma ausência à medida que o que representa se diferencia do que é representado.

Em contraponto há a afirmação de uma presença “[...] daquilo que se expõe no lugar do outro”<sup>168</sup>. Nessa relação ambígua de presença e ausência constituem-se os sentidos que, segundo Sandra Pesavento, devem ser atingidos pelo historiador.

Estudos que resgatam a cidade através das suas representações foram desenvolvidos por diversos autores. Entre eles, Pesavento constrói um trabalho singular. A Porto Alegre dos anos 30 é analisada em um de seus artigos que elucida as representações simbólicas da urbe e estas podem, ou não, corresponder com a realidade. Assim como muitas cidades brasileiras, Porto Alegre convivia com o ideal de acompanhar a modernização.

As transformações empreendidas no espaço citadino suscitavam percepções, sensações e representações.

[...] As largas avenidas, os viadutos ou o saneamento urbano, com a ‘varrida dos pobres’ do centro da cidade, eram práticas sociais ligadas ao conceito da cidade moderna e da civilização [eram símbolos das] exigências morais, higiênicas e estéticas imperiosas [que] se impunham diante da necessidade de ‘ser’ e ‘parecer’ moderno.<sup>169</sup>

A autora levanta uma questão importante para o estudo das cidades que atravessam esse processo: a modernidade não se realiza com a mesma intensidade em todos os espaços e nem toda modernização leva as cidades à condição de metrópole. Santo Antônio de Jesus que, no período, é anunciada no Paládio como uma cidade nos trilhos da modernização, pode ser referida como exemplo desse processo.

É certo que as acanhadas transformações do espaço citadino santantoniense nas décadas de 1930 e 1940 não a fizeram metrópole, todavia, o canto renitente nas folhas amareladas e envelhecidas do Paládio são representações da modernidade desejada. As pequenas mudanças e reformas alimentavam o anseio de modernizar profundamente a cidade de Santo Antonio de Jesus. Em suma:

[...] há a projeção de uma ‘cidade que se quer’, imaginada e desejada, sobre a cidade que se tem, plano que pode vir a realizar-se ou não. O que importa resgatar, do ponto de vista da história

---

<sup>168</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, pp. 279-290. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/178.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/178.pdf)>. Acesso em: 16/10/2008.

<sup>169</sup> PESAVENTO, 1995, p. 285.

cultural urbana, é que a ‘cidade do desejo’, realizada ou não, existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar.<sup>170</sup>

A representação imaginária ganha força de realidade. Mas há uma variação de sensibilidade em relação à urbe, ou seja, não há uma única representação e o processo de construção desta não é neutro e nem objetivo: atribuir sentidos também se liga a relações sociais e de poder. É assim que as intenções dos construtores dos espaços podem se distanciar das construções simbólicas dos usuários do espaço.

Recorrer à postura de análise de Carlo Ginzburg traz, para a compreensão dos meandros das trocas estabelecidas no processo de representar o real, uma perspectiva importante de observação. É a

[...] ‘circularidade cultural’ que permite a troca de signos entre o que se poderia chamar a ‘cidade real vivida’ dos consumidores da urbe e a ‘cidade sonhada’ dos produtores do espaço, ou ainda entre a contracidade dos excluídos do sistema, na ‘contramão’ da vida, e a cidade ordenada, bela, higiênica e segura das propostas burguesas.”<sup>171</sup>

O historiador que volta seu olhar para o passado deve considerar que as representações passadas só são inteligíveis em relação a seus contemporâneos; em relação ao espaço e ao tempo nos quais são produzidas.

De fato,

[...] o leitor do presente [...] lidará com as dificuldades do filtro do tempo, a dificuldade de acesso a códigos e significados [...] o inevitável viés da dissimulação na constituição dos discursos [...] e, sobretudo, com a certeza de lidar com materiais que já lhe chegam como representação.<sup>172</sup>

Sobre a Santo Antônio de Jesus das décadas de 1930 e 1940, de ruas em expansão e calçamentos asfálticos e outras tantas ruas de chão batido, se apresentou uma cidade desejada – pela elite e quiçá pelos menos abastados –, sonhada, querida, uma cidade com “aspecto de coisa moderna”, esteticamente organizada e limpa.

No mês de abril as ruas dessa cidade, que se proclamou “livre das trevas”<sup>173</sup>, ficavam coloridas na invasão de foliões mascarados e fantasiados ao som estridente

<sup>170</sup> PESAVENTO, 1995, p. 286-287.

<sup>171</sup> PESAVENTO, 1995, p.288.

<sup>172</sup> PESAVENTO, 1995, p. 294.

<sup>173</sup> Nova era de modernidade. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 4 de mar. 1949, nº 2.304. ano 48.

das charangas. Assim como na cidade, se projeta uma festa imaginária sobre a festa real, vivida.

A Micareta santantoniense nas representações construídas pela elite no Paladio assume foros de luxuosa e moderna festa, capaz de elevar a urbe do recôncavo baiano à condição de moderna cidade. Mas, até que ponto a elite de Santo Antônio de Jesus levou o luxo das Micaretas?

Indícios apontam que nem todo o luxo das festas e nem o progresso da cidade, cantados pelo Paladio foram vividos para além dos anseios escritos nas linhas e entrelinhas do periódico. É certo que há a Micareta real, visível, mas a esta correspondem outras folias micarêmicas imaginárias, idealizadas e desejadas.

E esse é o motor da ação humana: o imaginário que

[...] é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exeqüíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas.<sup>174</sup>

Maria Clementina Cunha ao pensar a realidade carioca, assim define o avanço das idéias de progresso, urbanização e modernidade:

Os imperativos da ordem pareciam tornar-se prioridade em várias frentes: no desenho da cidade, nas prescrições da higiene pública, no controle policial das multidões – e, claro, também no front de Momo. Indiferentes aos apelos da ordem, os grupos carnavalescos rompiam e rasgavam as fronteiras urbanas. Engalanados à sua moda, queriam o centro da cidade, insistiam em cruzar a avenida [...] tomavam conta dos bondes e atravessavam a capital subvertendo com sua simples presença as regras da civilidade e do bom-tom para os que desfrutavam dos encantos da *belle epoque*.<sup>175</sup>

A transformação do espaço na qual reside uma relativa ostentação da urbanidade acabava por instituir um ideal para uma vida “moderna” e urbana em Santo Antônio de Jesus:

Entre os serviços de utilidade pública executados pela Prefeitura desta cidade, avulta o calçamento a paralelo da nova e bonita rua Armando Tavares, artéria urbana que é [...] um adorno na terra santantoniense [...] a administração fará muita coisa no sentido de dar uma **feição especial de elegância e progresso** a terra em que habitamos.

<sup>174</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, junho de 2007. p. 11-12.

<sup>175</sup> CUNHA, 2001, p. 174.

Acompanhando o afan com que o Sr. Fraga procura melhorar a aspecto geral da urbe, os moradores por sua vez se movimentam. Nas imediações da área [...] em que está o matadouro Publico, há presentemente a edificação de dezenas de casas, **sistema moderno**, revelando a tendência que existe de termos brevemente novas artérias, novas vias publicas em Santo Antônio.<sup>176</sup> [Grifo nosso]

O afã pelo melhoramento da urbe parece mesmo ter contagiado os santantonienses. Mas, será que o desejo de imprimir uma feição de elegância e progresso à cidade, era partilhado por todos? Esse trecho retirado do jornal *O Paládio* apresenta uma resposta afirmativa para a pergunta. A iniciativa de melhoramento empreendida pela elite política – representada no trecho pelo então prefeito Antônio Fraga –, teria levado moradores a investir também em um “sistema moderno”. Esses moradores, é claro, possuíam recursos para financiar a edificação dessas novas casas.

Há um processo de redefinição da cidade e do cidadão que forja a imagem de uma ‘coisa moderna’. Todavia, as artérias pulsantes de inovações carregavam heterogeneidades, desigualdades e conflitos. Nos locais de vivência é que se construía os significados do festejar e viver a terra santantoniense e os indivíduos envolvidos nessa dinâmica, construtores de múltiplas identidades, significavam a prática social em meio à diversidade de percepção, concepção e ação no mundo social e físico, instituindo o ser social e o pertencer à cidade de Santo Antônio de Jesus nas décadas em questão.

O luxo das Micaretas santantonienses indica uma preocupação crescente em torno da estética do folguedo. O empenho “[...] de cada grupo de senhoritas no sentido de alcançar a primazia na graça e na beleza dos vestuários [...]”<sup>177</sup> tem aporte no processo de edificação de uma cidade moderna: “A nossa cidade entrou numa fase de verdadeiro progresso [...] a cidade livre das trevas com o novo plano de Luz e Força [...] experimenta assim um surto de animador progresso.”<sup>178</sup>

É ampla a dinâmica de instituição e legitimação de uma vida social urbana sob parâmetros que na época simbolizavam o progresso, a “civilização” e a modernização. Mas é preciso ressaltar que tal modernidade é muito mais desejada que praticada: ela reside muito mais no discurso elitista que nas ruas da cidade.

<sup>176</sup> A luz – Nova era de progresso. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, 21 de mar. de 1949, nº 2.305, ano 48.

<sup>177</sup> Micareta. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, 20 de Mar. 1941, nº 1.995, ano 40.

<sup>178</sup> Nova era de modernidade. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, 4 de mar. 1949, nº 2.304. ano 48.

“A vida comunitária pode estar intimamente relacionada às peculiaridades físicas do meio ambiente e frequentemente explicada por elas [...]”<sup>179</sup>. Dessa forma todo processo de urbanização e transformação do espaço cidadão esta imbricado nas mudanças e novas aspirações no campo das idéias. Mesmo tratando de uma outra realidade – a Micareta em Jacobina – o trecho é elucidativo e faz pensar a realidade santantoniense:

Aderir às constantes novidades significava altos graus de civilidade no sertão. Essas mudanças atuam no tempo. E, como esses amantes das novidades são classe dominante, usarão este novo repertório cultural para negar os divertimentos do povo.<sup>180</sup>

O universo festivo não está isolado, é parte da vida. E existe uma transformação dessa vida. Há uma transformação não apenas das formas de viver, mas de como se pensa a vida, a festa e o mundo. Muda o que é preferencial. A questão é que essa mudança nem sempre é construída e aceita por todas as camadas da sociedade com a mesma forma e intensidade. E é nesse espaço que se expressam as negociações, as adaptações e os enfrentamentos. Essas nuances serão aprofundadas no próximo capítulo.

O século XX presencia o fortalecimento de uma ideologia da capitalização. O tempo vale dinheiro, é moeda de troca, é mercadoria. Na cidade, construída no processo de instituição da idéia de modernidade, há um esmorecer dos laços de solidariedade na composição da festa. Esses elementos são marginalizados.

“As práticas de solidariedade passaram a ser menos expressivas e mais raras. O tratamento de muitas dimensões da ventura compartilhada transformou-se em trabalho remunerado [...]”<sup>181</sup>. Nesse contexto, a diversão também se transforma em mercadoria, e cria-se uma indústria massificante de entretenimento, que por vezes se apropria das formas de brincar nas ruas – que no passado foram produzidas pelos populares – e lhes atribui um valor de mercado.

Como afirma Charles Santana, em seu trabalho sobre a Fartura e Ventura camponesas,

---

<sup>179</sup> SAMUEL, Raphael. Documentação: História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Volume 9, nº 19. Set. 89/fev. 90. p. 224.

<sup>180</sup> SANTOS, 2004, p. 256.

<sup>181</sup> SANTANA, Charles d'Almeida. **Fartura e Ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950 -1980**. São Paulo: Annablume, 1998. p. 134.

[...] as diferenças entre o passado e o presente [...] não residem apenas na predominância de relações assalariadas. As festas de São João, tradicionalmente familiares e rurais, tornaram-se públicas e urbanas. Com a intervenção de algumas prefeituras, cidades organizam grandiosas festas ao ritmo da *axé music*, de guitarras e trios elétricos.<sup>182</sup>

A questão essencial da pesquisa não reside na busca dos elementos modernizantes enquanto desarticuladores da festa; o ponto chave é a transformação no imaginário do que é preferencial para as relações capitalizadas que compõem a vida social da cidade e que vem tomando contornos mais definidos ao longo do século XX. A modernidade caminha de mãos dadas com um tempo que não comporta laços íntimos de solidariedade. Em nosso século, os ponteiros do relógio marcam o tempo em que “não há tempo”.

No último capítulo vamos analisar o movimento carnavalesco nas ruas santantonienses, buscando ressaltar o processo de arrefecimento dessas comemorações e a idealização da festa que emerge nas entrevistas realizadas durante a pesquisa.

---

<sup>182</sup> SANTANA, 1998, p. 136.

#### 4 O GRITO DO CARNAVAL

A folia enunciada nos jornais, quase sempre acompanhada pelo adjetivo “popular”, tem sua importância destacada em linhas que denotam a paixão pela Micareta, mas já no início dos anos 30 do século XX a festa dos cordões das senhorinhas enfrenta o desafio de manter o luxo pretendido em tempo de crise econômica. Em 1932 O Paladio acusa a presença de poucos carros no cortejo da folia.

Sem luxo e sem carros, porém com elegância, beleza, decência e ordem os santantonienses tomaram os dias 27 e 29 de março para a exibição das suas alegrias fixadas na folia e momices micaremistas[...]

Os carros não eram em grande número. Santo Antonio tem tido depressão no que se refere a esses veículos de praça ou mesmo particulares, de um ano para cá.<sup>183</sup>

Pelas ruas da cidade a pouca afluência de carros ofuscava o luxo da Micareta, mas os poucos que compareceram chamaram a atenção do público:

O domingo foi todo consagrado á alegria. Sahiram cinco cordões e blocos diversos. Das duas da tarde em diante, a afluência de grupos fantasiados não era pequena.

De alguns carros com senhorinhas trajando carnavalescamente apareciam como gorgeios de aves canticos mellifluos e cheios de sadio contentamento.

Serpentinas cruzavam-se e o vozerio alegre feria todos os ouvidos.<sup>184</sup>

Os carros, chamados de pranchas alegóricas, participavam de forma decisiva na animação da festa santantoniense. Ornamentados com artigos do comércio local e/ou trazidos de Salvador, levavam senhorinhas que, ao longo do cortejo, entoavam os versos ensaiados nas semanas antecedentes. A presença das pranchas empolgava os foliões e o público.

Por alguns anos estiveram ausentes, ou se apresentaram em menor número. Mas a sua organização era noticiada com detalhes nas páginas do Paládio.

*Risos de Abril* é o nome de uma prancha que vae dar a nota distincta no folguedo do segundo domingo de Paschoa. Hontem estiveram na redação d'O Paládio cinco das componentes da *Risos de Abril*. São ellas: Idamira Ribeiro, Jacy Baptista, Regina Pithon,

<sup>183</sup> A Micareta. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 01 de abr. 1932, p. 2., nº 1.567, ano 31.

<sup>184</sup> A Micareta. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 01 de abr. 1932, p. 2., nº 1.567, ano 31.

Adélia Penha e Gerolina Britto. Essas galantes mocinhas estão entusiasmadas com os aprestos lindos que cuidadosas reúnem neste momento para torná-las adoráveis no conjunto de 20 e 22 de Abril.

*Gôndola do Amor* é uma prancha que partirá da Avenida Barros e Almeida bellamente ornamentada tendo no seu bojo cerca de 40 moçoilas.<sup>185</sup>

Além dos carros e apesar da crise, sete cordões e suas charangas deram um colorido tom carnavalesco para as ruas da cidade nos dois dias da festa carnavalesca em 1932.

As Cosinheiras abriram os pórticos da folia acompanhadas por um bloco de rapazes, Os Campeões do Samba – grupo citado no jornal apenas como acompanhante do cordão feminino e sem detalhes sobre sua formação – que com instrumentos de percussão, cordas e sopro entoaram notas para os versos que embalaram o desfile das senhorinhas do cordão.

Venham ver as cosinheiras  
Como gostam de brincar,  
Mechem, mechem bem mechida  
P'rá a panela não queimar.

Cosinhar não é p'rá todos  
Não queremos nos gabar,  
Temos gosto na cosinha  
Não nos falta paladar.

Sobre provar a panella  
Só se fez para mulher,  
O segredo da comida  
É no mecher da colher.<sup>186</sup>

Muitos temas são abordados pelas canções carnavalescas. Os versos cantados pelas Cozinheiras são uma amostra do tema mais recorrente: a mulher. As suas notas trazem a imagem de uma mulher sempre pronta a assumir seu papel de cozinheira – um ofício exclusivo dela no período. Essa canção permite entrever os preconceitos contra as mulheres vigentes no período.

Outros grupos participaram da folia: Piratas de Corações, São Salvador, Jazz Jujú, Os Folgazões, Os Ciganos e um que, ao lado dos Campeões do Samba, parece exceção entre cordões tão femininos: o Beija-flor.

<sup>185</sup> A Folia vem ahi. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 20 de mar. 1941, nº 1.995, ano 40.

<sup>186</sup> A Micareta. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 01 de abr. 1932, nº 1.567, ano 31.

O Cordão batizado com o nome do pássaro, composto somente de homens, cantares e charangas, desfilou pelas ruas da cidade e “[...] visitou diversas casas onde o receberam com a alegria que despertava o interessante grupo”. Animaram as ruas com os seguintes versos:

Oh! Que linda tarde esta  
De alegria tão formosa!  
Venham ver os Beija-Flores  
Como estão beijando a rosa.<sup>187</sup>

Ao universo festivo os Beija-flores adicionam o beijo. A diversão nas micaretas não consistia apenas no desfile, nas canções, nos cortejos de luxo ou nas batucadas. Admirar e cortejar o sexo oposto era parte da festa. As rosas dos jardins santantonienses eram desejadas pelos Beija-Flores. Muitos encontros podem ter acontecido – e até mesmo facilitados – nesse espaço de comemoração. Desde essas décadas o beijo fazia parte dos festejos de Momo.

Dois grupos masculinos fazem parte da folia no ano de 1932. Mas um detalhe os distancia e pode esclarecer sobre o espaço dedicado a um e outro no jornal *O Paládio*: o Beija-flor é apresentado como um cordão que teria contribuído para engrandecer “a folia então dominante”; o outro grupo, Os Campeões do Samba, não forma um cordão, mas um bloco que menciona no título, que adota para si, um ritmo baiano, o samba, de muitos adeptos e críticas desde o século XIX.<sup>188</sup>

O que parece distanciar mais os dois grupos são os seus integrantes. Ao contrário dos Beija-flores, Os Campeões do Samba são compostos por setores menos abastados da sociedade. Eles se aproximam no desejo de diversão e são distanciados pelo olhar das elites que tende a interpretar as manifestações populares como formas menos dignas de compor as festas da micareta.

A oposição enfatizada no jornal é apresentada em versos cantados durante a festa ou compostos para louvar o brilho das manifestações festivas produzidas pelas elites locais. Os versos a seguir foram compostos por uma senhorinha que integrava a organização dos cordões no ano de 1942.

Que tarde alegre  
Que dia altivo  
Por isso eu vivo  
A peraltar...

A vida assim

<sup>187</sup> A Micareta. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, 01 de abr. 1932, p. 2, ano 31, nº 1.567.

<sup>188</sup> A Micareta. *O Paládio*, Santo Antônio de Jesus, 01 de abr. 1932, p. 2, ano 31, nº 1.567.

Que bela coisa!  
Só se saltando  
Agil, pulando  
Como raposa.

Veja o cordão  
Das moreninhas  
Umas baixinhas  
Outras compridas.

Todas gritando  
Sapateando  
Impulso dando  
Às avenidas.

Façam, meninas, coisa de suco, coisa que soe  
A Micarêta é bem melhor,  
É bem melhor que Bumba meu Boi.  
A turma venha, toda galante, toda enfeitada,  
É bem melhor, muito melhor que Batucada.  
Nas alegrias, nestas folias, ha vida fôrra,  
Clube tratado,  
Bem apurado  
Sempre é melhor que cabeçorra...<sup>189</sup>

Os versos cantam a alegria dos dias de micareta, o movimento dos corpos pelas ruas, os cordões repletos de senhorinhas galantes e enfeitadas, que impulsionam as avenidas e a modernização da cidade. Os versos refletem também a comparação – que por diversas vezes foi ressaltada nas páginas do Paladio – entre as manifestações das elites e dos populares. Para as elites, a micareta das senhorinhas manifestava a disposição dos santantonienses pelas coisas modernas.

Os cordões tratados e bem apurados, enfeitados e galantes, eram colocados, segundo a perspectiva de interpretação das elites locais, em um patamar acima das manifestações populares, como a batucada, o Bumba meu Boi e os Zé-pereiras.

As brincadeiras populares aparecem em alguns exemplares do Paladio, mas a grande parte das manifestações populares no espaço da micareta não são citadas ou estão sob a denominação de farroupilhas, máscaras desasseiadas ou mascarada avulsa. Há uma diversidade de manifestações viventes no espaço da micareta, que o título da festa e a ênfase com que são tratados os cordões das senhorinhas, podem camuflar. Os cordões estão presentes de forma decisiva na festa, mas nem só de cordões se fez a micareta em Santo Antônio de Jesus. No espaço da festa

---

<sup>189</sup> A Quadra é Própria. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 06 de mar. 1942, nº 2.040, ano 41.

fervilhavam espaços de festejar diferenciados, mas ao fim o anseio de todos era entregar-se ao riso, aos momentos orgiásticos dos dias carnavalescos.

Cordões e pranchas de senhorinhas, carros de realce enfeitados com flores e repleto de moças em seus trajes coloridos, Zé-pereiras, blocos de rapazes no ritmo do samba, batucadas uniformizadas, Cheganças, Marujadas e grupos miúdos – não tão pequenos como pode sugerir o nome – com seus tambores de lata, enfeitavam e agitavam a vida cidadina santantoniense nos dois dias consagrados à micareta. Nesse quadro de algazarra festeira não se pode esquecer um intrigante elemento que vários anos esteve presente nas ruas: os carros de crítica.

Não resta dúvida que a Micareme terá suas manifestações este anno. Senhoritas da elite preparam cordões primorosos e estão interessadas vivamente pelo brilho desse festejo de Paschoa. Carros de crítica e de realce organizam as suas exhibições alegres e gritantes.<sup>190</sup>

Ao que parece a proposta desses carros de crítica era levar ao espaço festivo um pouco da vida que existia fora das muralhas carnavalescas, tratando assuntos econômicos, políticos e costumes com uma boa pitada de riso. Nas décadas de 30 e 40 a presença dos carros de crítica e de realce marca as apresentações da micareta, com suas exhibições alegres e suas críticas espirituosas. A realização da micareta estava ligada ao meio social que a condicionava e nesse elemento a festa exibia o seu teor político.

No carnaval carioca, os carros de crítica se tornam comuns após a guerra do Paraguai. Através do riso, esses carros, levados para as ruas pelas grandes sociedades cariocas, se colocavam a favor da abolição e em defesa calorosa da República. As sociedades carnavalescas chegam até a comprar cartas de alforria e talvez por isso tenham alcançado tanta popularidade. As críticas atacavam também o império e seus expoentes.<sup>191</sup>

Em Salvador os carros de idéia e os carros de crítica são elementos importantes nos desfiles dos clubes carnavalescos. Os primeiros foram marcados pelo tema profano, representando “[...] personagens e cenários da antiguidade clássica greco-latina ou com o luxo e a pompa das cortes européias”; enquanto os

---

<sup>190</sup> **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 17 de mar. de 1939, nº 1.908, ano 38.

<sup>191</sup> FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro; Ediouro, 2004.

carros de crítica demonstravam os elos entre os clubes e movimento abolicionista e republicano.<sup>192</sup>

No século XX, no contexto carioca, a postura é outra. Nos carros de crítica se apresenta uma defesa das atitudes governamentais e por outro lado é expressa uma condenação das causas populares. E não poderia ser de outra forma: as sociedades se enfraqueceram a partir da primeira década do século passado, chegando a depender do dinheiro público para realizar seus préstimos.<sup>193</sup>

Nas décadas de 1930 e 1940 a Micareta domina o reino de Momo vibrante nas ruas santantonienses. O Carnaval, com manifestações menos ruidosas, movimentou as ruas alguns anos nas duas décadas – suas manifestações nesse período se concentram nos espaços fechados –, porém o esforço e a atenção dos foliões é direcionado para a comemoração da micareta.

Quando acontece o Carnaval as manifestações são as mesmas, ou seja, cordões, pranchas alegóricas e carros de crítica fazem parte da primeira e da segunda festa de Momo. Nesse rol ainda está incluso o famoso Zé-pereira, que no carnaval de 1942 dominou quase que exclusivamente as ruas:

Terça-feira os Zé-pereiras deram um ar da sua graça. Logo cedo, uns grupos alegres transitavam com alarido forte, vibrando tambores e pandeiros, saracoteando de rua em rua, nessa expressão ruidosa e franca que o povo sabe ter toda vez que se abrem as portas da oportunidade para as suas manifestações de contentamento.<sup>194</sup>

Nessas décadas o repicar dos tambores dos Zé-pereiras abriam alas para a chegada da folia no carnaval e na micareta. Seguiam-se os grupos micarenicos em desfile com variadas formas de festejar. Cortejos luxuosos, ou improvisados; máscaras adquiridas em lojas da cidade ou da capital; mascarados que confeccionavam a própria indumentária nas pausas do trabalho; blocos de pierrôs, pierretes, arlequins e colombinas inundando a cidade com o riso farfalhante de Momo.

---

<sup>192</sup> FRY, Peter; CARRARA, Sérgio; MARTINS-COSTA, Ana Luiza. Negros e brancos no Carnaval da Velha República. In: REIS, João José. **Escravidão e Invenção da Liberdade**: estudo sobre o negro no Brasil. Brasiliense, 1988.p.249.

<sup>193</sup> FERREIRA, 2004.

<sup>194</sup> O povo nas ruas. **O Paládio**, Santo Antônio de Jesus, 20 de fev. 1942, nº. 2.038, ano 41.

#### 4.1 Uma versalhada supimpa

Para as festividades da micareta muitos versos foram compostos. Assuntos variados tinham espaço nas composições cantadas por senhorinhas, feirantes, pedreiros, visitantes, em fim, por foliões que tomavam as ruas, e entre confetes e serpentinas, entoavam as notas carnavalescas.

Os versos não eram ouvidos apenas nos cordões. Parte das comemorações da micareta – e do carnaval – era o som que ecoava através do sistema de auto-falantes por toda a cidade: “O serviço de alto-falantes improvisado, não parou, durante a festa, tocando discos animados e novos para o contentamento geral.”<sup>195</sup>

Durante as apresentações dos blocos e grupos da Micareta, e nos dias antecedentes, as músicas e versos, que seriam cantados na festa, ressoavam pelo sistema de som “Voz das Palmeiras”. O reino de Momo era anunciado e o clima festivo se instalava em Santo Antônio de Jesus.

Em 18 de fevereiro de 1951 foi publicada no jornal O Detetive, uma poesia enviada por Cypriano Leal – santantoniense residente em Salvador. Sob o título “Saudades”, ela apresenta os seguintes versos:

Noite clara de luar  
 A quentura retorcia-se mesmo assim.  
 Lá fora,  
 Por entre as pedras esfumaças das ruas  
 Emparalepipipadas.  
 Eu quase sosinho, abraçava tudo com os olhos,  
 E pensava em ti.  
 Sorria  
 Com a idéia macabra  
 De fazer bilú no teu queixinho.  
 Depois uma estrela piscou o olho para mim,  
 E pensando que a estrela era 1 menina, dei adéus,  
 Oh! Saudade danada!  
 Era o capacete de um soldado de bombeiro!

A poesia de estilo moderno agradou os redatores e foliões mais próximos do jornal O Detetive. Os versos foram musicados por Júlio Padria, e cantados no serviço de auto-falantes durante a micareta daquele ano.

A presença dos auto-falantes integrava o cronograma da festa, e por vezes, conduzia o desfiles pelas ruas. O “[...] extra-ordinário sistema de auto-falante” dava “[...] banhos de trovoadas nos ouvidos de todo o mundo, talvez para que o povo

<sup>195</sup> A Micareta. O **Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 8 de abr. 1951, nº 188, ano 4.

acordasse do sono em que vive mergulhado”<sup>196</sup>, forte sonolência com referência às festas momescas.

Nos depoimentos encontramos referências ao sistema de som, como parte importante das festas momescas. A expectativa criada em torno da festa era embalada pelas sonoridades carnavalescas emanadas pelos auto-falantes.

[...] música, a gente criava [...] ensaiava as novas e as velhas também. As vezes a gente ia assistir o carnaval na capital pra trazer as músicas de lá. Começava a cantar as músicas bem antes. No sistema de som, eles sempre colocavam algumas semanas antes da festa. Tinha sempre uma marcha, um verso de carnaval. Isso animava. A gente mandava a programação do desfile, do cordão, pro jornal. Mas mandava pro sistema de som também. Era pra deixar o público curioso.<sup>197</sup>

Emerge nesse ponto, a presença do referencial externo na configuração da micareta santantoniense. A capital da Bahia era o modelo e a fonte, na qual as senhorinhas e representantes das elites locais iam buscar as novidades que animariam as comemorações da micareta. “As novidades da capital faziam sucesso [...]”<sup>198</sup>, também na micareta de Santo Antônio de Jesus.

Outras cidades, como Rio de Janeiro, eram referências procuradas para incrementar a festa. Os versos, importados de lá, animaram as ruas daqui, em 1941.

Eu não quero que você  
Me abandone mais,  
Você já fez uma vez  
Vae fazer duas e três  
Mas a quarta você não faz  
Porque eu não vou atrás.  
[ilegível]

Eu hontem cheguei em casa  
Helena  
Te procurei e não encontrei.  
Fiquei tristonho a chorar,  
Passei o resto da noite a chamar  
Helena, Helena  
Vem me consolar.

Você não tem palavra  
Falou-me que ia ao cinema  
E foi dansar,

<sup>196</sup> A Mi-careta se apresentou como poude. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 23 de abr. de 1950,p. 01, nº 141, ano 3.

<sup>197</sup> R. M. Santos,82 anos, aposentada. Entrevista realizada em 10/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

<sup>198</sup> N. Gomes, 83 anos. Aposentada. Entrevista realizada em 07/10/2007.Santo Antônio de Jesus.

Olhe que o sol já está fora  
 Cinema não acaba a esta hora  
 Se assim continuar  
 Eu vou lhe abandonar.

Meu bem o trem atrasou,  
 Por isso estou chegando agora,  
 O trem atrasou meia hora,  
 E você não tem razão  
 Para me mandar embora.

Guiomar, vem cá!  
 Vem cá, Guiomar!  
 O nosso amor jamais há de acabar,  
 Fizemos tudo, tudo p'ra nos separar.  
 Mas nosso amor eles tem que respeitar.<sup>199</sup>

Assim como as canções compostas pelos foliões santantonienses, os versos cariocas retratam os temas favoritos entre os participantes da festa. A mulher e o amor são cantados em diversas situações do cotidiano.

O ritmo do samba também animava a micareta. Em 1942 Antônio R. Andrade compôs o samba publicado no jornal entre as canções que animariam os cordões naquele ano.

Micareta chegou na hora H!  
 Tamburim esquentou, vamos brincá!  
 Quando eu vejo um cabrinha arripiado  
 Me esqueço de tudo e deixo o amor ao lado.  
 Quando o galo cantou de madrugada  
 A cuíca berrou na batucada,  
 E o sol no horizonte apareceu,  
 A fuzarca dobrou e o dia amanheceu.  
 O samba é bom  
 Tem pandeiro e violão,  
 Faz esquecer  
 A dor de uma paixão.<sup>200</sup>

Através do ritmo e dos versos a micareta anunciava seus encantos, contaminando o espaço citadino com as brincadeiras momescas. No reino da diversão os participantes desejavam esquecer de tudo; esquecer também as decepções amorosas. Nessa canção é possível notar uma relação ambígua que emerge no espaço festivo: o desejo de esquecer a vida fora da festa é cantado nesses e em outros versos; entretanto essa vida que se quer esquecer está intrinsecamente ligada à festa e é tratada em canções, versos e fantasias.

<sup>199</sup> A folia vem ahi. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 20 de mar. de 1941, p. 01, nº1.995, ano 40.

<sup>200</sup> Dois dias ruidosos estão iminentes. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 10 abr. 1942, nº 2.044, ano 41.

O desejo de esquecimento convive com o seu oposto: a lembrança constante – mesmo que marcada pelo riso – das relações do cotidiano não festivo, no interior da micareta.

A poesia carnavalesca que é “sempre atraente, pittoresca e vibrátil”<sup>201</sup>, traz diversos assuntos para o espaço da folia. Brinca com o cotidiano, fala de amores e traições. Até mesmo a festa é cantada nas ruas santantonienses, pelos grupos que participam da micareta. Os rememorados em uma entrevista, são um exemplo:

A Colombina chegou,  
Está chamando Arlequim,  
Vamos dançar meu amor,  
Do começo ao fim.

A micareta chegou,  
Com muita animação,  
Trazendo muita alegria,  
Pr’o seu coração.<sup>202</sup>

Os versos eram cantados pelos grupos durante os desfiles, nos bailes, pelo sistema de auto-falantes e distribuídos pelas ruas nos dias de festa. Referências desse último meio de divulgação aparecem apenas n’O Paladio. Em 1932 aparece na festa o “Parnaso”. Era uma espécie de clube literário que, durante as festas da micareta, distribuía “[...] muitos versos patuscos, dedicados ao deus Momo.”<sup>203</sup>

Em 1951, ano em que a micareta não apresenta um grande cortejo, o sistema de auto-falantes, será responsável pela maior parte das músicas ouvidas na cidade.

Quando os cordões retraíram suas apresentações e poucos grupos se colocaram nas ruas da cidade para fazer a folia da micareta, do sistema de auto-falantes saiam as músicas que animavam e faziam recordar das festas que enchiam as ruas de uma alegria farfalhante.

A festa não era mais tão grande. O povo foi esqueceno [sic], deixano [sic] de lado, cuidano [sic] da vida. Ainda tinha um grupo ou outro que saia na rua [...] tinha grupo de criança, de menina. [...] todo mundo sentia saudade, mas ninguém fazia mais. [...] na época da festa sempre tocava no auto-falante as músicas que a gente cantava no cordão. [...] as músicas que cantava na capital também. A gente ficava cantarolando [pausa] mas festa mesmo não tinha mais.<sup>204</sup>

<sup>201</sup> A folia vem ahi. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 20 de mar. de 1941, p. 01, nº1.995, ano 40.

<sup>202</sup> N. Gomes, 83 anos. Aposentada. Entrevista realizada em 07/10/2007. Santo Antônio de Jesus.

<sup>203</sup> O Pessoal do Parnaso. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 01 de abr. de 1932, nº 1.567, ano 31.

<sup>204</sup> R. M. Santos, 82 anos, aposentada. Entrevista realizada em 10/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

Durante todo o percurso da festa, a referência à capital da Bahia sempre está presente. Seja com os versos, com os materiais que serviam na ornamentação, ou com idéias de fantasias e decoração dos carros, Salvador era um modelo posto pelas elites santantonienses para os desfiles das senhorinhas. Entretanto, mesmo o referencial externo não é capaz de impedir o declínio da festa.

Essa lembrança de um tempo em que a festa dos cordões perde o seu destaque na sociedade santantoniense é narrada com um tom melancólico. As palavras e a voz – da mulher que colocou fantasias e participou de muitos desfiles – parecem embalar a saudade de uma festa e de um tempo que não pode retroceder e trazer de volta o brilho das senhorinhas dos cordões. Mas, as narrativas saudosistas que gravitam em torno da festa não residem apenas no presente.

No início da década de 1950 podemos encontrar nos jornais da época notas que falam com pesar do processo de arrefecimento experimentado pelas festas momescas.

Nos dois dias do Carnaval, em Santo Antonio, nenhuma cena nova, nenhuma diversão curiosa e condizente com a efeméride assinalada pelos três dias do ano! O povo no seu justo desejo de se distrair, saiu em grupos saltitantes cantarolando ou tocando sua gaita e seus búzios, cabriolando com alegria na via publica, disposto a sair do marasmo habitual e dar arras aos seus nervos cheios de vida e enfarados do trabalho isento de folgas e distrações. Grupos elegantemente trajados não tivemos. Tivemo-los alegremente agitados. Mas em Santo Antonio já se fez ótimo Carnaval em tempos que se foram.<sup>205</sup>

Apesar do movimento presente nas ruas, o jornalista responsável pela elaboração da nota considera que “nenhuma diversão curiosa e condizente” fez parte do carnaval. Se existiam manifestações festivas naquele momento, qual o motivo do “ótimo Carnaval [residir] em tempos que se foram”? As relações entre a presença e a afirmação da ausência do carnaval serão analisadas a seguir.

Traremos para esse estudo algumas nuances desse discurso saudosista que aflora em um momento em que as festas ainda ocupam as ruas de Santo Antônio de Jesus.

---

<sup>205</sup> **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 02 de mar. de 1950, p. 01, nº2.336, ano 49.

## 4.2 O Carnaval... nos braços de Morfeu!

Desperta pierrot! Que enorme tristeza é essa que sentes e que invade o teu ser? Canta! Ri! Como a onda que passa de Colombinas, Pierrots e Arlequins!

Não vale a amargura da realidade da vida, é preciso mentir com os lábios, mentir com os olhos, mentir com o coração. Pierrete é traquina e risonha. Não ouves a melodia da sua voz que palpita de goso e estua de alegria? [...] ela canta para ouvir a gente cantar! Ela ri para ouvir a gente rir! Onde passa Pierrete passa a alegria... Porque? Não sei! Penso que é porque ela é a imagem do riso e da alegria. (O Detetive, 1950, p.04)

Enquanto a micareta empolgava a mocidade santantoniense e atraía o público curioso para as apresentações dos cordões e pranchas alegóricas, apareciam nos jornais notas que condenavam o retraimento dos foliões nos dias de Carnaval.

Aqui na cidade não temos noticia alguma de movimento carnavalesco. A orgia pagã não entusiasma o nosso povo. Gosta, entretanto, da Micareta. E acreditamos que ela este ano apareça com cordões vivos e estonteantes. Sinais dessa previsão já os temos insofismáveis. Dá-se apenas entre nós uma simples mudança de quadra: em vez de Fevereiro, nossas festas retumbantes vão ter lugar em Abril.<sup>206</sup>

Há uma concentração de forças para a realização da micareta. Desde os exemplares publicados no início de 1942 se encontram notas que evidenciam em primeiro plano as distinções entre os dias da Micareta e do Carnaval.

Santo Antonio de Jesus não se apaixona pelos festejos carnavalescos. Gosta sim das festividades micaremicas, das fantasias do 2º Carnaval, logo depois da Páscoa, e desta predileção o nosso povo tem dado solenes provas.

Pelo Carnaval, quase nada se vê em nossa terra, salvante alguns desenxabidos 'máscaras' mal amanhados ou grupos sem atrativos nem arte, percorrendo as ruas, sem ninguém sobre eles demorar a atenção[...].

Por ocasião da 'Micareta' as coisas correm de modo diferente. As moças, que em Santo Antonio constituem a alma das bonitas festas da rua, promovem todos os anos curiosos cordões, nos quais a fantasia berrante corre em parilha com os ademanos, a imaginação felicíssima e a graça adorável.<sup>207</sup>

O que emerge na distinção traçada pelo jornal, não se resume em simples gosto diferenciado por uma ou outra data de carnavalizar: reconhecemos a marca

<sup>206</sup> O Carnaval... em Santo Antônio de Jesus. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 13 de fev. 1942, nº 2.037, ano 41.

<sup>207</sup> Carnaval e Micareta. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 30 de jan. 1942, nº 2.035, ano 41.

das idéias de modernização que postulavam como preferencial a festa encenada pela “[...] alma das bonitas festas das ruas”: as senhorinhas da elite. Apenas “a graça adorável” dos desfiles da fina flor santantoniense teria lugar nos elogios carregados de entusiasmo.

Na perspectiva das elites, somente os seus desfiles davam provas do gosto pela festa carnavalesca. Na sua ausência, “o povo” perderia o gosto e arrefeceria as suas manifestações?

Em 1942, nos dois dias consagrados ao Carnaval os cordões da elite não estiveram nas ruas – suas exhibições estavam sendo preparadas para a micareta do mês de abril –, entretanto outros grupos apontados pelo jornal como “mal amanhados” estiveram nas ruas, como veremos nas linhas que se seguem.

No exemplar do jornal *O Paladio*, publicado logo após a festa, uma nota intitulada “O Carnaval em Santo Antônio de Jesus”, traz a descrição dos dias de Carnaval:

‘Carnaval em Santo Antonio de Jesus’... É um modo de dizer. Não tivemos Carnaval. O domingo, então, passou de todo alheio ao tradicional divertimento pagão. Todo mundo esperava que perambulassem saltitantes nas ruas, mas foi uma decepção. Nem um mascarado, um simples Pierrot, uma Colombina errante nada, o domingo passou virgem no que tange a esse ‘pecado’.<sup>208</sup>

A ausência do carnaval nas ruas da cidade mais uma vez é ressaltada. Entretanto, os foliões não estavam adormecidos. Pode ser que houvesse entre eles, representantes das elites, mas não o suficiente para o jornal considerar que teria existido carnaval em 1942.

Em fevereiro, as ruas não estavam povoadas de cordões, pranchas, carros de crítica e de realce, como desejavam as elites relacionadas com a escrita do jornal. Ao contrário dos preparativos anunciados para a micareta daquele mesmo ano, os jornalistas afirmam que poucos foliões estiveram nas ruas no segundo dia de comemoração.

Na terça-feira, o Zé Pereira adentrou nos pórticos da festa e ao longo do dia outros foliões apareceram, mas nenhum deles despertou o interesse dos jornalistas.

Porém terça-feira [...] de tarde, das 3 horas em diante recrudesciu o aparecimento dos fantasiados. Quase nada se viu de apurado e

<sup>208</sup> Carnaval em Santo Antônio de Jesus. *O Paladio*, Santo Antônio de Jesus 20 de fev. de 1942, nº 2.038, ano 41.

galante, quase nada a não ser um grupo de rapazes ao som de flautas e violões. Tudo mais que apareceu foram fantasiados e entrudos. [...] embaçados fazendo esgares e mesuras sem atrativos.<sup>209</sup>

Como pode não haver carnaval? O fato é que, o luxo, a elegância, o brilhantismo, a ordem, tão caros para o sonho de modernização, acalentado pelas elites, não encontrou aporte nos “embaçados” e “entrudos”. Todavia, isso não implica em ausência de carnaval. Muitas outras festas e manifestações poderiam ter acontecido naquele ano, além das citadas no próprio jornal, entretanto os participantes dos “entrudos” que faziam “mesuras sem atrativos” não residiam no seio das elites.

Uma tendência passa a marcar a data carnavalesca em Santo Antônio de Jesus – pelo menos para um setor envolvido. Na década de 1940, as elites se recolhem para os salões dos clubes realizando bailes e matinees, reservando sua saída às ruas, para a comemoração momesca do mês de abril.

Na micareta muitos bailes também eram realizados, mas nessa data as elites ocupavam os dois espaços: as ruas e os clubes. Enquanto no carnaval se fechavam cada vez mais nos espaços restritos.

Eis ai uma prova da boa orientação e fino gosto da sociedade: festejar por meio de reunião dançante os dias consagrados aos folguedos de Momo.

Não obstante os bons planos da elite, o zé-povo não deixará de fazer a sua festa de rua [...].<sup>210</sup>

Eram tão animados os bailes do Palmeirópolis.[pausa] A charanga, as luzes coloridas [...] as fantasias galantes. Era o alto do carnaval. Na micareta também tinha baile [...] a gente também saía pela rua, no cordão, na prancha [...] todas de fantasia elegante, desfilava na rua [...] o cordão era elogiado por onde passava. Inocentes em Progresso, era o nome do cordão. [...] depois sempre tinha baile pra encerrar a festa.<sup>211</sup>

As elites nos famosos bailes do Palmeirópolis, os populares dominando as ruas e praças, saltitando, colorindo, fervilhando os espaços públicos de Santo Antônio de Jesus.

<sup>209</sup> Carnaval em Santo Antônio de Jesus. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus 20 de fev. de 1942, nº 2.038, ano 41.

<sup>210</sup> Um Carnaval digno de nota. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus. 13 de fev. de 1941, nº 1.989, ano 40.

<sup>211</sup> N. Gomes, 83 anos. Aposentada. Entrevista realizada em 07/10/2007. Santo Antônio de Jesus.

O olhar direcionado para o espaço da festa, transcrito nas páginas do Paládio, parte do seio das elites e está ‘embaçado’ pelo ideal de modernização. Esse olhar não consegue – ou opta por não conseguir – reconhecer nas manifestações dos populares expressões do carnaval.

Para as elites envolvidas com O Paládio, as ruas da cidade durante o carnaval, estavam imersas no “[...] sono, em trevas que parecem não ter fim [...]” e apenas a Micareta com as suas exibições vibrantes poderia fazer frente a esse processo: “Felizmente, no 2º Carnaval, os farroupilhas freiam os seus entrudos, para render francos elogios e admirar o desfile organizado e brilhante das senhorinhas que são o melhor estrato da nossa terra.”<sup>212</sup>

A partir de 1942 se tornam cada vez mais freqüentes no jornal, protestos contra o desaparecimento do carnaval, ao passo que as descrições de manifestações nos dias de carnaval nas ruas da cidade, diminuem ou são ausentes.

Em 1949 foi publicada na primeira página do jornal O Paládio, com o título “Carnaval na Bahia”, uma nota interessante, não apenas para pensar o processo de arrefecimento da festa, mas para pensar a origem das festas carnavalescas no espaço santantoniense. Vejamos:

A Bahia, ou melhor – a cidade do Salvador, vae ter o seu luxuoso Carnaval em o ano fluente. Nós no interior deveríamos fazer também o Carnaval, senão com a pompa das grandes cidades, ao menos com a beleza que os nossos recursos pudessem criar e suportar. Mas cruzamos os braços todo o ano na quadra carnavalesca. Cruzamos os braços com vislumbres tais de indiferença, que chega a parecer que não possuímos mais a fibra do gosto pelas coisas belas e que os nervos do prazer morreram todos gelados em o nosso organismo. Pois, não há dinheiro para o custeio de tantas outras festas? Há, está provado que há.

[...]

Já se fizeram festas carnavalescas aqui na cidade. Atraentes clubes já se exibiram em nossas ruas há uns 36 anos, ou pouco menos. Ninguém sabe porque morreu o calor que entre nos acendia o facho do entusiasmo para a celebração ruidosa dos folguedos pagãos. É necessário que esse calor volte a dominar nossas almas.<sup>213</sup>

O referencial da capital da Bahia é mais uma vez colocada na discussão fazendo emergir das páginas do jornal a necessidade – da elite – de realizar uma festa que “alegra e aviventa”, mas também ratifica os “foros progressistas” da Cidade

<sup>212</sup> O Paládio, Santo Antônio de Jesus, 12 de fev. 1946.

<sup>213</sup> Carnaval na Bahia. O Paládio, Santo Antônio de Jesus, p. 01, 03 de fev. 1949, nº 2.301, ano 48.

das Flores. Santo Antônio de Jesus deveria seguir os passos da capital – reduto da modernização e exemplo para as cidades do interior.

Nas linhas finais o autor remete para o carnaval de 36 anos atrás – o jornal é publicado em 1949 – o que nos leva a acreditar que na segunda década do século XX já existiam comemorações carnavalescas em Santo Antônio de Jesus. Outros indícios apontam nesse mesmo sentido. Não encontramos testemunhas das primeiras festas carnavalescas, mas em alguns depoimentos surgem lembranças referentes a essas festas:

Gostava muito de brincar o carnaval. Era uma festança boa [...] naquele tempo que era brinquedo bom. Minha família toda saía pra brincar: minha mãe, meus irmãos, o pai, todo mundo ia. [...] minha mãe sempre contava das festas que ela ia no tempo de moça. Sentava de noitinha na varanda e contava do desfile, das fantasias, dos clubes [...] reunia sempre um grupo e vinha pra ver a festa. Naquela época ela não morava aqui ainda, ela morava em Nazaré. Veio pra cá depois que casou. Chegou aqui em 1917.<sup>214</sup>

Os clubes carnavalescos desfilaram animados nas ruas santantonienses desde meados da segunda década do século XX. Acompanhados pelos cordões e grupos da Micareta, animaram as ruas, praças e salões nas décadas de 1920 e 1930. Despertaram risos, alegrias e paixões naqueles que assistiam e participavam da festa. A partir de 1940 surgem os primeiros indícios de redução dos animados desfiles dos clubes carnavalescos. A Micareta, por outro lado, está em ascensão.

É preciso pontuar um dado importante: nos primeiros anos a década de 1950, não só a ausência do carnaval despertava protestos: a micareta, tão elogiada e amada, não estava mais nos seus “dias de ouro”.

Estavam arrefecendo as manifestações carnavalescas e micaremicas, que por muito tempo foram consideradas como símbolos da presença da modernização de Santo Antônio de Jesus: “A nossa Micareta, este ano, apesar de não ter correspondido á expectativa dos anos anteriores, porém não se deixou de brincar um pouquinho”.<sup>215</sup>

“Sem as grandes vibrações dos anos anteriores, as festas da Micareta [...]” se apresentam nos anos 50 do século XX, sem o luxo enaltecido nas décadas antecedentes, como parte de um processo de modernização experimentado pela

<sup>214</sup> Rita Sousa, 78 anos, aposentada. Entrevista realizada em 14/01/2008. Santo Antônio de Jesus.

<sup>215</sup> A Micareta. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 8 de abr. de 1951,p.01, nº 188, ano 4.

cidade. Dessa forma, satisfaziam “[...] mais ou menos, o anseio e a expectativa dos que não dispõem o torvelinho e o movimento das horas alegres.”<sup>216</sup>

A partir de 1950, as festas carnavalescas não desaparecem, mas as elites se retiram ou diminuem a sua participação efetiva nessas datas. Afinal, o que poderia ser identificado com progresso eram os cordões brilhantes e luxuosos.

Mas, porque a elite se retira do cenário da festa? Porque não podia custear o luxo que poderia ser identificado com modernização; porque os populares estavam cada vez mais presentes nas ruas da cidade durante as festas; porque há uma mudança de interesse em alguns setores das elites e o desejo de organizar e custear as ditas festas desaparece. São explicações possíveis, que não se anulam, mas caminham juntas.

Há uma crise com a perda dos ícones que serviam de referência para o sonho de modernidade. Uma crise que se reflete na emergência de notas carregadas de saudosismo evocando as imagens dos carnavais e micaretas passados.

Nessa pesquisa, as memórias evocadas pelos entrevistados estão carregadas de saudosismo. Mas, nas notas publicadas nos jornais, sobretudo a partir de 1950, reconhecemos um tom que perpassa a todas: o sentimento de perda de um símbolo, de uma festa que identificava e destacava a cidade na região.

O Carnaval... nos braços de Morfeu – nota já evidenciada nesse texto – publicada em fevereiro de 1950, é um exemplo marcante da nostalgia que encontramos nas páginas dos jornais em um período em que as festas ainda existiam nas ruas da cidade.

O redator do texto inicia com uma vibrante descrição de uma “[...] verdadeira festa de cores” que teria encantado seus “olhos de repórter”, lançando-o em um “[...] sonho cor de rosa [...] aos paramos asuis da cocaina, da fantasia e da ilusão [...]”; para em seguida revelar que tudo “[...] não passa de uma ironia, pois a verdade é que [...] Santo Antônio, com relação às festas de Momo [...]” estava mergulhada em “uma frieza enervante”.<sup>217</sup>

Dos grandes desfiles, passando pelas notas de protesto contra o retraimento da festa carnavalesca, às imagens selecionadas pela memória para serem lembradas. No próximo item vamos analisar as relações entre os participantes –

---

<sup>216</sup> A Mi-careta se apresentou como pode. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 23 abr. 1950, p. 01, n° 141, ano 3.

<sup>217</sup> O Carnaval... nos braços de Morfeu. **O Detetive**, Santo Antônio de Jesus, 26 de fev. 1950, p. 01, n° 133, ano 3.

expectadores ou integrantes dos grupos – e a micareta, explorando as narrativas elaboradas pelos entrevistados, sobre a festa.

### 4.3 Nos recantos da memória

O trabalho da memória privilegia determinadas imagens em detrimento de outras. As escolhas têm seus laços fincados nas circunstâncias e valores de uma época. Quando os participantes da festa rememoram os dias de folia, evocam uma imagem do passado, conduzida por uma marca indelével do presente.

A evocação de um passado repleto de harmonia e alegria em dias de micareta, funciona como uma válvula de escape de uma história recente em que a festa é marcada pela violência, e mais; uma festa que o corpo envelhecido não pode acompanhar com a mesma vibração da juventude.

Era festança boa essa micareta. Se voltasse era bom, né. [...] mas hoje eu não vo [sic] mais pra essas festa. Só tem bandalera, só tem bandalera. [...] tinha muito grupo que saia pela rua. Já fiz batucada. Saia nos grupo [sic] pela cidade chamano pra [sic] festa, anunciano [sic]. Era uma alegria [pausa] não é mais pra mim. A mocidade pode levar a festa, fazer de novo [pausa] pra mim não da mais não.<sup>218</sup>

O corpo que faz emergir as lembranças já não pode imprimir o mesmo ritmo às canções; seu movimento não é mais tão ágil. O tamborilar dos dedos sobre a mesa não segue o mesmo compasso dos versos carnavalescos que animaram os desfiles dos blocos durante a micareta.

O corpo vetusto desloca o olhar no tempo, para alcançar o tempo em que o corpo jovem, encenava os animados desfiles ao lado dos amigos e companheiros do trabalho:

Da lida, do dia-a-dia [...] a gente tava [sic] junto na lida, batendo massa, levantano [sic] casa [...] e se juntava pra batucar na festa. Era duas vez no ano: no carnaval e na micareta. Mas eu gostava mesmo era da micareta. [...] Saia marujada, batucada. Tinha grupo de todas rua aqui. Da Juraci, Barros e Almeida, Rua da Linha, Santo Antonio, e por aí vai.<sup>219</sup>

<sup>218</sup> R. G. Santos, 80 anos. Lavrador. Entrevista realizada em 26/07/2008. Muniz Ferreira.

<sup>219</sup> Almerindo Queiroz, 86 anos. Pedreiro. Entrevista realizada em 05/05/2007. Santo Antônio de Jesus.

Selecionando o que mais lhe apraz nas vias do passado, as narrativas dos depoentes, têm a marca do saudosismo que revela um sentimento de tristeza direcionado às festas que desapareceram das ruas da cidade. Mas, também são marcadas pelo contentamento que emerge quando o exercício da memória esmiúça as lembranças da festa fazendo-a despertar do sono e desfilar – com as sonoridades escolhidas – nos caminhos da memória.

Brinquei muito no cordão e na prancha. Na prancha sempre desfilava a rainha com as princesas. Outras moças também iam junto. [...] a gente enfeitava tudo com flores, papéis coloridos, fitas coloridas. Enfeitava as ruas também [...] as casas sempre tinham o colorido da festa e o cantarolar das músicas que a gente ia aprendendo ouvindo no auto-falante. [...] A gente passava pelas ruas enfeitadas e o povo tava lá. Nos passeios, nas janelas, para ver a gente passar nas pranchas [...] muita gente ia caminhando também. O cordão era sempre animado, sempre colorido [...] com a charanga da Carlos Gomes.<sup>220</sup>

Participante dos cortejos de cordões e pranchas alegóricas das senhorinhas, a entrevistada traz para a superfície da memória lembranças que preenchem a micareta de uma tonalidade alegre e colorida.

Começava o ensaio e era como se já fosse o dia da festa. Ensaiaava muito, desde antes do carnaval até o dia que o cordão ia sair na micareta. Tudo pra garantir o sucesso do desfile. Eram muitos grupos e todo mundo queria ser admirado por onde passava. Queria que o povo acompanhasse animado o desfile, queria ser o brilho da festa.<sup>221</sup>

Os esforços e os cuidados são direcionados para a realização da micareta que concentrava as atenções das elites locais. As apresentações eram elaboradas com dedicação. Cada detalhe era imprescindível para alcançar os resultados pretendidos: “garantir o sucesso”, “ser admirado”, “ser o brilho da festa”, e mostrar como se comemora de maneira moderna a festa da micareta.

A micareta despertou uma paixão que resistiu ao tempo e ganha força, à medida que a narrativa prossegue.

É como se eu pudesse ouvir agora o som da música, os versos: [faz uma pausa e depois começa a cantarolar] A Colombina chegou, está chamando Arlequim, vamos dançar meu amor, do começo ao fim. A micareta chegou, com muita animação, trazendo muita alegria, pr'o seu coração. [pausa] era um tempo bom, a gente se divertia, ria. Era

<sup>220</sup> R. Muricy. Santos, 82 anos, aposentada. Entrevista realizada em 10/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

<sup>221</sup> R. Muricy. Santos, 82 anos, aposentada. Entrevista realizada em 10/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

um gosto fazer um desfile bonito, cheio de luxo, de brilho. Todo mundo gostava. [...] ficava mais contente quando o povo ia com a gente, cantano a música. Era um coro de alegria. [...] Terminava um desfile ficava na espera do próximo ano. Já ficava com saudade. As vezes desfilava com todos os cordões uns dias depois [...] outras cidades convidavam o grupo pra participar de alguma festa. A gente adorava quando podia desfilar de novo [...] era pra isso que a gente ensaiava: pra ser admirado por onde passava. Era o nosso contentamento.<sup>222</sup>

A prova do sucesso dependia da resposta do público. Dentre os expectadores da festa estavam outros foliões, moradores da cidade e do campo, visitantes de outras cidades, em fim, representantes das elites e dos setores mais populares. A adesão desse grupo tão diverso ao cortejo, significava o sucesso e a compensação pelo esforço das organizadoras para levar às ruas, belos cordões e luxuosas pranchas.

Na voz que entoava os versos carnavalescos, as cenas da micareta ganham a vida e o brilho emanados do tempo em que os grandes desfiles tomavam as ruas da cidade. Na memória dos que vivenciaram a micareta dos cordões, ecoam as notas eloqüentes d'O Paladio, ressaltando o afinco com as senhorinhas organizam os cordões.

Os preparativos para a Micareta são animadores. As Diretoras dos cordões, em visita a redação d'O Paladio, anunciaram brilhantes e graciosas apresentações que se organizam para enrubescer o publico com saudável contentamento. Avante senhorinhas!<sup>223</sup>

As senhorinhas eram impulsionadas em direção às graciosas apresentações. Aclamadas pelo público seus cordões eram sinônimo de luxo e elegância. Das idéias que incidiam sobre o espaço da festa e a participação das senhorinhas, ainda é possível encontrar as fibras, nas falas dos homens e mulheres que atuaram naquele tempo.

Décadas depois do seu desaparecimento das ruas, a micareta dos cordões e batucadas, encenada nas ruas da memória funciona ainda como válvula de escape. Quando estava nas ruas da cidade era lugar de riso, de rir de si, do outro e da própria vida. Nas “críticas espirituosas” os grupos foliões riam do trabalho, dos costumes e da própria festa.

<sup>222</sup> Angélica de Oliveira, 76 anos, professora. Entrevista realizada em 09/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

<sup>223</sup> Uma festa brilhante. **O Paladio**, Santo Antônio de Jesus, 25 de mar. 1945.

Os depoimentos parecem querer reafirmar sempre o clima pacífico em que as festas ocorriam, contrapondo a micareta dos cordões há um passado recente em que a violência teria dominado as ruas.

Na memória, recoberta pela densa névoa do esquecimento, as fendas permitem a passagem da luz que ilumina este ou aquele momento para ser lembrado como verdade. As lembranças (re)elaboradas ao longo da vida são representações das vivências festivas. Entretanto, elas emergem na voz dos depoentes como verdade.

Desde a seleção de imagens a serem lembradas, os versos que permanecem na memória, as cores revividas, até a narração, o que se constrói é uma representação do passado vivido, formada sob a luz de toda a história do narrador – e também do seu presente.

\*\*\*

Uma voz captada no período de pesquisa encerrou a nostalgia da sua fala em relação às festas populares na cidade de Santo Antônio de Jesus, na seguinte frase: “Se o passado voltasse era bom”<sup>224</sup>. Esse trecho é representativo das feições idílicas que o passado assume no ínterim do ato de rememorar e narrar os elementos selecionados pela memória.

Este indivíduo atribui um valor maior ao passado. Mas o que há no presente que leva tantas memórias a idealizarem o passado como algo significativamente melhor? O fato é que repetidas vezes o querer manifesto nos depoimentos volta-se para os anos idos, para festas banidas das ruas, para a “condenação” do agora:

[...] pelo jornal eu tenho lutado e escrito muito a respeito do desaparecimento das festas. Porque são tradições e sendo uma tradição é um apoio para a civilização de agora e o futuro. A gente se baseia na tradição pra saber do passado[...] falta o apoio oficial. Só se preocupam em trazer banda e coloca aí pra gritar até de manhã.<sup>225</sup>

Pairam na atmosfera social do nosso tempo eflúvios saudosistas. Esse indício é captado nas reminiscências de indivíduos que presenciaram transformações

<sup>224</sup> Lourenço Santana Cruz. 91 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 02/12/2006. Santo Antônio de Jesus.

<sup>225</sup> Lamartine Augusto de Souza Vieira. 72 anos. Professor, jornalista e escritor. Entrevista realizada em 10/03/2007. Nazaré.

profundas na sociedade. O discurso conduz a uma imagem de mudança e desaparecimento de algumas práticas e em contraponto o surgimento de novas formas de conceber o ato de festejar apontado como algo de menor valor que as práticas festivas que sobrevivem apenas na memória.

Não só transformações externas impelem os indivíduos a voltarem os olhos ao passado; a debilidade do corpo que acompanha o envelhecimento pode ser um fator determinante. Assim o saudosismo não se dirige apenas à proximidade comunitária que gerava a festa sob moldes diferenciados, mas ao que fisicamente era possível realizar. Os historiadores com frequência se deparam com “histórias de passados pessoais que são meios de dar sentido à exclusão e à perda nas vidas atuais de idosos.”<sup>226</sup>

Dessa maneira:

As comparações entre as ‘alegrias’ no passado e os momentos presentes sincronizam-se [...] ao jogo da vida, sem descartar possibilidades futuras expressas na e pela voz da memória. À medida que os trabalhadores reelaboram suas memórias, mostram-se capazes de enfrentar as tradições seletivas com a qualidade de sujeitos ativos de sua própria história. São envolvimento nos mutantes modos de vida e de luta que, em vez de surpreenderem simples contradições formais, revelam alternativas de interpretação do como experimentaram condicionamentos vividos historicamente.<sup>227</sup>

O passado é reelaborado constantemente sob a perspectiva das experiências e vivências presentes. Em meio às reminiscências manifesta-se a resistência e a capitulação perante a desestruturação dos festejos. Embora as narrativas dos entrevistados apresentem um ponto de convergência – a idealização do passado – é preciso salientar um fator imprescindível ao trabalho com as fontes orais: como acentua Alessandro Portelli:

[...] o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. [...] a memória é social [...] é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são [...] exatamente iguais.<sup>228</sup>

<sup>226</sup> THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: **Usos e abusos da história oral**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 85

<sup>227</sup> SANTANA, 1998, p. 138.

<sup>228</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**, (15), abril de 1997. p. 16.

Assim, o ato de rememorar condicionado às vivências do indivíduo no tempo pode apresentar pontos convergentes. Nas vozes que externaram as lembranças do festejar em Santo Antônio de Jesus, a idealização do passado é um elemento marcante.

Queria que voltasse porque é uma festa muito bonita[...] e também o terno de reis, ele faz assim uma coisa de religião[...] essas festas bonitas fazem muita falta. Festa que por mim não voltava é a Micareta na praça. Muito braba, muito violenta.<sup>229</sup>

Além da nostalgia o trecho nos indica um outro fator que é apontado como uma das causas do desaparecimento da Micareta nas ruas santantonienses: a violência.

A memória não está restrita ao passado, inerte e imutável: é algo vivo e mutante. O passado não sobrevive tal como ocorreu, ou seja, lembrar não é reviver, é refazer, repensar a partir de imagens e idéias presentes, as experiências do passado.

A sociedade é um texto escrito de muitas maneiras, de muitos pontos e mãos; texto manipulável e incorrigivelmente humano. E é preciso ter “[...] aptidão para ler, em tudo – tanto na natureza quanto nos costumes do homem e até nas suas idéias (nos seus conceitos abstratos) – os indícios da marcha do tempo.”<sup>230</sup>

---

<sup>229</sup> Crispina de Araújo de Jesus, 52 anos. Feirante. Entrevista realizada em 20/03/2006. Santo Antônio de Jesus.

<sup>230</sup> BAKHTIN, Mikhail M. O espaço e o Tempo. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 243.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos meses de pesquisa, muitas vezes caminhei pelas ruas de Santo Antônio de Jesus; pelas ruas que presenciaram o desfile de senhorinhas, de batucadas e máscaras farroupilhas. Enquanto caminhava, ecoavam as vozes que, durante o processo de entrevista, narraram os cortejos da micareta. As sonoridades emanam também das páginas envelhecidas dos jornais, dando ritmo aos versos, colorindo as fantasias, carros alegóricos e máscaras que emergem entre os vestígios do passado.

O exercício historiográfico é também um exercício de imaginação. Tateando as ranhuras do tempo, encontramos a cidade – Santo Antônio de Jesus – e a micareta. No período estudado, ambas são trabalhadas pela imaginação e representadas sob a luz da modernidade. Sobre essas representações detemos o nosso olhar a procura dos sentidos de festejar a micareta e alimentar as idéias de modernização.

Lidar com as fontes do acervo composto durante os meses de pesquisa torna possível revelar nuances intrigantes das dinâmicas inerentes à realização da micareta entre os anos de 1930 e 1950. Inscritas nas linhas e entrelinhas dos documentos, estão expectativas e tensões que permearam as sociabilidades de um espaço consagrado ao divertimento e ao riso que pode rir de tudo, até mesmo de si.

Os jornais do período fazem referência a uma modernidade. Contudo, a prática não se equipara ao discurso. Podemos falar então em uma modernização; uma série de reformas urbanas que suscitam discursos inflamados em prol da construção de um viver urbano ideal.

As idéias de modernização, fervilhantes no período, projetam sobre a cidade real, uma cidade ideal, imaginária. As projeções formuladas nessa atmosfera ultrapassam as reais condições de Santo Antônio de Jesus – vão além de sua estrutura física e de suas reais possibilidades de implementar reformas modernizadoras.

O afã modernizador incide também sobre a festa. Nos jornais a micareta é descrita em seus cortejos luxuosos, em notas carregadas de adjetivos valorizando a grandeza da festa nas ruas da cidade. Entretanto, analisar o contexto em que vivia Santo Antônio de Jesus nesse período nos faz pensar que em alguns anos a festa descrita não encontrou correspondência na festa realizada.

Poderíamos então aventar a possibilidade de existir nesse momento histórico, além de uma festa real, uma festa ideal, imaginária, construída para se adequar à imagem de modernização que se queria imprimir na cidade.

Por mais que não houvessem transformações profundas no espaço santantoniense, as representações gestadas pelas elites demarcam condutas preferenciais; instituem valores não restritos ao período estudado. As idéias de modernização são cultivadas e reconfiguram as formas de ser, viver e ver a sociedade. Preferencial, a partir de então, era aderir às novidades vindas da capital, voltar os olhos para o novo e viver de acordo com os parâmetros da modernização.

De acordo com esse pressuposto, a micareta se transforma, assimilando conteúdos e novidades ao longo do século XX. Abandona algumas práticas e assimila outras, de acordo com o momento vivido pela cidade.

Observar a micareta no espaço compreendido entre 1930 e 1990 é focalizar festas diferenciadas, que, para além das permanências, vivenciam mudanças profundas nas formas de festejar. Mesmo que a modernidade efetivamente não estivesse presente na cidade, era necessário parecer moderno, pensar e viver como um cidadão inserido na modernidade. Esse sentimento pode ser constatado ainda hoje.

Nas décadas de 30 e 40 do século passado, para ser, viver e ver como cidadão da modernidade era imprescindível comemorar a micareta. Mas, como foi mostrado nas páginas deste trabalho, a micareta era composta de diversas festas e nem todas as formas de brincar nesse espaço de folia eram consideradas sinônimos de modernidade.

O discurso das elites focaliza o espaço festivo com colorações de acirrada disputa entre os cordões das senhorinhas, bem organizados e bem vestidos, de acordo com o postulado da modernidade, e os farroupilhas e desasseiados que, segundo o olhar elitista, destoavam dos ares modernistas predominantes nas ruas santantonienses.

Apesar disso, não encontramos indícios de violência entre os grupos envolvidos na festa, nem mesmo nas tentativas de inibir a participações dos farroupilhas. As tentativas de controle eram engendradas pelo discurso e nesse permaneciam as notas mais violentas da separação entre o que era preferencial e não preferencial no cerne da modernização santantoniense.

Nos movimentados dias de comemoração da micareta se desenvolviam nas ruas as trocas e não embates acirrados pelo domínio do espaço festivo. As senhorinhas reivindicavam o seu lugar de símbolo da modernização, exibindo seus cordões farfalhantes ornados com as novidades da capital. As informações, as formas de brincar circulavam entre os grupos.

As senhorinhas eram influenciadas pelos outros grupos e seus desfiles também dependiam dos componentes das filarmônicas da cidade, compostas, sobretudo pelos setores menos abastados. Os farroupilhas também organizavam as suas exibições observando o espaço festivo.

Os populares, sem recursos para buscar os apetrechos e indumentárias de inspiração soteropolitana, tinham como referência os cordões das senhorinhas e uma criatividade que manejavam os assuntos do trabalho, do cotidiano e do amor. Com fantasias e instrumentos improvisados, ou não, ocupavam o espaço da cidade, reclamando o seu lugar de festejar. Aderindo às formas usadas pelas elites ou festejando Momo à sua maneira, os grupos populares representavam uma parte importante das festividades da micareta.

Os elementos dispostos no campo da festa desencadeiam a reelaboração das formas de festejar a partir da apropriação de modelos usados pelos grupos. Os expectadores, participantes, elites e populares ocupam o espaço da micareta, fazendo dele um lugar de riso, de brincar com personagens, fantasias e máscaras: um lugar de trocas culturais.

Entre as diversas festividades que compunham a micareta, foram construídos significados diversos para as práticas que recobriam as ruas santantonienses. Os sentidos da folia estão intimamente relacionados aos grupos envolvidos com a festa. Para as elites, além do sentido de diversão inerente à carnavalização, estar na festa, organizá-la, significava aderir ao movimento da modernização e uma oportunidade de mostrar uma das formas de modernização, constituído dos desfiles dos grupos de senhorinhas bem organizados, bem trajados e bem ensaiados.

Para os populares, presentes de forma marcante na micareta e também no carnaval, prevalece o sentido da diversão. A micareta, para esses participantes, era o lugar do riso.

O cotidiano estava na festa em forma de versos e músicas: o trabalho, as dificuldades, os amores, as decepções e a própria festa assumiam nesse espaço o

tom multicolor, conferido pelo riso carnavalesco. Através do riso, as tensões cotidianas eram amainadas.

Entre os versos que brincavam com o cotidiano e as fantasias improvisadas os grupos populares afirmavam a sua presença na vida social citadina e no espaço de sociabilidade da micareta santantoniense. De forma consciente ou não, frente à campanha das elites pela retirada dos farroupilhas das ruas, os populares requeriam o seu direito de participar das aclamadas festividades da micareta; de brincar, rir e provocar o riso.

Os sentidos diferenciados são construídos na festa. A micareta, para além da diversão e das idéias de modernização, era lugar de sociabilidade, no qual a população da cidade – e da região – se encontrava e comunicava experiências, impressões e leituras. No movimento da festa, há uma circularidade que enriquece a micareta de Santo Antônio de Jesus e a vida dos brincantes.

Lugar de encontro, troca e expressão, a micareta representava uma data importante para a vida social santantoniense. Para as elites, era um meio de expressar seus anseios. Os populares utilizavam fantasias, máscaras e músicas para rir de tudo, da vida e da própria festa.

Os cordões, os bailes farfalhantes, as batucadas e as pranchas alegóricas dominavam a cidade, preenchendo as ruas com os desfiles coloridos. As sonoridades carnavalescas ecoavam pela cidade. Entre as cores e os versos, a micareta tomava forma no espaço citadino e nos domínios da memória.

As festividades comportavam a alegria que contagiava os foliões; atraía o público e os participantes de outras cidades; motivava viagens à Salvador em busca de novidades. Santo Antônio de Jesus vivenciava a micareta intensamente entre o contentamento de brincar, batucar e requebrar pelas ruas e a expectativa da festa do ano vindouro.

O movimento das ruas se deslocava para a memória, retornando apenas no ano seguinte. Nesse processo a festa é sempre reelaborada e marcada com a influência da novidade. A organização da micareta é motivada pelos ares da modernidade e da diversão.

Os modelos preferenciais mudam e quando o trio elétrico assume o posto de novidade na festa, os cordões, pranchas alegóricas, batucadas e Zé-pereiras estão em processo de migração para o espaço da memória.

As lembranças afloram no desenrolar das narrativas, trazendo a tona essas festas que há muito tempo não estão presentes nas ruas da cidade. Marcada pelo saudosismo, a micareta é cantada no ritmo das charangas.

Da memória e das páginas dos jornais a micareta veio desfilas nessas páginas que expressaram seu movimento, analisando os sentidos de compor suas festas nas décadas de 1930 e 1940. Caminhamos pelas ruas da cidade e da memória em busca dos vestígios para compor o trabalho que finda nessas linhas.

Para um texto de história, com seus laços fincados em determinado tempo e espaço social, o ponto final não implica em um fim. É sempre um até breve. Até que outras questões sejam formuladas, até que os indícios de um outro tempo, recobertos pela poeira dos anos, sejam notados pelo olhar daquele que se dedica a desfiar e (re)tecer as malhas da história.

## FONTES

### 1. Fontes orais:

A. P. Moraes, comerciante. 76 anos. Entrevista realizada em 02/03/2009.

A. S. Almeida, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 27/01/ 2008.

Almerindo Queiroz, 86 anos. Pedreiro. Entrevista realizada em 05/05/2007. Santo Antônio de Jesus.

Angélica de Oliveira, 76 anos, professora. Entrevista realizada em 09/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

Augusto Soares da Silva, 87 anos. Feirante. Entrevista realizada em 13/12/2005. Santo Antônio de Jesus.

Crispina de Araújo de Jesus, 52 anos. Feirante. Entrevista realizada em 20/03/2006. Santo Antônio de Jesus.

Cristina Ferreira, 84 anos, feirante. Entrevista realizada em 26/10/2007.

E. F. Soares, 82 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 25/ 03/ 2008.

João Sousa, 83 anos. Feirante. Entrevista realizada em 19/04/2007.

José Almerindo dos Santos, 78 anos. Aposentado. Entrevista realizada em 06/ 04/2005.

Lamartine Augusto de Souza Vieira. 72 anos. Professor, jornalista e escritor. Entrevista realizada em 10/03/ 2007. Nazaré.

Lourenço Santana, integrante da filarmônica Carlos Gomes. Pedreiro. Entrevista realizada em 02/08/2007. Santo Antônio de Jesus.

Manoel dos Santos, 79 anos. Feirante. Entrevista realizada em 23/ 05/ 2006. Santo Antônio de Jesus.

N. Gomes, 83 anos. Aposentada. Entrevista realizada em 07/10/2007. Santo Antônio de Jesus.

Neide Santos, 87 anos. Professora. Entrevista realizada em 03/04/2008.

R. F. Santos, 85 anos. Professora. Entrevista realizada em 23/03/2008. Santo Antônio de Jesus.

R. M. Santos, 82 anos. Aposentada. Entrevista realizada em 10/04/2005. Santo Antônio de Jesus.

Rafael Galvão Santos, 80 anos. Lavrador. Entrevista realizada em 26/07/2008. Santo Antônio de Jesus.

Rita Sousa, 78 anos. Aposentada. Entrevista realizada em 14/01/2008. Santo Antônio de Jesus.

## **2. Fontes impressas:**

SALES, Geraldo Pessoa. Santo Antônio de Jesus -1965 - A cidade que encontrei. Santo Antônio de Jesus.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.. **Santo Antônio de Jesus**. Ministério do interior. Super DEPAD: Divisão de Mecnografia. Março de 1981. (Trata-se de uma monografia elaborado por representantes do Banco do Nordeste sobre a região de Santo Antônio de Jesus. É possível encontrar uma cópia do referido material, bem como outros estudos da cidade, na pasta Santo Antônio de Jesus em poder da biblioteca municipal da cidade.)

## **3. Periódicos**

Jornal O Paladio

Jornal O Detetive

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Festas e cultura popular na formação do “povo brasileiro”. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 16, fevereiro de 1998.

ALBUQUERQUE, Wlamira Ribeiro de. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)**. Campinas, SP: editora da UNICAMP/ Centro de Pesquisa em História Social, 1999.

BAKHTIN, Mikhail M. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

\_\_\_\_\_. O espaço e o Tempo. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARLOS, Ana Fani A. o lugar e as práticas cotidianas. In: GONÇALVES, Neyde Maria S.; SILVA, Maria Auxiliadora da.; LAGE, Creuza Santos (orgs). **Os lugares do mundo: a globalização dos lugares**. Salvador: UFBa, 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: \_\_\_\_\_. **Encruzilhadas do Labirinto II: Domínios do Homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CERTEAU, Michel De. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da Folia**: uma História Social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

FRY, Peter; CARRARA, Sérgio; MARTINS-COSTA, Ana Luiza. Negros e brancos co Carnaval da Velha República. In: REIS, João José. **Escravidão e Invenção da Liberdade**: estudo sobre o negro no Brasil. Brasiliense, 1988.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: \_\_\_\_\_. **Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG: Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: \_\_\_\_\_. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Riode Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, pp. 279-290. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/178.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/178.pdf). Acesso em: 16/10/2008.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, junho de 2007.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**, (15), abril de 1997.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.

SAMUEL, Raphael. Documentação: História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Volume 9, nº 19. Set. 89/fev. 90.

SANTANA, Charles d'Almeida. **Dimensão Histórico Cultural “ Cidades do recôncavo”**. Programa de Desenvolvimento regional Sustentável. Recôncavo Sul. CAR. Salvador Abril de 1999.

\_\_\_\_\_. **Fartura e Ventura camponesas:** trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950 -1980. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Jocélio Teles. Divertimentos Estrondosos: batuques e sambas no século XIX. In: SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles (orgs). **Ritmos em Trânsito:** sócio-antropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial: Salvador, BA: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.BA., 1997.

SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no Sertão da Bahia. In: **Projeto História:** Festas, ritos e celebrações. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Educ, nº 28, Janeiro – Junho 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. A ficção capciosa e a história traída. In: GLEDSON, John. **Machado de Assis:** ficção e história. Traduzido por Sônia Coutinho. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. **Tempo 7.** Rio de Janeiro, v. 7, p. 169-188, 1999.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: **Usos e abusos da história oral.** 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens.** Santo Antônio de Jesus, 2005.

VIANNA, Hildegardes. Do Entrudo ao Carnaval na Bahia. In: **Revista Brasileira de Folclore.** Ano V, n. 13, set/dez 1965.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. Diversidade no carnaval de Salvador – as manifestações afro-brasileiras (1876-1930). In: **Projeto História,** São Paulo, (14), fevereiro de 1997.

\_\_\_\_\_. Folgedos negros no carnaval de Salvador (1880-1930). In: SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles (orgs.). **Ritmos em Trânsito:** sócio-

antropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial: Salvador, BA: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.BA., 1997

\_\_\_\_\_. **A africanização do Carnaval de Salvador, BA:** a re-criação do espaço carnavalesco (1876-1930). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação, São Paulo, 1995.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)